

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
SOCIAL E INSTITUCIONAL

Brida Emanoele Spohn Cezar

MEMÓRIA EM DESVIO:
Paisagens em vertigem

Porto Alegre
Novembro de 2022

Brida Emanoele Spohn Cezar

MEMÓRIA EM DESVIO:
Paisagens em vertigem

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Psicologia Social e Institucional.

Orientador: Prof. Dr. Luis Artur Costa

Coorientadora: Prof^ª. Dra. Cláudia Vicari Zanatta

Porto Alegre

Novembro de 2022

Brida Emanoele Spohn Cezar

Banca examinadora da tese “Memória em desvio: paisagens em vertigem”, defendida em novembro de 2022:

Prof. Dr. Luis Artur Costa – Orientador – PPGPSI/UFRGS

Prof^ª. Dra. Cláudia Vicari Zanatta – Coorientadora – PPGAV/UFRGS

Prof^ª. Dra. Lucia Castello Branco – UFMG

Prof. Dr. Luciano Bedin da Costa – UFRGS

Prof. Dr. Luis Antonio dos Santos Baptista – UFES

Prof. Dr. Nelson Eduardo Estamado Rivero – UNISINOS

Dedico esta tese às mulheres que acreditam na força das sementes cultivadas,
e por isto reviram a terra com as mãos, plantam e esperam,
especialmente à minha vó Maria Meraci Heckler.

Agradecimentos

Agradeço imensamente aos professores Luis Artur Costa e Tania Mara Galli Fonseca por terem me acolhido no PPGPSI e apostado nesta pesquisa que se transformou ao longo dos últimos anos em tese e dissertação. A escuta e orientação de ambos mudou a minha vida. À professora Cláudia Vicari Zanatta, pela sua presença e generosa contribuição no percurso de elaboração das minhas experimentações com o barro. Ao professor Nelson Eduardo Estamado Rivero, por fazer parte da minha trajetória desde a graduação quando surgiram as primeiras inquietações e invenções na clínica e na pesquisa. Aos professores Luciano Bedin da Costa e Luis Antonio Baptista, por acompanharem as minhas andanças durante o mestrado e o doutorado de forma cuidadosa e sensível. À professora Lucia Castello Branco, pelos encontros-respiros com Maria Gabriela Llansol e pelo aceite para estar conosco na defesa final deste trabalho. À professora Claudia Luiza Caimi, por me apresentar Paranapiacaba. À professora Rosane Neves, pelo rigor e precisão de suas intervenções. Ao Israel Aquino, pela paciência e apoio institucional desde que ingressei no PPGPSI. À professora Zuleika Köhler Gonzales, por navegarmos juntas. Ao grupo de pesquisa Corpo, arte e clínica, pelos pertencimentos e durações. Ao grupo de pesquisa Políticas do narrar, pelos deslocamentos e reinvenções coletivas. Aos amigos que fiz na universidade: Moisés, Francine, Ana Laura, Raquel e Camilla. Às minhas vizinhas do Edifício Cinara, Ione e Renata, às companheiras da redenção, Cíntia e Renata, e às amigas de longa data: Géssica, Natana, Estefanea, Keitersani, Sarah, Poliana, Rafaela e Samanta. À Kiu, pela delicadeza dos instantes que compartilhamos. À Val, pela disponibilidade. À Mariana e sua família, Igor, Brisa, Jasmin e Martin, por nos receberem de forma tão afetiva quando desejei queimar as rodas de argila. Aos participantes das oficinas do projeto de extensão À escuta do barro. À Biblioteca Viva e ao NuTal por acreditarem nesta parceria e potencializarem as suas conexões. Às crianças, adolescentes, adultos e idosos que cotidianamente me constroem como psicóloga. À Nelma Campos Aragon e à Branca Regina Chedid, do Instituto Pichon-Rivière, pela confiança depositada no meu trabalho e pelos futuros gestados em conjunto. À Ariadene Porciúncula, Ilvo Fernando Port, Liane Pessin e Maria Célia Detoni, pelos espaços tão necessários de escuta e supervisão oferecidos às minhas práticas e vivências. Às paisagens que me constituíram e que seguem reverberando em meu corpo de memórias. Aos antigos moradores de Salvador

do Sul, por acreditarem na proposta de um grupo sobre as memórias da ferrovia já desativada há mais de cinquenta anos. Aos moradores de Paranapiacaba, por me ensinarem a sua política da amizade enquanto eu desconstruía o meu lugar de pesquisadora. Agradeço por todas as intensidades sofridas, pelos dias de chuva e neblina e pelas conversas que emergiram enquanto caminhávamos juntos. Às amigas que nasceram desta pesquisa e que levo comigo aonde vou: Benilde, Rosana, Regina, Márcia, Toni, Ale, Felipe, Edilson e Erick. Aos monitores ambientais, Israel e Lucimara, e aos funcionários da subprefeitura, Glaucia e Leandro, pela abertura ao diálogo. Aos trilhos, ao barro, aos fungos e às ruínas por tantas imagens e inquietações proporcionadas ao meu pensamento. Ao tempo – da decantação, da oxidação, da digestão, da decomposição e do esquecimento. Aos meus avós, pelo olhar, abrigo e afeto quando mais precisei. À minha mãe, pelos livros e pela arte pulsando desde sempre à minha volta. Ao meu pai, pelo apoio incondicional e entusiasmo com os meus projetos. Aos meus primos e irmãos, pelos recomeços. Às minhas tias e tios, pelas recordações incríveis. Aos animais que me cercam, pelo amparo quando existo somente para ler e escrever. Ao Geverton, por ser o primeiro a escutar o meu texto e dividir comigo há dez anos as alegrias e as dores do caminho. Aos versos-sementes que brotaram e a todos que ainda virão.

Allí donde todo es indeciso, no se puede vivir más que en un perpetuo desvío.

Maurice Blanchot.

Este tempo é um tempo de fragmentos.

Maria Gabriela Llansol.

Resumo

O presente trabalho se debruça sobre a questão da ética da memória afirmando-a desde uma perspectiva trágica e inventiva: não se trata de lutar para reaver o passado, conservando-o inalterado, tampouco de negá-lo ou combatê-lo em sua irreversibilidade e sobrevivência fragmentária, mas de produzir as enzimas necessárias para metabolizá-lo e incorporá-lo aos processos de luto e esquecimento. O esfacelamento das formas e o tremor ininterrupto das paisagens engendram a produção de desvios: o descarrilhamento dos trilhos da ferrovia em São Salvador leva à fabricação de narrativas que servem como locomotivas para os passageiros desembarcados na antiga estação desativada; o desmoronamento das colunas do patrimônio diante do imperativo de preservação da herança colonial em Paranapiacaba convoca o olhar da pesquisadora para os movimentos transgressores do fogo e dos fungos, incansáveis em promover a evaporação e a decomposição da matéria. O barro participa da constituição desta tese na medida em que oferece um território para os paradoxos da memória: a duração acompanhada pela transmutação, a sedimentação inseparável das fraturas, choques e explosões, a obra arregimentada pelos encontros e acasos, pela destruição e extravio implacáveis que se impõem a toda e qualquer imagem-verso-escultura suscetível aos arranjos, desarranjos e rearranjos do tempo. Se a pesquisa caminha sobre trilhos existentes e desaparecidos é para em algum momento adentrar uma montanha e de suas rochas extrair a argila que usará para modelar uma série de rodas com contornos irregulares. Tais círculos querem rolar pelo mundo, fazendo ver através de seus vãos os retratos efêmeros das paisagens: frutos e flores apodrecendo pelo chão, pássaros em voo, formigas devorando cogumelos, luzes de astros fugidios no céu. Há resquícios de cidades e corpos que inscreveram suas marcas na pele e na subjetividade da pesquisadora, responsável por recriá-las através da ficção na tentativa de transmitir um sopro acerca das intensidades sofridas durante o processo de produção do conhecimento. Aqui o pensamento está ora implicado com a decantação das memórias, ora afundado numa poça de lama, ora navegando à deriva nas águas turvas do esquecimento, ora ardendo nas chamas de uma fogueira, ora revirando as cinzas à procura das fagulhas andarilhas. Não existem paradas, apenas despedidas e recomeços.

Palavras-chave: Memória. Luto. Esquecimento. Barro. Fogo.

Abstract

The work herein focuses on the ethics of memory, affirming it from a tragic and inventive perspective: it is not a matter of struggling to recover the past to keep it unchanged, nor denying it or fighting it in its irreversibility and fragmentary survival, yet a matter of producing the enzymes needed to metabolize it and incorporate it to the processes of grief and forgetfulness. The crumbling of forms and the restless tremor of the landscapes engender the production of detours: the derailment of the railroad tracks in San Salvador leads to construction of narratives that serve as locomotives for the passengers that disembark at the old, deactivated station; the collapse of the heritage columns facing the imperative of preservation of the colonial heritage in Paranapiacaba calls upon the researcher's look to the transgressive movements of fire and fungi, as they unwearyingly promote the evaporation and the decomposition of matter. Clay participates of the constitution of this thesis as it offers a territory for the paradoxes of memory: the duration, accompanied of transmutation; the sedimentation, inseparable of fractures, shocks, and explosions; the work regimented by encounters and chance, by the ruthless destruction and misplacement that impose themselves over any image-verse-sculpture that is susceptible to arrangements, disarrangements, and rearrangements of time. If the research walks on existing and disappeared tracks, it is so to at some point enter a mountain and, from its rocks, extract the clay that will be used to model a series of wheels with irregular contours. Such circles want to roll around the world, making ephemeral portraits of landscapes: fruits and flowers rotting over the ground, birds flying, ants devouring mushrooms, lights from fleeting stars in the sky. There are remnants of cities and bodies that inscribed their marks on the skin and subjectivity of the researcher, that is responsible for recreating them through fiction, in an attempt to convey a breath about the intensities suffered during the process of producing knowledge. Here, thought is sometimes involved with the decanting of memories, sometimes sunk in a mud puddle, sometimes sailing adrift in the murky waters of forgetfulness, sometimes burning in the flames of a bonfire, sometimes tossing the ashes in search of wandering sparks. There are no stops, only farewells and new beginnings.

Keywords: Memory. Grief. Forgetfulness. Clay. Fire.

Lista de figuras

- Figura 1: Corpos debruçados sobre trilhos, 23
- Figura 2: Ruínas em movimento I, 30
- Figura 3: Ruínas em movimento II, 31
- Figura 4: Marcas do fogo, 36
- Figura 5: AR de arquivo. PA de palimpsesto, 38
- Figura 6: Sob os escombros, 53
- Figura 7: CR de criança. AN de anjo da história, 55
- Figura 8: Travessias do barro, 70
- Figura 9: FA de fagulha. PA de patrimônio, 72
- Figura 10: Chamas incendiárias I, 87
- Figura 11: FU de fumaça. NE de neblina, 89
- Figura 12: Chamas incendiárias II, 107
- Figura 13: AN de antropofagia. ES de esquecimento, 109
- Figura 14: Jogo, 124
- Figura 15: Delicadezas do buraco, 127
- Figura 16: Segurar a matéria do tempo, 129
- Figura 17: Escavar o solo, 131
- Figura 18: Espalhar os corpos queimados, 134
- Figura 19: Lascas sobreviventes, 138

Figura 20: Sobreposições: das rochas ao barro, 141

Figura 21: Decantação I, 147

Figura 22: Decantação II, 149

Figura 23: A caminho do mar I, 153

Figura 24: A caminho do mar II, 154

Figura 25: A caminho do mar III, 155

Figura 26: Decomposição I, 156

Figura 27: Composição com as cascas de pau brasil, 159

Figura 28: Círculos que se abrem sobre a grama, 164

Figura 29: Bailarina, 167

Figura 30: Palavras andarilhas, 170

Figura 31: Restos em desvio I, 176

Figura 32: Restos em desvio II, 177

Figura 33: Restos em desvio III, 180

Figura 34: Olhar através do barro I, 183

Figura 35: Pássaro-locomotiva na neblina, 185

Figura 36: Rodas mofadas, 198

Figura 37: Esfera-cidade de argila, 205

Figura 38: Olhar através do barro II, 210

Figura 39: Olhar através do barro III, 214

Figura 40: Olhar através do barro IV, 220

Figura 41: Decomposição II, 224

Sumário

Notas de embarque, 22

Memória-fagulha I, 24

Memória em desvio I, 26

Apito e fagulha I, 27

Memória em desvio II, 28

Rodas I, 29

Memória em desvio III, 32

Composições I, 33

Neblina I, 34

Parte I, 35

Memória-trilho I, 37

Memória-trilho II, 39

Palimpsesto I, 40

Antropofagia I, 41

Memória-patrimônio I, 42

Fumaça e neblina I, 43

Arquivo I, 44

Segredos I, 45

Memória-trilho III, 46

Memória-patrimônio II, 47

Arquivo II, 48

Varição I, 49

Palimpsesto II, 50

Arquivo III, 51

Parte II, 52

Ruínas I, 54

Memória-fagulha II, 56

Memória-trilho IV, 57

Relíquias I, 58

Memória-esquecimento I, 59

Desvios I, 60

Desvios II, 61

Desvios III, 62

Memória-esquecimento II, 63

Encontros I, 64

Desvios IV, 65

Ruínas II, 66

Desvios V, 67

Memória-trilho V, 68

Parte III, 69

Memória-patrimônio III, 71

Memória-patrimônio IV, 73

Memória-patrimônio V, 74

Desvios VI, 75

Memória-trilho VI, 76

Clube I, 77

Memória-patrimônio VI, 78

Árvores I, 79

Árvores II, 80

Campo I, 81

Memória-patrimônio VII, 82

Memória-patrimônio VIII, 83

Memória-fagulha III, 84

Memória-fagulha IV, 85

Parte IV, 86

Fumaça e neblina II, 88

Neblina II, 90

Fumaça e neblina III, 91

Neblina III, 92

Neblina IV, 93

Neblina V, 94

Neblina VI, 95

Segredos II, 96

Memória-fogo I, 97

Memória-fogo II, 98

Cinzas I, 99

Desvios VII, 100

Memória-fagulha V, 101

Memória-fogo III, 102

Memória-fogo IV, 103

Segredos III, 104

Cinzas II, 105

Parte V, 106

Antropofagia II, 108

Memória-patrimônio IX, 110

Memória-patrimônio X, 111

Desvios VIII, 112

Memória-esquecimento III, 113

Digestão I, 114

Digestão II, 115

Memória-trilho VII, 116

Tremores I, 117

Desvios IX, 118

Antropofagia III, 119

Tremores II, 120

Desvios X, 121

Encontros II, 122

Memória-esquecimento IV, 123

Digestão III, 125

Notas de desembarque I, 126

Memória-barro I, 128

Memória-fogo V, 130

Memória-barro II, 132

Memória-fogo VI, 133

Memória-fogo VII, 135

Memória-barro III, 136

Memória-barro IV, 137

Desvios XI, 139

Parte VI, 140

Palimpsesto III, 142

Palimpsesto IV, 143

Memória-esquecimento V, 145

Decantação I, 146

Memória-fungo I, 148

Cinzas III, 150

Cinzas IV, 151

Decomposição I, 152

Vertigens I, 157

Vertigens II, 158

Memória-trilho VIII, 160

Desvios XII, 161

Memória-esquecimento VI, 162

Parte VII, 163

Memória-barro V, 165

Variação II, 166

Memória-barro VI, 168

Poeira I, 169

Poeira II, 171

Variação III, 172

Decomposição II, 173

Encontros III, 174

Desvios XIII, 175

Desvios XIV, 178

Memória-esquecimento VII, 179

Memória-esquecimento VIII, 181

Parte VIII, 182

Vertigens III, 184

Memória-patrimônio XI, 186

Árvores III, 187

Memória-patrimônio XII, 188

Desvios XV, 189

Memória-fagulha VI, 190

Encontros IV, 191

Vertigens IV, 192

Vertigens V, 193

Campo II, 194

Desvios XVI, 195

Memória-fungo II, 196

Parte IX, 197

Decantação II, 199

Encontros V, 200

Fumaça e neblina IV, 201

Memória-fungo III, 202

Memória-barro VII, 203

Digestão IV, 204

Desvios XVII, 206

Desvios XVIII, 207

Variação IV, 208

Parte X, 209

Memória-barro VIII, 211

Variação V, 212

Memória-barro IX, 213

Decantação III, 215

Variação VI, 216

Variação VII, 217

Tremores III, 218

Memória-barro X, 219

Memória-fogo VIII, 221

Desvios XIX, 222

Recomeços I, 223

Notas de desembarque II, 225

Memória-fogo IX, 226

Memória-barro XI, 227

Memória-fagulha VII, 228

Recomeços II, 229

Digestão V, 230

Despedidas I, 231

Referências, 232

Às leitoras e leitores

Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações não é exatamente mera coincidência, posto que a ficção é sempre real ao ter como matéria-prima o arranjo de nossas experiências. No entanto, a presente tese não pretende ser uma representação de cidades específicas ou de acontecimentos particulares, considerando que o seu território é antes um espaço de deslocamento e invenção produzido a partir das memórias da pesquisadora.

Notas de embarque



Figura 1: **Corpos debruçados sobre trilhos.**

Memória-fagulha I.

Arrastei para fora da pilha de registros armazenados em Paranapiacaba a imagem da criança descalça debruçada sobre os trilhos no seu quintal. Enviei a fotografia-fagulha para Tania na mesma noite em que visitei o arquivo, compartilhando a estranha e imprecisa sensação de ser fisgada por ela – pela menina e seu olhar clivado, atravessando o tempo e a história. Lembrei – e novamente me opus – às frases ditas pelos antigos ferroviários acerca da contribuição irrisória das mulheres para as memórias da ferrovia. Tania me escreveu durante a madrugada dando notícias de seus pensamentos e inquietações, afirmando a correnteza que abruptamente invadira e interrompera o seu sono: “acho a imagem perfeita para tua tese! Encomendada, uma pérola encontrada do passado.”¹ Pela manhã, durante o mês de julho de 2019, assim como em outros momentos do ano, acordei com suas mensagens entusiasmadas soprando fortemente as velas da minha pesquisa. Enquanto eu dormia, Tania evocava caminhos, possibilidades e perguntas ao meu exercício ético, estético e político de pesquisadora. Incansável em se fazer presente, oferecendo-se como ponte diante dos abismos, ela me ensinou a persistir apesar de todas as adversidades, acreditando nas luzes que as palavras desenham em meio à escuridão. Testemunhar as suas batalhas também me convocou a assumir e a tomar posição diante das minhas – e talvez esta seja uma das sementes mais belas cultivadas e despertadas em nosso curto, porém, intenso convívio.

¹ Conversa de WhatsApp no dia 9 de julho de 2019.

“Federico,
tu vês as despedidas nas estações
quando a fumaça levanta suas rodas decisivas.”²

“Caminho de ferro
Mandaram arrancar
Maria-fumaça
Não canta mais.”³

² NERUDA, Pablo. **Residência na terra II**. Porto Alegre: L&PM, 2011, p. 103.

³ NASCIMENTO, Milton. **Ponta de areia**. Rio de Janeiro: Minas, 1975.

Memória em desvio I.

Há praticamente uma década me debrucei pela primeira vez sobre os caminhos da ferrovia no interior do estado do Rio Grande do Sul. Em São Salvador, cidade onde nasci e cresci, a antiga estação desativada transformou-se em escola e sua plataforma passou a acolher o burburinho das crianças que não puderam ver o trem partindo em sua viagem derradeira. Os trilhos e os postes do telégrafo foram arrancados e seus restos enterrados pela rodovia. O sino, guardião dos encontros e despedidas, dissipou-se na madrugada e a comunidade testemunhou a subtração progressiva dos rastros de uma época recém ultrapassada: contrariando a linearidade programada pela história e pelo progresso, o sonho e a memória revirariam inúmeras vezes o chão e as formas da paisagem remodelada. Os velhos escutariam por mais de cinquenta anos o apito das locomotivas desaparecidas: o descarrilhamento dos vagões exigiria não a retomada do transporte de cargas e passageiros, mas a criação de desvios para que as imagens⁴ pudessem dançar através dos tempos transmitindo o seu sopro de vida frágil, porém indestrutível. Quando procurei pela geração marcada tanto pela inauguração quanto pela abrupta retirada da linha férrea, eis que nunca mais deixei de senti-los reverberando em meu pensamento. Pergunto-me se a inquietação com o espaço, suas camadas e heterogeneidades, de fato antecedeu a afetação que sofri ao ouvir os corpos que habitaram e perambularam por aquele território antes de mim. Ou se estas vozes sempre estiveram ali, espalhadas entre as paredes de pedra da sala de aula que recebia outrora os viajantes, comerciantes e maquinistas atentos ao ir e vir das composições esfumaçantes.

⁴ “A imagem é pouca coisa: resto ou fissura” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 87). “Saber olhar uma imagem seria, de certo modo, tornar-se capaz de discernir onde ela queima. Onde a cinza não esfriou” (DIDI-HUBERMAN, 2004, p. 47).

Apito e fagulha I.

Se em São Salvador os traçados da ferrovia afundaram, exceto pelos trilhos e ruídos e cores insistentemente percorridos pela memória, em Paranapiacaba seria possível pisar sobre os dormentes e constituir morada no vilarejo atravessado pelas máquinas dia e noite. No alto da serra, no meio da neblina, ouviria o apito estridente há tantas décadas suprimido do cotidiano daqueles moradores que envelheceram e morreram sem desembarcar dos trens convertidos em fantasmas na cidade onde os seus vestígios permanecem enterrados. No deslocamento para São Paulo descobriria a potência fermentadora e incendiária das narrativas reunidas pela pesquisa durante a graduação e o mestrado: escreveria esta tese acompanhada por uma multidão que estremeceu – se encantou e se espantou – com os acordes decisivos cindindo a madrugada e a existência ao meio: um antes e um depois, sem que se possa dar por encerrado algo que começou, mesmo que supostamente tenha terminado⁵. As fagulhas que abasteciam as fornalhas das antigas locomotivas a vapor, e que corroíam os tecidos ao saltarem pelas chaminés, reapareceriam em Paranapiacaba nas chamas e nas cinzas que rondam o patrimônio. Os bens tombados correm o risco de tombar na medida em que o fogo volta a se acender e a consumir as estruturas arquitetadas pelos ingleses no século XIX, tal como ocorreu com a própria estação, queimada numa tarde ensolarada. A fumaça e a fuligem presentes na paisagem não sinalizam mais os movimentos oriundos do pátio de manobras, e sim os redemoinhos resultantes da evaporação de mais um imóvel do conjunto habitacional construído para abrigar os operários e engenheiros da estrada de ferro Santos-Jundiaí.

⁵ “O fluxo do tempo torna-se agora a própria realidade, e o que se estuda são as coisas que escoam” (BERGSON, 2006, p. 42).

Memória em desvio II.

Os artistas de Paranapiacaba modelam pequenos vagões de barro desde que o trem de passageiros deixou de circular pela região. As viagens até a praia de santos e a estação da luz saíram dos trilhos e adentram os túneis enevoados da memória. As mãos afundadas na terra lamacenta reinscrevem as intensidades latejantes no presente: brincam com o tempo dos desfazimentos e das metamorfoses. A matéria, entregue aos encontros e aos acasos, não consagra tampouco conserva uma forma cristalizada: as esculturas se decompõem contrariando as regras do patrimônio. Os guardiões da herança colonial se desesperam com as plantas, fungos e faíscas que ameaçam as tábuas e telhas importadas: a promessa de zelar incansavelmente pelas marcas inglesas do século passado, em detrimento dos povos originários dizimados, constrange e adia indefinidamente os processos de digestão e esquecimento⁶. Mais uma vez, depois dos incêndios, os artistas reaparecem para revirar os escombros e recolher a matéria-prima a ser incorporada nas obras gestadas em seus ateliês. Se há um estômago incansável em reunir e metabolizar os resíduos acumulados pela ferrovia, pelo progresso e suas ruínas, diria que ele só existe e opera em função destes corpos que caminham perscrutando os abismos, as fissuras e os desvios. Os acontecimentos que testemunhei transformaram esta pesquisa: trouxe o barro e as fagulhas do vilarejo para a minha casa, mergulhei sem medo no desconhecido e ofereci os meus poros para escutar a paisagem pulsando viva dentro da carne, revirando os conceitos e desmanchando as certezas em relação aos caminhos já constituídos. Tudo estava por re-nascer das cinzas e das entranhas da terra, tudo estava à espera de um por vir a ser delicadamente e insistentemente inventado – ora através da escrita, ora através da argila e da fogueira que ela carregaria em seu horizonte.

⁶ “Não poderia haver felicidade, jovialidade, esperança, orgulho, presente, sem o esquecimento” (NIETZSCHE, 2009, p. 43). “Há um grau de insônia, de ruminação, de sentido histórico, no qual o vivente se degrada e por fim sucumbe. Para determinar este grau, seria preciso saber qual é o tamanho da sua força plástica: penso esta força crescendo singularmente a partir de si mesma, transformando e incorporando o que é estranho e passado, curando feridas, restabelecendo o perdido” (NIETZSCHE, 2003, p. 10).

Rodas I.

Escavando o chão de Porto Alegre, São Salvador e Paranapiacaba reuni a matéria-prima necessária para modelar quarenta e cinco rodas de barro. As memórias entraram em decantação juntamente com a terra mergulhada na água: de lá regressaram porosas e suscetíveis aos desdobramentos forjados pelos dedos. O primeiro círculo adquiriu seus contornos na companhia de uma criança: segurando-o nas mãos e aproximando-o do rosto era possível produzir retratos efêmeros das paisagens a nossa volta. Não demorou para que uma nova série se proliferasse sobre a mesa e me convocasse outra vez a andar à deriva pela cidade. O fora sempre esteve dentro, o corpo-pesquisa comprometido com as intensidades do mundo e o mundo cultivando suas sementes nas páginas-pergaminhos do texto. As rodas rolaram para além dos limites do ateliê-casa e enquadraram provisoriamente as ruínas fabricadas pela própria tese: o jogo elaborado durante a construção do projeto arderia nas chamas impassíveis do fogo e as suas sessenta e quatro peças explodiriam como foguetes. As lascas sobreviventes seriam arrastadas pela corrente do tempo que leva tudo adiante, os vivos e os mortos, o passado e o presente, sem nada lhes oferecer a não ser a transformação. “A vida era um tempo misturado do antes-agora-depois-e-do-depois-ainda. A vida era a mistura de todos e de tudo. Dos que foram, dos que estavam sendo e dos que viriam a ser.”⁷ Os círculos invariavelmente abordariam os paradoxos que envolvem a duração e o eterno retorno da diferença: o conservar, o destruir, o criar, o esquecer e o lembrar. Como recomeçar sem perder – abandonar, extraviar, deglutir e metabolizar – e reencontrar alhures tudo que foi e que continuará sendo na sua ininterrupta e inesgotável variação?

⁷ EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p. 110.



Figura 2: Ruínas em movimento I.



Figura 3: Ruínas em movimento II.

Memória em desvio III.

Quando Tania me recebeu em sua casa pela primeira vez ela me contou uma história: a obra de um artista era ansiosamente aguardada em um exíguo povoado. Meses e anos se passaram sem que um único traço surgisse sobre a tela abandonada ao seu próprio silêncio: nela a poeira é que rodopiava e se espreguiçava descompromissada. Ao ser interpelado nas ruas pela vizinhança alvorotada, o pintor reconhecia a soma dos dias de espera acumulados, mas assegurava que tal operação de dilatação do tempo era imprescindível ao seu trabalho. As portas e cortinas sempre fechadas do ateliê não revelavam nenhuma pista sequer acerca de suas inspirações, divagações e anseios: tudo beirava o abismo. Ao sentar-se diante do cavalete para olhá-lo como um pássaro que vem de longe e deseja finalmente pousar imaginou as linhas trêmulas atravessando o céu estrelado e se precipitando na terra molhada. Em uma súbita contração do relógio os pincéis deslizaram pela superfície e as cores se acomodaram em suas camadas. Ao despontar com a tela em público, depois de breves desaparecimentos, ninguém compreendia por que o artista adiará tanto aquele momento, já que bastava-lhe adentrar o corredor estreito das horas. Então ele respondeu que na verdade levava a vida inteira se preparando para fazê-lo. Tania costurou com delicadeza e amor esta narrativa ao me explicar que o doutorado não iniciara naquele semestre, pois desde o nascimento estamos às voltas para tecê-lo. Se a pesquisa é um processo, tal como a vida, ela não começa e nem termina, apenas segue um fluxo descontínuo de transmutações, inclusive ao se deparar com a intemperstividade e inexorabilidade da morte. Há uma presença sutil que confronta e ultrapassa a ausência radical do outro, são as marcas irreversíveis que este outro imprimiu em nós e que seguem nos convocando, através do luto⁸, a procurar palavras para elaborar e multiplicar os efeitos destes encontros.

⁸ “De vós, meus mortos queridíssimos, vem-me um doce aroma, que desata o coração e as lágrimas. Ainda sou herdeiro e canteiro de vosso amor, florescendo, em vossa memória, de virtudes agrestes e coloridas, ó mais que amados!” (NIETZSCHE, 2011, p. 105).

Composições I.

Das composições-férreas com os trilhos às composições-flamejantes com o fogo até as composições-fúngicas testemunhadas através do barro. As rodas atraíram microrganismos decompositores na medida em que incorporaram as plantas em sua carne úmida e opaca: as manchas de mofo se alastraram pelas superfícies durante o processo de digestão⁹. O ar evaporaria a água presente nos círculos que se deitariam nos porões da terra iluminada pelas chamas e fagulhas: as nuvens de fumaça e fuligem remontariam os tempos das máquinas a vapor e os incêndios responsáveis pelas lacunas do patrimônio em Paranapiacaba. Se os líquens povoariam as paredes e os dormentes do vilarejo-museu colorindo-os no ritmo de sua desintegração, a argila também relevaria as suas alianças com os fungos ao destrinchar flores, folhas, cascas e sementes depositadas nas poças e peças em constante oscilação: ora de pé, ora esparramadas pelo chão. Os trilhos se afundariam no barro e apareceriam as linhas de micélio em meio à matéria orgânica putrefata: a morte ensinaria o cultivo e a proliferação de outras formas de vida. “Tudo o que há pára de súbito. E, constantemente, recomeça.”¹⁰ A viagem, apesar do desembarque repentino e inevitável de passageiros caros à pesquisa, persistiria em sua arte de criar desvios: bifurcando e ampliando sempre mais o seu rizoma, conforme os pulmões e as paisagens respiram e exalam o novo que pede passagem entre os restos e as ruínas¹¹. Há na ponta dos galhos secos do outono um início de primavera brotando em minúsculos ipês amarelos. Há colônias de cogumelos vicejando nos canteiros da calçada onde transeuntes correm ao lado dos carros o dia inteiro. Há um coração que bate, outro que pára. Há um sino que retoma a sua cançãozinha em alguma estação distante, subtraída ou abandonada pelo futuro que dispensa os anacronismos enquanto grita sem tréguas: avante!

⁹ “A vida humana depende de muitas formas de digestão externa realizadas por fungos. O micélio é o apetite corporificado” (SHELDRAKE, 2021, p. 206 e 207).

¹⁰ LLANSOL, Maria Gabriela. **Inquérito às quatro confidências**: diário III. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 6.

¹¹ “Criar mundos possíveis com as ruínas de mundos desmoronados” (comentário de Tania Mara Galli Fonseca nas margens de um texto compartilhado em 2019).

Neblina I.

A ética da memória insistiria na duração, não para evitar as implosões do tempo, mas para oferecer às imagens a possibilidade da travessia e do esquecimento¹²: nos vagões-fragmentos¹³ desta tese elas percorreriam um caminho atento e suscetível às deformações, corrosões, decomposições e evaporações que suspendem o peso de gravidade do passado ao lhe devorarem e lhe arremessarem pelos ares. A própria locomotiva deslizaria pelos trilhos e entraria em uma montanha de barro: assim nasceriam as rodas a partir dos excrementos de São Salvador, Porto Alegre e Paranapiacaba. Ao rolarem sobre os territórios ficcionais erigidos pelas recordações da pesquisadora cruzariam ora com o fogo, ora com as cinzas, ora com os fungos, ora com a água. A neblina vira e mexe se deitaria como um véu sobre o entorno mais próximo: apenas seguindo em frente e saltando de verso em verso, de dormente em dormente, é que a grande nuvem aos poucos se dissiparia com a ajuda do vento. O patrimônio desapareceria diariamente no meio da garoa, o céu suspenso sobre o chão encobriria os corpos e as casas e arrastaria consigo a poeira acumulada pelos anos transcorridos desde a chegada dos povos indígenas até a colonização inglesa e a ascensão turística da antiga vila ferroviária. Quando as cores da paisagem são inadvertidamente soterradas pela massa densa acinzentada, eis que as pipas se levantam frágeis e velozes em suas acrobacias disparatadas. O olhar persegue os seus movimentos errantes e imprevisíveis – decolagens, quedas e rodopios – que afinal de contas condizem com o exercício clínico-político da escrita e da pesquisa. As crianças despertaram o presente para o instante fugaz em que tudo é posto em jogo a cada lance de dados: a vida comparece e junto dela o balanço, a vertigem, a ruptura e o desmoronamento. Você aceita embarcar conosco nesta viagem?

¹² “Alguma coisa está esquecida e todavia tanto mais presente quanto esquecida” (BLANCHOT, 2008, p. 52).

¹³ “Deixar que entre os fragmentos jogue o ilimitado da diferença” (Ibidem, p. 201).

PARTE I:

“Não vês que ainda estou queimando?”¹⁴

¹⁴ DIDI-HUBERMAN, Georges. **A imagem queima**. Curitiba: Medusa, 2004, p. 69.



Figura 4: Marcas do fogo.

Memória-trilho I.

Eis que no lugar do palimpsesto¹⁵ ergueu-se o arquivo. A paisagem da ferrovia, em outros tempos da pesquisa vislumbrada enquanto rastro e vestígio, assumiu contornos bem definidos: dois trilhos, uma cerca e várias locomotivas. O apito das máquinas extrapolou o campo das narrativas e invadiu as madrugadas deste corpo desacostumado com a sua presença: sonhos interrompidos. O ruído, guardião das noites insones, apareceu sem intenção de despedir-se, acompanhando as horas de elaboração dos dias transcorridos. A memória, farejando os cantos do quarto escuro, descobriu frestas para atravessar, embaralhando, tal como o vento, os papéis sobre a mesa. Lá e cá, jogo infinito de ir e vir, dar meia volta e saltar. Ora uma estação, ora uma torre, ora um relógio, ora um sino, ora os mortos, ora os vivos. As palavras, frágeis e perecíveis, consumidas por sua própria chama, persistente na dispersão das formas. Ainda assim, os cacos, as cinzas e as lembranças dançarinas em suas aparições imprevistas, no bolso do casaco, na sola do tênis ou num despertar repentino. Sorrateiramente uma cidade visita a outra, causando por vezes um efeito de aglutinação no olhar de quem lhe ofereceu carona para desembarcar em terras desconhecidas. Nebulosa sobreposição, desfocada pela presença de luzes e sombras que recortam e deslocam fragmentos de cada lugar. Se São Salvador viaja até Paranapiacaba, especulando suas ruas, seus moradores e vagões, o inverso também acontece quando Paranapiacaba encontra ressonâncias em São Salvador. Jamais existiram linhas de trem entre elas, foi a experiência de se deixar dobrar por ambas o que as aproximou, certamente para reuni-las e afastá-las novamente.

¹⁵ “Um palimpsesto é um pergaminho cuja primeira inscrição foi raspada para se traçar outra” (GENETTE, 2006, p. 7).



Figura 5: **AR** de arquivo, aranha, areia, argila. **PA** de palimpsesto, patrimônio, paisagem, passagem.

Memória-trilho II.

Acordei sentada sobre a cama na qual adormeci, o espanto exigia a identificação minuciosa do barulho, sua localização e duração. Sem levantar, enxerguei o pátio de manobras iluminado, os homens carregando as ferramentas necessárias para despachar as cargas endereçadas ao porto de Santos. Naquele instante, começava a delimitar o meu paradeiro no entorno dos trilhos movimentados, enquanto a vila repousava em sono profundo. Sem pedir licença, o vulto do passado entrou pela porta e se escondeu, cantarolando baixinho os versos trêmulos dos personagens que lhe foram confiados. Ao extrapolar o antigo depósito da rede ferroviária, as vozes dos moradores de São Salvador alcançaram-me em São Paulo: vagões noturnos de bois patinando na estrada de ferro molhada, apitos sinalizando a chegada da maria fumaça, mesmo quando esta já havia partido. O medo e a euforia provocados pelo aparato industrial sobreviveram a sua ausência concreta, determinada pelo fechamento da estação e sucateamento da linha de transporte e de comunicação via telégrafo. Os trabalhadores não morreriam mais esmagados pelas rodas implacáveis, as crianças não seriam mais repreendidas ao correrem em direção ao trem: ele estava de saída e se emprestaria desde então apenas aos serviços da imaginação. “O trem de ferro que desaparece em um túnel dentro das montanhas parece retornar à sua própria origem, onde repousa a matéria da qual ele próprio foi feito.”¹⁶

¹⁶ BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: UFMG, 2018, p. 520.

Palimpsesto I.

Se a cidade mantém a ferrovia afundada, misturada com os primeiros resíduos do asfalto, ela torna-se superfície para novas inscrições. Ao modo de um pergaminho, desenha sobre os traçados anteriores, deformando-os e enfraquecendo-os cada vez mais. “Cada nova camada parece soterrar sob si mesma todas as que a antecedem. E na verdade nenhuma delas foi extinta.”¹⁷ As paredes das casas são arrancadas com a ventania impiedosa do progresso que destrói para recomeçar: indústrias e imponentes edifícios aparecem e incorporam as remanescentes fundações. Os dormentes brutalmente arrancados ou simplesmente enterrados não serão percebidos pelas futuras gerações. O desaparecimento do sino da estação permanecerá ecoando apenas para os sobreviventes apartados de sua melodia familiar¹⁸. Quem mais lembrará das batidas marcando o fim ou o início de uma espera? O desembarque das encomendas, e correspondências, e seminaristas, e transeuntes, a partida dos amigos, e filhos, e fátotas, e frangos caipiras. Os cômodos preservados entulharam o lixo descartado: aparelhos de rádio e televisão, móveis de madeira deteriorados, cadernos e pertences de ferroviários aposentados. A malha sofreu a inundação da história, os velhos viraram naufragos na paisagem remodelada. A verticalização dos imóveis, a privatização de áreas comuns, a difusão dos carros e caminhões, a progressiva desvalorização dos bens imateriais acumulados por uma época recém ultrapassada. Para redescobri-la somente mediante uma escavação: não no solo propriamente, mas sobretudo no olhar, ou no corpo inquieto com aqueles resquícios frágeis espalhados entre as linhas duras do presente.

¹⁷ ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**. São Paulo: Unicamp, 2011, p. 167.

¹⁸ “Sons de sinos – que não deixam de ser, afinal, a emanação aérea do ferro – comparecerão, mesmo ausentes, enquanto disparadores do tempo perdido e desencontrado na grande cidade. São as ressonâncias daquilo que não cessa” (WISNIK, 2018, p. 31 e 33).

Antropofagia I.

O ouvido, ao ser surpreendido e capturado pela vibração dos elementos anacrônicos de um território, procede ao modo da aranha que delicadamente e insistentemente persegue os movimentos engendrados em sua teia. Escorregando pelos fios suscetíveis aos encontros e acidentes, ela cria possibilidades de agir e de intervir no mundo. Percorre a sua obra para em algum momento abandoná-la, sempre inacabada, lançando-se na aventura de constituir morada em outro canto. A escuta experimenta o desafio de andar em passagens estreitas forjadas por ela, de onde retorna com a matéria-prima a ser esculpida durante anos de trabalho. Quanto tempo esteve se preparando – tateando, devorando e assimilando – o aracnídeo-pesquisador até ser capaz de atribuir uma forma às intensidades sofridas? Ao distanciar-se de uma cidade-teia-casa, enxerga suas centelhas vivas rodopiando na memória e oferecendo-se para as tramas cerzidas alhures. Os efeitos de duração das marcas, e conversas, e silêncios, e contágios são imprevisíveis, por isto participam das composições tardias, metamorfoseando-se nos desvios e bifurcações empreendidos. A atenção concedida ao minúsculo, em contraposição ao excesso de ruído e luminosidade, anima uma prática de pesquisa proliferadora de planos ou camadas. Chacoalhando-se no assento de viagem o pensamento se distende a fim de acolher as solicitações dos passageiros e dos fantasmas à margem.

Memória-patrimônio I.

Agora caberia questionar: e se a cidade está impedida de afundar? Tombada sobre a eternidade respira os ares pesados da decomposição, resistindo cotidianamente aos impulsos de destruição. As ruínas consideradas relíquias aguardam pela sua restauração. As plantas aproveitam as décadas de decadência para invadir propriedades sem telhado e assoalho, crescendo junto às colunas e lacunas do patrimônio. Nos imóveis alugados a prefeitura cumpre com a fiscalização das fachadas e insiste na reparação de eventuais falhas. A pintura quando não está fresca já impõe os preparativos para a próxima demão: não há como descansar na luta pela conservação. Quanto esforço despendido no reposicionamento daquilo que o tempo extravia? As fissuras são rapidamente encobertas e silenciadas, nem que seja preciso remover uma tábuia do interior da casa para alocar do lado de fora. Da porta para dentro um universo singular, completamente desvalorizado em relação à vila operária do século XIX¹⁹. Os ingleses conceberam simultaneamente a engenharia dos trilhos e a arquitetura das vidas responsáveis pela manutenção da estrada de ferro. Ao encerrarem as atividades da companhia, depois de quase um século, partiram apressados evitando despedidas. Esqueceram de transportar as placas com seus nomes gravados, os castelos com seus confortos privados e as suas tradições amplamente disseminadas. Por acaso ou descaso saíram sem bagagens, sacudindo-se com força para que os restos daquela experiência não os interrogassem de novo. Os monumentos, e vestes, e inventários caberiam aos moradores interessados em digerir, aniquilar ou preservar as feições do passado.

¹⁹ LAVANDER, Moysés; MENDES, Paulo Augusto. **SPR**: memórias de uma inglesa. São Paulo: s.n., 2005.

Fumaça e neblina I.

Fumaça e neblina misturadas no cotidiano doze meses por ano. Com as sobras da ferrovia montou-se um pequeno núcleo urbano²⁰. Os vagões desativados subiram a ladeira e serviram de dormitório, a tinta usada nas locomotivas coloriu moradias, salas de aula, padarias, açougues, bares e farmácias. Os cabos de aço empregados no sistema funicular guardaram os vãos das pontes, as caixas d'água abasteceram, além das caldeiras, famílias e comerciantes. O carvão queimado no transporte a vapor foi derramado sobre as ruas empoeiradas, com o objetivo de pavimentá-las. Por terra ou pelo ar rastejavam-se as fagulhas e os excrementos dos trens e oficinas ao longo dos dias. O aproveitamento das cinzas do progresso proporcionou abrigo aos envolvidos com o projeto de industrialização. Crianças, homens e mulheres sentiram na pele os rumores, choques e fraturas ameaçando seus corpos nas fronteiras indiscerníveis entre os trilhos e o seu exterior. Resignados, passaram a viver escondidos debaixo da camada densa de garoas e fuligens combinadas por uma época difícil de dissipar. As horas de sono experimentadas num breve suspiro localizado ligeiramente ao lado ou acima das precipitações do trecho alheio ao repouso. Os arranjos que designaram um teto para os empregados não se consolidaram sem imprevistos e improvisos. As possibilidades de embaralhar as peças – perdê-las e reinventá-las nos abismos da paisagem – findaram com o sopro de estagnação do cenário. Desde então, o único jogo permitido é o de colecionar vestígios – entupindo gavetas, sótãos e porões – e assim reiterar as histórias compartilhadas com os estrangeiros, transmitindo o seu legado.

²⁰ MAZZOCO, Maria Inez; RODRIGUES, Cecilia. **De Santos a Jundiá**: nos trilhos do café com a São Paulo Railway. São Paulo: Magma Cultural, 2005.

Arquivo I.

Se depois de servir de acampamento e habitação o vilarejo virou museu, ele acumula, ordena e protege um arquivo²¹. Não é simples a tarefa de tropeçar diariamente em antiguidades, o cheiro de pó e a umidade cansam os guardiões dos velhos retratos. Mesmo que desejassem arrancar a banheira apertada e escorregadia dentro da qual equilibram-se para tomar banho, não poderiam. Seriam proibidos de instalar corrimãos nas escadarias. Os galpões prestes a cair passariam por avaliações intermináveis nos quintais ocupados pelas galinhas. As goteiras provocariam alvoroço caso representassem perigo às estruturas. O piso desgastado e o fogão da cozinha substituídos mediante concessões ou segredos sem demora preocupariam os vizinhos. As divisórias precárias utilizadas para separar as residências germinadas seguiriam subvertendo os limites da intimidade de cada um. Os postes de iluminação pública causariam fortes comoções e intrigas ao perderem as suas barras de trilhos em prol do concreto sob medida. Os vigias do patrimônio prefeririam os fios de luz caídos à retirada do ferro centenário que outrora suportava o peso dos lampiões. Aos incômodos com as impermanências deste universo concreto somaram-se as disputas pela legitimidade das testemunhas e narrativas. A multiplicação desenfreada dos registros acerca dos acontecimentos perturbou o sossego dos que buscavam uma coerência entre as versões apresentadas. Na ausência de complementariedade dos volumes, a frustração com a sua parcialidade e uma suspeita quanto às divergências levantadas. Haveria a necessidade de catalogar e rastrear os equívocos e falsificações inscritos nas páginas distribuídas. Certos autores, demasiadamente inventivos a ponto de mencionarem fantasmas, receberiam a devida atenção para que suas obras de ficção não conquistassem uma posição de destaque.

²¹ “O próprio do arquivo é sua lacuna, sua natureza furada. Com frequência o arquivo é cinza, não somente em virtude do tempo que passou, mas pelas cinzas de tudo o que o cercava e foi queimado” (DIDI-HUBERMAN, 2004, p. 35).

Segredos I.

A água desaparece das tubulações sem aviso prévio. As torneiras derramam suas últimas gotas enquanto as senhoras correm ao telefone para investigar as causas do problema. Provavelmente a prefeitura tenha fechado o registro, comentam entre si. As especulações duram uma manhã inteira, a espera é longa para lavar o rosto e preparar o café. Quando algum conhecido confirma que avistou o carro da semasa²² subindo cedo em direção aos reservatórios, ainda não há esclarecimentos oficiais. Na rua o assunto divide opiniões, as críticas e reclamações dirigem-se tanto à gestão quanto aos usuários da rede de abastecimento. Isentos de cobrança pelo consumo de energia elétrica, os inquilinos não deveriam se achar no direito de contestar a falta de água, dizem os funcionários durante o almoço. Com frequência as pilhas de roupa e de louça se amontoam sobre o tanque e a pia, aguardando as notícias trazidas pelos canos. As pequenas revoltas se reúnem e logo são apartadas a fim de evitar maiores constrangimentos para todos. Os desentendimentos inerentes ao espaço não são anunciados nos noticiários. As tentativas de dar vez e voz aos percalços da vila fracassam diante do medo de perder a concessão dos imóveis e da sabotagem que sutilmente confisca depoimentos inoportunamente arquivados.

²² Serviço Municipal de Saneamento Ambiental de Santo André/SP.

Memória-trilho III.

Importa saber sobre os antepassados das testemunhas, se foram ferroviários e se trabalharam para a companhia inglesa. As famílias consideradas tradicionais e que, portanto, usufruem do livre acesso à palavra, conservaram o ofício através do seu trilho geracional. Os meninos começavam vendendo doces na janela do trem, almejando alcançar o cargo de maquinista do pai ou de chefe de estação do avô. A escola se acomodava nos intervalos das viagens, encaminhando os jovens para os cursos profissionalizantes da ferrovia oferecidos em Paranapiacaba. As meninas assistiam e acenavam para as locomotivas da janela de casa, observando os atrasos e as características dos vagões. Cresciam debruçadas nos marcos ou nas varandas, contemplando o horizonte poluído construído pelos homens. As mãos calejadas e eventualmente amputadas serviriam para contar os episódios obscuros da estrada, bem como os triunfos e prazeres nela obtidos. As mulheres, forasteiras em sua própria terra, seriam escutadas somente se representassem os pais ou os maridos desaparecidos. A sua experiência, sob a justificativa de legitimidade do discurso conferida exclusivamente pelo vínculo formal com a companhia, não caberia nos livros. O seu conhecimento brutalmente invisibilizado corria sérios riscos de permanecer para sempre ocultado.

Memória-patrimônio II.

Zelar incansavelmente pelos bens e memórias herdados, combatendo ativamente o mofo e o esquecimento, ao ponto de sentir-se comprimido entre o chão e o fardo carregado. Não descuidar-se dos valores e costumes profundamente enraizados no solo desapropriado dos indígenas e colonizado pelos europeus. Guardar bem os uniformes e as garrafas de cachaça indispensáveis aos serviços prestados na linha férrea. Jamais perder de vista a disciplina e as ordens de segregação importadas: a pontualidade britânica, a autoridade e os privilégios afirmados em detrimento dos nativos subalternizados. Manter certas portas trancadas e certos assuntos afastados dos olhares curiosos de jornalistas, pesquisadores e turistas. Convocar os filhos para responder em nome das viúvas, assegurando assim a arcaica homogeneidade dos lugares de fala. Enaltecer as ruas que prestam homenagens aos engenheiros ingleses e aos seus feitos grandiosos. Ensinar exaustivamente a história dos vencedores e as estratégias adotadas para defendê-la das intempéries. Retirar o limo das telhas e calçadas, reescrevendo as letras apagadas. Recolher as chaves e tijolos quebrados, acomodando as lascas no museu como se fossem raridades. Revirar a tumba dos mortos, reanimando os velhos fantasmas. Preencher a pista de dança e os camarotes do clube interditado com as sombras esguias, revivendo as apresentações e festividades. Por fim, ter um estômago apto a reter e a ruminar os seus excessos, sem oferecê-los a uma regurgitação ou metabolização capaz de destrinchar as carcaças²³.

²³ “Precisamente esse animal que necessita esquecer, no qual o esquecer é uma força, uma forma de saúde forte, desenvolveu em si uma faculdade oposta, uma memória, com cujo auxílio o esquecimento é suspenso em determinados casos – nos casos em que se deve prometer” (NIETZSCHE, 2009, p. 43 e 44).

Arquivo II.

Expandindo e incrementando os caminhos de uma pesquisa é possível sucumbir ao arquivo naquilo que ele contém de incontornável. Navegando pelos mares sem definir roteiros a priori, o corpo-barco se expõe e reúne cardumes de imagens fragmentárias. A embarcação está suscetível às adversidades entranhadas no balanço das ondas e no peso das âncoras arrastadas. O exercício do mergulho requer distanciamento para tomar fôlego, do contrário incorreria em um afogamento nas águas visitadas. Os poros se dilatam e ficam encharcados neste movimento de conhecer o mundo a partir da própria carne, padecendo de suas feridas e picadas. Entrar e sair, perder e reencontrar com o fascínio e a vertigem de quem esquece para poder lembrar. “Esquecer é um poder: graças a ele podemos viver, agir, trabalhar e recordar – ser presente.”²⁴ Sem praticar o abandono a memória estaria paralisada, ressentida recuaria sempre mais para agarrar-se ao que se foi. São Salvador não seria incorporada na melodia de variação proposta por este trabalho se a pesquisadora não avançasse implodindo com as suas margens. Os vagões circulando demasiadamente cheios não contariam com nenhum espaço disponível para acomodar as bagagens de Paranapiacaba. O barco certamente viraria ou se acharia estagnado na imensidão, atracado pelas forças reativas à transformação. O corpo cansado não conseguiria avistar uma saída para brincar com o tempo, sobreviveria trancafiado, girando em meio aos escombros e despedidas indefinidamente adiadas. Como não naufragar rebobinando as fitas já gastas e relendo os registros sob uma claridade exagerada e desconcertante?

²⁴ BLANCHOT, Maurice. **La conversación infinita**. Madrid: Arena Libros, 2008, p. 250.

Variação I.

A ferrugem e a neblina não repousam tranquilas, recobrem as superfícies incrustando-se nelas ou atravessando-as sem pedir permissão. Os cabelos e as roupas umedecem, as cercas mudam de cor. A distância assegurada pelo gesto de ver sem tocar é rapidamente distorcida, basta um descuido para o sangue escorrer e o céu se fechar. A mão ao se desvencilhar da cortina molhada para pegar o óculos sobre a pia do banheiro esbarra num espelho pontiagudo e se fere. Os dedos que saem enrugados do banho, ao serem cortados, pingam pelo chão. A pele furada derrama seu líquido vermelho enquanto aguarda e providencia uma barreira de contenção. O pedaço de vidro trazido da rua pela dona da pousada encaixou-se perfeitamente em sua mais nova função: as bordas irregulares e oxidadas não o impediriam de devolver os sinais de alegria e exaustão desenhados nas faces despidas, entregues a sua exposição. Nele reconheci as olheiras das noites mal dormidas e assisti as minhas angústias depois de mudar de casa sem tê-lo planejado. A falta de intimidade com os seus contornos ásperos abriu precedentes para que eu fosse vacinada e compartilhasse das reações adversas provocadas por uma dose de antitetânica. O lote apresentava irregularidades, responderam ao examinar o meu braço no posto de saúde. As manchas custaram a desaparecer, embarcaram comigo no avião e por vários dias hospedaram-se em meu corpo ainda embriagado com os clarões do campo. A névoa que preenchia a ponte de Paranapiacaba, obstruindo a visão para todos os lados, jogou-se como um véu sobre o cotidiano mais próximo. As malas resistiram duramente ao desmonte, permaneceram armadas no meio da sala. A vida não retornaria para os mesmos lugares de antes. “Há sobre a mesa um minúsculo floco de cinza.”²⁵

²⁵ DIDI-HUBERMAN, Georges. **A imagem queima**. Curitiba: Medusa, 2004, p. 33.

Palimpsesto II.

Os nomes e telefones dos antigos moradores de São Salvador enfileirados em uma folha de caderno. As vozes deram-se a conhecer antes dos endereços e portas de vários tipos e tamanhos. As visitas breves ou demoradas precederam as rodas de conversa realizadas por aproximadamente um ano nas acomodações remanescentes da ferrovia. Os áudios excederam a capacidade de transcrição da jovem pesquisadora. As andanças coletivas pela cidade resultaram em filmagens que também ultrapassaram os limites de edição. A máquina prosseguia sem trégua multiplicando os trajetos sem impor-lhes um fim ou uma saída. O engavetamento das sobras – maiores do que os recortes até hoje operados – delineou um monstruoso e invencível acervo. A ele somaram-se as fotografias, os documentos e livros do vilarejo em São Paulo. Os quilômetros rodados em duas imersões demandaram um certo esvaziamento ou a criação de compartimentos para estocar e manusear o material inédito. Os diários se estenderam por páginas a fio, saltando entre blocos e eventualmente para a tela do computador. O ouvido demorou-se nas nuances da paisagem e nos enredos de seus personagens, transitando no ritmo dos passos e da respiração. A mochila pendurada nas costas continha apenas o necessário: água, papel, caneta, casaco, escova e creme dental. Eventualmente um molho de chaves, mas nem sempre. Andava-se na companhia da leveza e por isto subindo e descendo as ladeiras sem hesitar ou reclamar. Havia uma espécie de suspensão temporária das cargas arrematadas pela pesquisa, como sustentá-la na escrita, movendo-se com pés de pombos²⁶ e não de elefantes?

²⁶ “As palavras mais silenciosas são as que trazem a tempestade, pensamentos que vêm com pés de pomba dirigem o mundo” (NIETZSCHE, 2008, p. 17).

Arquivo III.

A narrativa se debateria nos corredores apertados do arquivo, tropeçaria em suas caixas e cairia em silêncio esgotada. A vontade de romper com a obrigação de desempacotar os volumes enfraquecia conforme o labirinto se fechava e as chances de vencê-lo pereciam. A tarefa de revisitar e desdobrar exaustivamente as cenas e os fatos, arranjando-lhes um sentido linear, atrofiaria os dedos e as ideias difíceis de controlar. As páginas portadoras de rasgos e relevos – lotadas demais para se considerarem vazias – dificultariam a entrada dos versos mais interessados no roubo e na experimentação do que na manutenção de uma tradição. A traição – do já visto, já lido, já pensado – despertaria a narradora de seus devaneios com uma tese interminável, e, portanto, irrealizável. O ar fresco reinaria nos aposentos, liberando-a do dever de vigiar e inventariar as lembranças²⁷. A desorientação de vagar entre as estantes, enrolando-se em seus braços infinitos, terminaria por afastá-la daqueles esconderijos onde subtraíra as faíscas indispensáveis para inflamar suas palavras. Por que escrever quando queremos esquecer? Uma saturação se anuncia em nós, mas a montanha de rejeitos cresce sem parar e ameaça nos engolir. Testemunhar a favor do passado ou fugir? Adentrar nas frestas do tempo é aprender a fazer as suas travessias, custe o que custar.

²⁷ “A lembrança é a liberdade do passado” (BLANCHOT, 1987, p. 21).

PARTE II:

“A criança voa no céu, rasteja na terra, corre entre os vivos e os mortos.”²⁸

²⁸ UNO, Kuniichi. **A gênese de um corpo desconhecido**. São Paulo: n-1 edições, 2012, p. 49.



Figura 6: Sob os escombros.

Ruínas I.

O anjo da história²⁹ se comove – e a criança brinca – com as ruínas despojadas pelo progresso. Ambos se demoram nos canteiros de obras assolados pela destruição. No meio da mata os estrangeiros colocaram um trilho eletrificado que dizimou a vida dos índios. No meio do trilho implantaram uma rodovia que descartou as locomotivas depois de usá-las no transporte dos automóveis. O anjo em sua persistente negação do futuro à espreita enseja a restituição dos restos sobre os quais flutua. Voar para onde se não é capaz de partir nem de cumprir com o seu intento? Os destroços declinam sem parar, aumentando a sua aflição e desejo de carpir os cemitérios. As suas asas não suportariam o peso das máquinas e ossadas atiradas nas valas do esquecimento obliterado pela falta de digestão. Ao lutar contra as urgências de reterritorialização impostas pelo capitalismo defende a oportunidade de enlutar-se com o esfacelamento das coisas. O vendaval o empurra pois o tempo das quedas e fraturas é aplacado e desprezado. As fachadas mudam, os velhos morrem e as cidades são reinauguradas – isto basta. Os vilarejos tombam como patrimônio ou são tombados – privatizados e reconfigurados de acordo com os ideais econômicos. As estações fecham e os passageiros lamentam por cinquenta anos a ausência do trem. O seu pesar é uma forma de resistir e transmitir um sopro – nem sempre escutado – a respeito desta diferença que toca o presente e o distende. O desarranjo suscitado pela cançãozinha da memória expõe os poros inabitados da história, que transpiram apesar de tudo.

²⁹ “Há um quadro de Klee intitulado *Angelus Novus*. O anjo da história deve ter esse aspecto: os olhos esbugalhados, a boca escancarada e as asas abertas. Ele gostaria de parar para acordar os mortos e reconstituir, a partir dos seus fragmentos, aquilo que foi destruído. Mas do paraíso sopra um vendaval que arrasta-o para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o monte de ruínas à sua frente cresce até o céu” (BENJAMIN, 2016, p. 14).



Figura 7: **CR** de **criança**, criação, cremalheira. **AN** de **anjo da história**, anacrônico, ancestral, antropofágico.

Memória-fagulha II.

Se não fossem as ardentes fagulhas do ressentimento este trabalho nem existiria. Na madrugada eu olhava pela janela o prédio antigo que abrigava a rodoviária, pensava nos moradores de São Salvador que poderiam tê-lo conhecido antes da chegada dos ônibus. As paredes lavadas pela chuva, o telhado quebrado com goteiras infiltrando-se no interior do bar. Lembro-me dos desenhos do piso, formados através da combinação de ladrilhos que de tão pequenos caberiam na palma da mão. Os bancos de madeira ocupados e uma senhora grisalha impaciente vendendo os bilhetes no balcão. Quantas vezes estive parada naquela fila esperando para comprar uma passagem e embarcar? Ao sair em busca das gerações familiarizadas com a genealogia da arquitetura local nunca mais estive sozinha especulando os anacronismos da paisagem. A pesquisa incorporou muitas vozes e imagens ao ser arrebatada pela partida dos narradores incansáveis em iluminar regiões obscuras e indecifráveis. As suas contribuições desenharam verdadeiras constelações de eventos atreladas a cada lugar. Como astrônomos perseguindo a duração das estrelas, eles jamais abdicaram dos espaços e das suas metamorfoses percebidas enquanto catástrofes³⁰. Diante da impossibilidade de aceitá-las e acolhê-las, cataram e seguraram as suas lascas no colo, relançando-as na roda viva da recordação. Repetiram – e então tiveram a chance de elaborar – ao invés de renunciar, por isto continuam aqui, no fundo e na superfície do pergaminho através de seus resquícios.

³⁰ “Tudo desmorona, se move, se dispersa, se precipita. É o próprio tempo, com todos os seus aspectos de petrificação, de coagulação, de cristalização, de decomposição” (KUNIICHI, 2012, p. 51 e 52).

Memória-trilho IV.

Resíduos de épocas consideradas extintas repousam em lojas de antiquário, museus e bibliotecas. Casualmente são encontrados em oficinas, depósitos e armários de família. Pares de sapatos polidos, lampiões sem querosene, rodas sem carroça, discos sem vinil, relógios sem corda, fios sem telégrafo, pregos sem dormentes. Recortes de jornal, coleções de cartas, selos e porcelanas, escrituras e testamentos, bolsas, vestidos e chapéus. A sua sobrevivência reclama posição em nome dos mortos que indiferentes tomaram distância dos seus pertences ou em nome daqueles que testemunharam uma transição sem rituais ou cerimônias: “sob os olhos atônitos dos antigos habitantes, seus velhos amigos de carne e de pedra vão sumindo sem pompas fúnebres.”³¹ Até ontem a plataforma estava cheia, o armazém funcionando, as vacas amarradas junto ao trilho pastando, hoje calçaram o leito, levaram as casas dos ferroviários e ergueram nas proximidades um ginásio. Até ontem circulavam em vagões de primeira e segunda classe, queimavam os casacos com as fagulhas das caldeiras, compravam refrigerantes e maçãs argentinas no barzinho do trem. As crianças despejavam sabão e as máquinas patinavam na subida dos vales, escalavam túneis e entravam em bueiros onde deitavam-se para ver de perto as rodas e chaminés das locomotivas. Nas vésperas do desmanche, embarcaram na viagem derradeira ao lado dos adultos que queriam mostrar aos filhos, sobrinhos e irmãos a paisagem de seus maiores sonhos e pesadelos. A expectativa de fixá-la em uma tela a ser recuperada anos mais tarde não se concretizou, uma vez que os infantes a bordo entregaram-se ao instante sem assentir com tais promessas de consolo.

³¹ CEZAR, Brida E. S.; COSTA, Luis Artur. O luto diante da tragédia das imagens. In: FONSECA, Tania M. G. (et. al.). **Imagens do fora**: arquivos da loucura. Porto Alegre: Sulina, 2018, p. 215.

Relíquias I.

Lonas e correntes seguram os objetos no interior do museu do trem no Rio de Janeiro e restringem o acesso dos visitantes. A única oficina da rede ferroviária federal que não foi penhorada na construção do estádio de futebol do Engenhão lacrou seus portões. Os seguranças monitoram o galpão de pé direito alto e pátio extenso sem demonstrar apreço pelos monumentos encobertos. Na calçada, parada diante das grades, telefone e um filete de luz expulsa o homem de farda. Os cadeados do patrimônio público se abrem sob uma condição: sair depressa para não esbarrar com as autoridades. Não é preciso um dia inteiro se tudo está em manutenção, ocultado de ponta a ponta, a menos que você decida levantar as vestes de plástico e sentir a asfixia dos vagões trancados. Os compartimentos de luxo contendo as marcas da família imperial não suportariam a sujeira das mãos em contato com o mundo. As louças e estofados usados por Dom Pedro II não serviriam a ninguém mais, presos estariam a salvo dos infortúnios e da indiferença. Os sinos amarrados próximos ao chão não balançariam, não cantariam, não gritariam, mudos e estanques residiriam no breu permanente do santuário. Quantos ganchos vazios à espera do seu movimento? Quantas vidas penduradas em seu timbre inesquecível? Por que alguns confinaram a história de muitos e a roubaram do vento, da chuva, dos trovões? Andando em meio ao acervo do século passado ouço o silêncio perturbador daquilo que foi privado do direito de envelhecer e morrer. Restou-lhes definhar e agonizar como moribundos eternos.

Memória-esquecimento I.

Os sentidos entorpecidos com o excesso de obras-primas retidas em um baú, como bandos inteiros de pássaros engaiolados, desejariam alçar voo ou ajoelhar-se diante do mais pesado? Se os homens largassem em suas próprias costas uma montanha de fósseis não pareceriam coveiros ou camelos rumo ao deserto? A náusea sufocaria o descanso e o corpo prosseguiria atormentado, sem sonhos e sem saída, a não ser que desviasse das cargas sobre os seus ombros. Soltaria para não enrijecer ou afundaria sob a sua pressão? Saltaria por cima dos mortos despedindo-se deles com alegria? Aceitaria lembrar sem o ímpeto de salvar ou de perseverar no mesmo inalterado? A devoração como alternativa à devoção, para que o jogo recomece. “Inocência é a criança, e esquecimento: um sagrado dizer-sim.”³² A vontade improrrogável de desarmar o passado brincando no seu quintal, vestindo trajes de sucatas e rolando as pedras para não tropeçar. Piruetas e malabarismos no picadeiro apoiado nos trilhos, canhões de luzes e gargalhadas, faces pintadas e animadas pelo acaso. Pés descalços no palco da estação, mãos vazias e pulmões cheios de ar, e de soluços, e de suspiros. A terra úmida de lágrimas, de raízes, de tempestades, o cheiro de coisas vivas brotando, o rumor das aves em liberdade. A noite gelada, o sangue quente. Incomodaria um céu sem estrelas se nós soubéssemos amá-lo assim – do jeito que é? E um tempo avesso às reconciliações, e remorsos, e nostalgias?

³² NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 28 e 29.

Desvios I.

Ajuntaram as sucatas da ferrovia no lixo e com elas criaram instrumentos para o pátio da estação de Mariana, em Minas Gerais. Armaram o cenário das performances musicais e ali propagam encontros, ritmos e acordes sem ensaio. A multidão sem maestro vai orquestrando a sua sinfonia, Tateando os objetos e compondo com o coletivo. O barulho da rua transpassa o arame das cercas e junta-se ao grunhido dos balanços e ao batuque dos tambores. Acima das cabeças e abaixo das nuvens os trilhos sustentam a estrutura de uma praça que se apropriou do repertório do trem, reinventando as suas notas. Não há a pretensão de ensinar ou explicar quais desarranjos e rearranjos inscreveram tais matérias no presente, só o convite para usá-las³³. Moradores e turistas de todas as idades tocam – puxam, batem, assopram – e participam da costura dos dias com sons agudos e graves. Para lá e para cá: as cordas, os sinos, as gangorras, os assovios. O pêndulo que vai e vem trazendo passageiros e levando maquinistas, enchendo e esvaziando as intermitências entre uma música e outra. As crianças correm, alternam suas posições, comemoram os compassos e os acidentes de cada ruído, escorregam e ressurgem famintas pelos acontecimentos em gestação. Não terminam pois não sabem exatamente quando e nem onde iniciaram, estiveram sempre no meio das ondas, equilibristas que são.

³³ “Quando o artista nos pede para jogar com suas obras, ao invés de simplesmente conservá-las como se fossem objetos mortos, ele reivindica com força uma transmissão pelo jogo, pelo saber e pelo gesto. A transmissão é feita, primeiro, pelo uso” (DIDI-HUBERMAN, 2018, p. 260).

Desvios II.

O arquivo da pesquisa é surpreendido por uma corrente de ar impertinente com a sua organização. Golpes derrubam certezas e previsões, desencaminhando os pontos de um projeto cuidadosamente alinhavados. A aglutinação não se empresta à generalização, antes funciona como suporte para um caleidoscópio de heterogeneidades. Nenhum itinerário dará continuidade aos anteriores ou responderá a todas as perguntas daqueles que virão depois dele. Os traçados estabelecidos a priori serão borrados e desmontados, atualizando o dilema – ou paradoxo – com o qual o anjo é confrontado. Em que medida a luta pela permanência enseja o luto ou a fabricação de um fardo? Quando saberes e práticas instituídos prescrevem modelos e juízos diminuem ou aniquilam o prazer de flertar com a vida – participe da pesquisa. As teias se tornam armadilhas, escorregadias retardam a partida, impondo o fracasso às tentativas que só poderiam existir dentro de sua própria efemeridade e singularidade. Os problemas e as operações metodológicas exigem o descarrilhamento das verdades universais – ou arraigadas em antigos territórios – para germinarem e florescerem no campo. Desenredar-se das experiências pregressas sem querer aniquilá-las ou ser por elas imobilizado. Como dispor-se a isto sem extrapolar os catálogos, quebrando e reformulando sobretudo a si mesmo?

Desvios III.

Reservei com três meses de antecedência um espaço público em Paranapiacaba destinado às reuniões semanais com os moradores. Preparei os documentos e recolhi as assinaturas na universidade para retirar as chaves na ocasião do primeiro encontro, que nunca aconteceu. Não cheguei a conhecer a sala preparada para acomodar vinte pessoas sentadas, não li o termo de responsabilidade que seria entregue pessoalmente no momento da ocupação. Simplesmente fechei esta porta, procurando não me alongar mais com as burocracias, ao constatar os obstáculos e resistências enfrentados por tal proposta. A começar pelos diálogos recusados, interrompidos e adiados. Os convites não achariam brechas nas cercas, nas janelas e nos ouvidos indisponíveis para uma estrangeira-acadêmica. Ao pisar no início de uma quadra a seguinte já se esvaziava, os vizinhos se recolhiam e a conversa findava. Alguns respondiam ao chamado no portão mandando alguém dar notícias de sua indisposição, outros saíam e me cumprimentavam ansiosos em retornar para as panelas no fogão. A calçada era o limite e dali eu não passaria tão cedo. Então não haveria grupo ou reunião, dada a ausência de demanda e interesse produzidos na comunidade reticente com a minha súbita aparição. O que contribuiu para que a pesquisadora acreditasse no contrário? Não seria a lembrança de uma cidade com outro nome, fixada em outro estado? Em São Salvador, sua terra natal, adentrou nas casas sem maiores constrangimentos e dividiu as tardes ensolaradas. As vozes silenciadas durante décadas pela modernização desmemoriada em relação aos trilhos falavam efusivamente, enaltecendo a oportunidade de reverem os amigos. Mas não era disso que se tratava naquele instante desatado do passado e de sua gravidade, no sentido do que já se sabe.

Memória-esquecimento II.

Habitar para deformar e não para conservar, manipulando as peças – os registros, os livros e as imagens – à vontade. “Tomar todo esse material histórico a contrapelo, desorganizando-o, alegre e cruelmente. A criança não teme nem ser fascinada pelas imagens, nem manipulá-las à vontade, uma vez que se sente livre para fazê-lo.”³⁴ Introduzir no acervo a alteridade, o descompasso, a incongruência, sem hesitar diante das reviravoltas ocasionadas pela entrada de elementos díspares. Viajar não para ratificar um conhecimento e sim para perscrutar os seus desdobramentos, e cambalhotas, e devaneios. Regressar fazendo “dançarem os tetos e oscilarem as vigas”³⁵ com a música de Dioniso: na companhia das paixões alegres despertar o pensamento e devolvê-lo à invenção de novos mundos possíveis, a partir da imaginação “fazer bifurcar o real.”³⁶ Escrever não para consagrar e sim para deglutir, transmitindo os odores, cores e texturas do alimento alojado e dissolvido nas entranhas. As palavras são contraídas, empurradas, amassadas e esparramadas pouco a pouco, disparando o gatilho da subtração e da multiplicação dos versos caídos das gavetas e dos corpos que escoam os seus afetos ao invés de representá-los. A narrativa avança cambaleante entre latências e levantes, desprendendo-se do que foi, esquecendo-se de como deveria ser nos planos corroídos pelo intempestivo. Desobrar para poder construir, sacudindo o arquivo sem medo, sem culpa, sem concessões: escancará-lo para que não transforme os seus achados e as suas contradições em tesouros ou segredos invioláveis.

³⁴ DIDI-HUBERMAN, Georges. **Quando as imagens tomam posição**. Belo Horizonte: UFMG, 2017b, p. 236 e 239.

³⁵ DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997, p. 119.

³⁶ DIDI-HUBERMAN, Georges. **Remontagens do tempo sofrido**. Belo Horizonte: UFMG, 2018, p. 255.

Encontros I.

É no mergulho que as bordas estremecem, perdendo a sua nitidez. É na parada de ônibus, no banco da praça e na grama do campo que a vila me proporciona chão para aterrissar. Durmo na única casa a qual tenho acesso facilmente, utilizando um quarto e dividindo a mesa na hora do café. Caminho nos dias secos e molhados, buscando refúgio na biblioteca quando necessário. Os funcionários da prefeitura limpam o clube diariamente e deixam a porta principal aberta, facilitando a minha entrada para usar o banheiro. Esbarro com os moradores nas esquinas, cruzando a ponte, separando as frutas no mercado. Os turistas congestionam as ruas nos finais de semana, desapareço no meio deles e novamente me descubro solitária. Busco água na bica, providencio o almoço, percebo o trem passar. Segunda-feira sem falta o padeiro com a sua moto distribui o pão, os caminhões recolhem o lixo e as mangueiras levam a sujeira até os ralos. Com frequência as escolas visitam os museus e os professores ensinam aos seus alunos de uniforme que o Barão de Mauá negociou com a Inglaterra a implementação daquela estrada de ferro. Entre os objetivos dos estrangeiros constava a exportação da colheita exponencial de café em terras paulistas. Sem interpelar os passantes com as minhas ambições acadêmicas e historiográficas pude me aproximar e aprender a estar junto das crianças, dos jovens e velhos sem interrogá-los, sem investigá-los ou analisá-los. A convivência desarmou as nuvens formadas inicialmente com a minha presença, assim como subverteu as regras imaginadas para o jogo: eu não iria reuni-los para o meu trabalho, ao invés disso eles me mostrariam a sua política da amizade.

Desvios IV.

Rajadas de vento chacoalham as cortinas da pesquisa e se contorcem entre os muros do patrimônio, empinando as pipas no céu azul de Paranapiacaba. As crianças³⁷ ocupam os gramados para confeccioná-las, cobrindo-se com os seus panos coloridos e as suas linhas remendadas. Se divertem sem plateia, despistando os espectadores com sede de espetáculo. A mata serve de esconderijo e atalho para quadras e terrenos inacessíveis às câmeras. Os pés pisam no barro e se banham nos córregos antes do anoitecer. Se a névoa se atrasar ou resolver não vir, os recortes de papel e tecido sobrevoarão destemidos, pintando de laranja, verde e lilás a aparente homogeneidade da paisagem. No horizonte logo acima dos telhados eles subirão e desaparecerão com a mesma velocidade, sem revelar os braços estendidos a lhes segurar. Os meninos de mãos dadas com as pipas também seriam capazes de voar. Talvez o cotidiano se revelasse intransponível com todas as suas interdições e invasões, mas a infância se pendurou em um balão para passear e tomar ar puro. Os mais velhos não compreenderam a dedicação empenhada nas costuras e na contagem regressiva das gotas de chuva. Desprezaram o assunto julgando-o irrelevante perto da guerra travada contra os cupins, traças e musgos. Esqueceram de perguntar se os trapos manualmente encaixados por acaso não serviriam para aliviar os seus conflitos, dívidas e heranças. Quem sabe com a ajuda das crianças pudessem experimentar a leveza de pegar carona em uma corda, ou em um fio de nylon, desencarregando-se das forças reativas que curvaram seus corpos e os fizeram padecer.

³⁷ “Fascinação infantil sempre suspensa entre a leveza e a gravidade, jogo e medo, sempre agarrada ao instante, ao aion, sempre impertinente com o sentido da história, com o cronos, com o progresso, ou mesmo com a ideia de projeto” (DIDI-HUBERMAN, 2017b, p. 237).

Ruínas II.

No cemitério de trens os esqueletos dos carros não se decompõem enterrados, são corroídos pelos anos estacionados na posição de suas últimas manobras. Expostos ao relento nunca descansam da vigilância dos moradores e da visita dos turistas, servindo ora como túmulo, ora como cenário. Os boatos de remoção das carcaças geraram contestações fervorosas por parte dos passageiros que andaram nelas embarcados. A irreconciliável negociação da retirada sem a garantia de conserto e devolução atrofiou os vagões, alvejados pelo frio e pelo calor. As vidraças estilhaçadas facilitaram os furtos e as brincadeiras sobre os bancos sem espuma. Os interiores, despidos de seus aconchegos, encharcaram-se com as infiltrações e goteiras provenientes do teto. Os buracos cresceram a ponto de permitirem a escalada de cabeças e pernas interessadas em correr na parte alta da lataria enferrujada. O medo de cair não as impediria de saltar e tropeçar, rodopiando nas beiradas. Caminhar nos desvãos das locomotivas, arrematando o dentro e o fora, sem qualquer compromisso histórico: quanta coragem e agilidade tal exercício requer? Em primeiro lugar é imprescindível não se deixar seduzir pelas lamentações dos vivos e das assombrações que as forjaram arduamente sem consentir com a sua desintegração. “Carcaça, tu tremes? Tremarias ainda mais, se soubesses aonde te levo.”³⁸

³⁸ NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 207.

Desvios V.

No pátio da ferrovia, com a privatização do transporte de cargas, só restaram os funcionários da MRS logística. Os trilhos que dividem o vilarejo ao meio estão rodeados de telas, arames farpados e portões trancados com cadeados. Entre as máquinas e os maquinistas aposentados – entre os viajantes e as rampas de acesso à estação – ergueram-se barreiras com a função de bloqueio. A área negou-se a continuar sendo um prolongamento das casas e das famílias dos operários, expulsando os seus assuntos domésticos e terceirizando a sua mão de obra caso não se encaixassem nos critérios para demissão compulsória. Uma vez afastados, jamais voltariam a dirigir ou a encostar nas composições em atividade, acostumando-se a ouvi-las sem ter nenhum controle sobre as suas engrenagens. O relógio instalado pelos ingleses no coração da malha adormeceu pendurado na torre sem música ao redor: os ponteiros pararam e não há liberação para entrar com uma escada e acordá-los. Os únicos que conseguem pisar nos dormentes e romper com as regras do silêncio estabelecido são os cães: eles cavam buracos e rasgam cercas sem medo das consequências por invadirem uma propriedade privada. Escapam dos guardas sem fôlego e latem adiantando as horas, derrubando a poeira que sobre elas se deitara. Os animais, ao ignorarem os avisos de perigo, arrebatam a corda do progresso minimamente calculado: entoam buzinas, apitos e sinos, agitam as bandeiras e os rádios dos empregados, freiam as rodas e disparam em desatino, sem propósito ou destino.

Memória-trilho V.

Uma ponte esticada sobre os trilhos resolveria o impasse da transição para o lado oposto da vila. A passagem de pedestres em meio ao pátio de manobras cairia em extinção. A proximidade entre as pessoas e a estrada se dobraria pelo avesso com a hostilidade da expulsão e da exclusão dos moradores sem carteira assinada. As trouxas de roupas molhadas depositadas nas caldeiras aquecidas do funicular já não secariam na vigência dos novos protocolos. As refeições trazidas pelos filhos ou pelas esposas até as oficinas esfriariam amontoadas nas fronteiras largamente redefinidas. Os percalços enfrentados com a neblina obstruindo completamente a visão e as sinuosidades do caminho não ameaçariam mais nem aqueles que andavam bêbados ou distraídos. A ponte se provaria menos cruel por envolver colisões de carne e osso, sem armaduras de ferro pesando toneladas e mutilando cadáveres. A parte baixa projetada pela companhia se abasteceria nas visitas aos comerciantes da parte alta, tomando emprestada sua igreja e seu cemitério para enterrar os mortos. A parte alta por sua vez dependeria dos reservatórios de água preparados pelos ingleses para atender as locomotivas e o seu pequeno centro urbano adjacente. Cada qual teria o seu time de futebol, um clube e um cinema: em cima o flor da serra, embaixo o lira serrano. Dividiriam um único campo e arquibancada, intensificando as suas conexões e disputas nos bares, nos filmes, nas partidas e nas operações de uma ferrovia financiada com capital estrangeiro para vencer – e morrer – com o suor e o sangue de todos.

PARTE III:

“Imagino Sísifo indo outra vez para seu rochedo, e a dor estava no começo.”³⁹

³⁹ CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: Record, 2004, s/n.



Figura 8: Travessias do barro.

Memória-patrimônio III.

Se, por um lado, o patrimônio prende, por outro, as fagulhas tremem. Onde há monumentos, também devem existir excrementos⁴⁰. Os pregos e os pilares constantemente revisados eventualmente desabam. O tempo constrange o projeto da eternidade, infringindo suas leis. “O tempo só doa e concede o que ele tem – a saber, o decurso, o transcurso, a travessia.”⁴¹ As autoridades nomeiam guardas e os submetem aos percalços das relíquias que declinam. Matérias apodrecem na companhia dos homens designados a reerguê-las sempre de novo: averiguando danos e providenciando reparos alternadamente eles avançam até o fim dos dias. A luta obstinada contra a dissolução do patrimônio incorre no cancelamento do riso e no adiamento dos ritos fúnebres. É preciso segurar as casas, evitando a sua queda e a sua corrosão. As ordens, mudas e estacas cravadas pelos estrangeiros não recuarão enquanto zelarem pela sua manutenção reposicionando-as a cada abalo ou golpe sofrido⁴². Ao rolar em pedras morro abaixo serão prontamente empurradas em direção ao cume, reiterando a impossibilidade de sobreviverem sem alguém disposto a carregá-las. Sísifo e os moradores de Paranapiacaba reencontram seu fardo no pé da montanha, ou na superfície que regurgita suas raízes mortas apostando na renovação da vida. O vilarejo-museu procede com a escolha e distribuição dos inquilinos no arquivo, fiscalizando suas ações e disciplinando seus corpos no sentido da proteção dos bens materiais e dos valores herdados à revelia de qualquer escolha.

⁴⁰ “Aquilo que eternamente tem de retornar, como um vir-a-ser que não conhece nenhuma saciedade, nenhum fastio, nenhum cansaço: esse meu mundo dionisíaco do eternamente-criar-a-si-próprio e do eternamente destruir-se-a-si-próprio” (NIETZSCHE, 1978, p. 397).

⁴¹ GIACOIA, Oswaldo. Necessidade, liberdade e repetição: sobre a potência do paradoxo. **Revista Brasileira de Psicanálise**, Rio de Janeiro, v. 46, 2012, p. 94.

⁴² “Vejo rostos de gerações passadas: esta região está coberta de imagens de seres ousados e soberanos. Eles viveram e quiseram prosseguir vivendo: é o que me dizem com suas casas, construídas e adornadas para séculos e não para o momento fugaz” (NIETZSCHE, 2012, p. 174).



Figura 9: **FA de fagulha**, faísca, fantasma. **PA de patrimônio**, passageiro, passado.

Memória-patrimônio IV.

As fachadas contêm dois tipos de registro: o primeiro para a sua localização e o segundo para a sua identificação no inventário da rede ferroviária federal. Os imóveis são facilmente reconhecidos pela numeração padronizada de sete dígitos fixada acima das portas. As placas viradas para a rua expõem o sistema de controle e classificação ao qual pertencem as moradias e os estabelecimentos comerciais marcados com a assinatura do patrimônio. Passíveis de inspeção permanecem os dormitórios e os banheiros, os restaurantes e as pousadas, os ateliês e os mercados. Nenhuma chave será capaz de trancar um cômodo assegurando-lhe privacidade, os esconderijos e as manobras para encobri-los não passarão despercebidos. Aranhas, ratos e formigas entram pelas frestas e saem apressados antes de serem esmagados. Os habitantes convivem com o vai e vem dos fiscais e dos turistas que analisam as propriedades em detalhes⁴³. O tumulto cessa com o encerramento das atividades de visitação e vistoria, recomeçando na presença de qualquer estrangeiro à deriva. Os transeuntes se aproximam e importa saber os seus motivos e inclinações: com quem desejam conversar, onde pretendem ir e quando finalmente regressarão. Uma observação atenta e cautelosa descobrirá as intenções e as armadilhas implícitas em suas perguntas, esquivando-se dos perigos iminentes em recebê-los com respostas abundantes e precipitadas. O fantasma da colonização dispara o seu alerta a cada interferência potencialmente ameaçadora pelas demandas e transtornos que poderá impor ao vilarejo, aumentando em tamanho e quantidade as rochas transportadas e os espinhos fincados nos sapatos.

⁴³ “Quanto mais a organização molar é forte, mais ela própria suscita uma molecularização de seus elementos, suas relações e seus aparelhos” (DELEUZE; GUATTARI, 2012a, p. 102).

Memória-patrimônio V.

RFFSA patrimônio 4201800

RFFSA patrimônio 4202068

RFFSA patrimônio 4202016

RFFSA patrimônio 4201954

RFFSA patrimônio 4202069

RFFSA patrimônio 4202076

RFFSA patrimônio 4202043⁴⁴

...

⁴⁴ “Os códigos nunca são separáveis do movimento de descodificação, os territórios, dos vetores de desterritorialização que os atravessam. E a sobrecodificação e a reterritorialização tampouco vêm depois” (DELEUZE; GUATTARI, 2012a, p. 112).

Desvios VI.

O par 42 se repete no salto entre as linhas, descarrilhando o que vem depois dele. Envelopadas com as cores dos vagões as casas resistem às tentativas de uniformizá-las: desbotam, gotejam, trincam e entopem de maneiras irregulares e imprevisíveis. “Tudo deveio nebulosas nas formas, tremidos nos traços.”⁴⁵ Armários e gavetas guardam panelas, potes e talheres distintos. Roupas, cintos e lenços se acomodam amontoados em cadeiras ou enfileirados em cabides. Os aromas variam de acordo com os ingredientes levados ao fogo: cuscuz, nabo, feijão. Os chuveiros esquentam mais nas ruas à direita e apresentam sobrecarga, principalmente à noite, nas ruas à esquerda. Há toalhas e tapetes encharcados com a umidade do ar, há pentes com cabelos, sabonetes com espuma e chinelos de prontidão nas margens das banheiras centenárias. Os vizinhos em um canto vendem cocada, noutra dão festas de madrugada. Os cachorros perseguem as galinhas e os gatos apelam por comida em pontos específicos, nem todos os gramados e escadarias protagonizam tais alvoroços e recidivas. Os ruídos variam ainda em função da tipologia das casas, se estas agrupam duas ou quatro famílias embaixo do mesmo telhado. Os sons passeiam trazendo as notícias dos moradores ao lado, sem se comprometerem ou ao menos responderem pela sua indiscrição. Silêncios e sussurros encerram o que deve ser disfarçado e ocultado em meio ao que é lembrado não por ser visto, e sim por ser inadvertidamente escutado.

⁴⁵ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs vol. 3**. São Paulo: Editora 34, 2012a, p. 120.

Memória-trilho VI.

As hierarquias implementadas pela companhia inglesa excediam a jornada de trabalho, pois as moradias e as condições de acesso aos espaços públicos dependiam das funções desempenhadas na ferrovia. Os engenheiros gozavam da imensidão dos seus casarões providos de calefação e mobiliário sofisticado, ao passo em que os operários apertavam-se nos barracões destinados aos solteiros e aos recém-chegados. A aglutinação de camas e braços sobre as mesas contrastava com os recintos ociosos colecionados pelos chefes indiferentes às agruras enfrentadas pela maioria. Os empregados conquistariam o direito a um domicílio de porte pequeno ou médio se cumprissem com as suas obrigações e alterassem o seu estado civil através do casamento. O aumento no número de filhos e a progressão na carreira resultariam em acomodações maiores, compartilhadas apenas de modo unilateral. As residências não escapariam das divisórias e dos rumores distribuídos por elas, a menos que os empregados ocupassem as vagas disponíveis em um dos quatro patamares na descida da serra. A incidência de mosquitos e acidentes no leito dos trilhos – onde as crianças pisavam ao cruzarem a porta – tornaram o trecho propenso à desistências e aversões por parte dos inquilinos. As dificuldades nos quilômetros de subida íngreme até a estação causavam contratempos aos alunos e enfermos que dependiam de escola e assistência médica, ambos oferecidos somente nas proximidades das oficinas.

Clube I.

Os camarotes do clube serviram aos ingleses nas noites de cinema, orquestra e teatro, atendendo à exigência de mantê-los acima dos nativos e dos imigrantes – espanhóis, italianos e portugueses – contratados pela São Paulo Railway. Nos festejos e espetáculos os operários projetavam filmes, tocavam instrumentos e contracenavam divertindo e emocionando os seus superiores. As comemorações fracassavam e redundavam em advertências se as notas ou peças estivessem desafinadas, envergonhando os anfitriões diante dos seus convidados. O salão costumava lotar e entreter os homens exaustos do barulho e da fumaça das máquinas, contornando estrategicamente as suas reivindicações de fruição artística fora dos limites de Paranapiacaba. Não seria necessário pegar o trem e circular sozinho nas cidades vizinhas, a vila proporcionaria o lazer e a instrução almejadas por qualquer manobrista, agente ou ronda de linha. Além do palco, o clube disponibilizaria mesas de jogos e bebidas no balcão do bar. Em sua área externa, balanços e gangorras sacolejavam com as cirandas intermináveis das crianças abastadas, onde nem sempre giravam os filhos e filhas dos moradores locais. Ao crescerem, os descendentes dos estrangeiros retornavam para a Inglaterra e assim se diferenciavam uma vez mais daqueles que acatariam as incumbências da ferrovia transmitidas pelos seus avós e recebidas por intermédio dos seus pais.

Memória-patrimônio VI.

O tombamento redistribuiu as chaves e os privilégios do uso irrestrito do patrimônio. A prefeitura assumiu o posto da companhia e deu continuidade a sua política de impedimentos e condicionalidades arbitrárias. A atualização da antiga verticalidade soberana e inquestionável esfumou os novos tempos que começavam. A comunidade mal descansou dos ingleses e os servidores públicos puseram-se a descer o morro, num cortejo sem motivos para celebrações. Rapidamente encheram-se as caçambas dos caminhões com as mudanças dos moradores despejados. Sem hesitar eles arremessavam os seus pertences em direção à rua, antes que fossem aniquilados ou confiscados pela ordem de evacuação imediata. Mais um capítulo se encerrava sem cerimônias, simplesmente a saída dura e implacável no momento da chegada decisiva e inegociável. O espanto e a revolta adormecidos ressurgiam conforme os planos da gestão se materializavam: as mesas de jogos plastificadas, os camarotes fechados, a pista e o bar do clube vazios, o campo de futebol interditado, as partidas canceladas, as arquibancadas quebradas, os imóveis trancados, os restauros adiados, as árvores podadas, as conversas e as queixas silenciadas. A mata outrora disponível para a caça dos ferroviários limitava-se agora as trilhas oferecidas aos turistas no parque das nascentes, onde a população seguiria se banhando apenas clandestinamente.

Árvores I.

Nordestinos e mineiros desembarcaram em uma vila ferroviária em funcionamento e presenciaram a sua ascensão como polo turístico. As árvores plantadas nas encostas descampadas cresceram rápido o bastante para proporcionarem aos cearenses e baianos a colheita dos frutos maduros. Mangas e abacates se multiplicaram nos galhos e se dividiram em balaios soltos ao redor dos troncos. As sombras desenhadas pelas copas largas receberam os operários em seus turnos de folga, oferecendo-lhes folhas e excrementos da terra em decomposição. Cartas de baralho e peças de dominó misturaram-se com as partículas de poeira – empinadas pelo vento – e os pingos de chuva – derramados pelas nuvens. Os pássaros dedicaram-se à feitura dos ninhos na extremidade dos postes de luz, tateando as cordas eletrificadas esticadas acima das cabeças e das raízes expostas no chão. Nos intervalos dos vagões e dos ponteiros – programados para se cruzarem regularmente – os maquinistas, foguistas e guarda freios respiravam aliviados na companhia dos silvos silvestres, geralmente ofuscados pelos estouros avassaladores das máquinas. A natureza indócil não respeitou os limites dos fios e se apoiou em sua rigidez frágil, acionando uma intervenção por parte da prefeitura: sem diálogo ou hora marcada as podas deceparam as árvores, retirando a última ponta verde que lhes restava. Os velhos certamente morreriam sem ver a próxima colheita, desconfiando inclusive que esta nem aconteceria, assim como a sombra não retornaria, nem os encontros de alegria aguda e perene.

O eucalipto conhecido como pau da missa apodreceu e pendeu sobre a estrada. A gestão municipal isolou a área e proibiu a exumação do cadáver. A população de mãos dadas resistiu ao corte, formando um cordão de proteção em torno das hastes ressecadas. Gritos e lágrimas brotaram na destruição do bloqueio e na consumação da morte já decretada. Cepos do século passado rolaram numa manhã ensolarada, atravancando o caminho dos carros. Os moradores imploraram pelo recolhimento e posse dos restos espalhados, ao que os homens de uniforme responderam com desprezo. O descarte estava programado, e não a sacralização das cascas furadas pelos pregos que seguravam os avisos de nascimento, casamento e enterro. O padre usava toda a extensão do tronco do eucalipto – situado na parte baixa – para comunicar e convocar a comunidade a comparecer na igreja nossa senhora de bom jesus – estabelecida na parte alta. Os bilhetes depois de transportarem os recados caíram do pé e desapareceram, no entanto, os orifícios alaranjados persistiram apesar do afundamento gradativo dos pregos. A ferrugem coloriu os corredores estreitos escavados no interior da árvore, de onde surgiu inesperadamente um parasita. A vegetação que sustenta um pedaço do pau da missa até hoje apareceu justamente durante o processo de remoção das suas galhadas espatifadas. O ocultamento – sem sepultamento – dos vestígios negados aos olhares fúnebres e pesarosos despotencializou os lutos capazes de conciliação – no sentido de poder dizer sim ao destino: “não apenas suportar o necessário, menos ainda ocultá-lo, mas tornar-se capaz de amá-lo.”⁴⁶ “Superar o ódio contra o passar do tempo é o caminho para a libertação do ressentimento.”⁴⁷

⁴⁶ NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce homo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 49.

⁴⁷ GIACOIA, Oswaldo. Necessidade, liberdade e repetição: sobre a potência do paradoxo. **Revista Brasileira de Psicanálise**, Rio de Janeiro, v. 46, 2012, p. 94.

Campo I.

O campo de futebol virou palco para as atrações do festival de inverno. Danificado durante as instalações e pisoteado por dezenas de visitantes não comportou mais os jogos e as bolas deslizando em seu gramado. As rodas dos veículos e os equipamentos de som arrasaram a grama e desnivelaram o solo, impedindo o confronto dos times adversários. As rivalidades, inicialmente estabelecidas pelos ingleses em termos de nacionalidade, se estenderam seguindo critérios de pertencimento ao núcleo ferroviário. Os atletas do união lira serrano – trabalhadores e inquilinos da companhia – convidavam os seus conhecidos comerciantes da parte alta para se enfrentarem aos domingos. As competições fomentaram a criação de um campo-sede alternativo, destinado aos treinos e aquecimentos da torcida do clube futebolístico caixa de fumaça. Os combates acirrados paulatinamente cederam espaço às brincadeiras das crianças indiferentes aos hinos, cores e bandeiras dos oponentes. O sinal da escola dispensava – e dispersava – os alunos que voltavam a se juntar nas imediações das goleiras horas depois. O refúgio sedento de divertimento, independentemente do clima ou da estação, de repente atraiu o turismo e trouxe bandas, bancas e tendas alheias aos corpos familiarizados com as texturas e ervas daninhas do terreno.

Memória-patrimônio VII.

Jatos de água e sabão limpam os muros e calçadas nas semanas que antecedem o festival. Pincéis cobrem com tinta as imperfeições dos cabos, dos postes e das ripas. As cercas esburacadas são preenchidas, as telhas quebradas remendadas ou substituídas. Vassouras e pás arrematam plantas, teias e ninhos que vicejam em locais indevidos. Lixeiras, bancos e banheiros químicos trazidos na véspera se intercalam ao longo das quadras. Arranjos de flores perfumadas e placas sinalizando as múltiplas entradas para o consumo no parque museológico são posicionados coroando os preparativos. Os entregadores enchem os estoques dos restaurantes com bebidas e comidas frescas, enquanto as barracas de alimentos terceirizadas pela prefeitura ocupam os pontos de venda privilegiados. O pipoqueiro da vila divide sua clientela com um carrinho moderno de fora, contratado para cobrir a demanda do circo acampado na esquina, a poucos metros de distância. A cachaça de cambuci, produzida e comercializada pelos moradores no mercado, não ganha destaque perto dos produtos exibidos nas áreas de maior especulação e circulação. Os artistas e artesãos disputam a atenção com as intervenções culturais arranjadas na rua: há palhaços, pintores, ceramistas e escultores residentes em Paranaíacaba, mesmo assim, os convites contemplam quase que exclusivamente as propostas de grupos e escolas reconhecidos São Paulo afora. Os monitores ambientais adentram os corredores úmidos da mata atlântica conduzindo turistas desavisados: somente eles usufruirão de maneira autêntica das belezas e perigos da natureza, mergulhando em suas águas cristalinas. Os seguranças guardarão o interior do clube aos portadores de crachás ou senhas de autenticação, barrando indistintamente a multidão. As vias públicas condensarão pedestres andando em zigue-zague ou sentados formando tapetes humanos. O congestionamento das vielas e pontes sacudirá as estruturas e empurrará para as margens os passos atônitos dos senhores e senhoras acostumados ao silêncio melancólico do patrimônio.

Memória-patrimônio VIII.

Vinte de julho de 2019, às 19 horas, o público se apertava sobre a passarela metálica no aguardo das autoridades. As benfeitorias na torre do relógio mereceriam uma reinauguração com foguetes e aplausos transmitidos na televisão. Canhões de luzes iluminariam a dança dos ponteiros temporariamente despertos e esquecidos do seu cansaço. O modelo de quatro faces, inspirado no Big Bem londrino, apesar dos esforços e das tentativas não recuperaria as badaladas do sino responsável pela contagem das horas. O tempo passaria indiferente ao acréscimo dos minutos e decréscimo dos segundos, progredindo e retrocedendo aos solavancos. O desgaste das cordas retardaria a previsão de um ajuste preciso e satisfatório para a comunidade de ferroviários aposentados – acostumados com o ressoar das batidas em meio à obscuridade da neblina ou sob um céu azul prateado. Curiosamente os espectadores esbaforidos na mira dos holofotes estavam a passeio, contabilizando os atrasos com ironia, e não com repulsa. Línguas heterogêneas se cruzavam sem se tocar, incrementando uma sonoridade ímpar de chiados, chuviscos e gargalhadas. Os locatários das casas licitadas – na parte baixa – e os proprietários escriturados – da parte alta – não compareceriam ao evento lotado de estrangeiros deslumbrados com as influências da Inglaterra preservadas no cenário bucólico do século XIX. Atrasados desviariam dos obstáculos na ponte e desceriam ao final sem se enredarem nos viajantes admirados com a imobilidade e a defesa salutar das colunas estremeçadas pelas forças contraditórias que regem – e por vezes desestabilizam – o patrimônio. “Mesmo a cidade mais estriada secreta espaços lisos⁴⁸: é neles que a luta muda, se desloca, e que a vida reconstitui seus desafios, afronta novos obstáculos, inventa novos andamentos, modifica os adversários.”⁴⁹

⁴⁸ “O liso é a variação contínua, é o desenvolvimento contínuo da forma” (DELEUZE; GUATTARI, 2012c, p. 197).

⁴⁹ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs vol. 5**. São Paulo: Editora 34, 2012c, p. 228.

Memória-fagulha III.

Fagulhas incendiárias se agitam nas caldeiras das locomotivas em movimento e transbordam pelas chaminés da história. As brasas expelidas com a produção do vapor, ou remanescentes após o recuo das chamas, se depositam no leito dos trilhos. Os estalos reverberam e aderem aos passantes, pegando carona nos rasgos e labirintos de sua pele-ouvido. As faíscas tocam as superfícies com o seu calor, aquecendo-as e corroendo-as a um só golpe: rastilho inflamado adentrando os poros da matéria incólume. “A matéria está sempre em movimento, em choque contínuo: ora ela cria corpos, ora ela os dissipa.”⁵⁰ A contaminação é recíproca e inevitável: ardem as plantações, paredes e narrativas acesas através de pontos luminosos dispersos e trêmulos. As vias de iluminação pública – arquivos e discursos oficiais – negam os furos e arranhões, os tombos e desventuras testemunhados no alvorecer dos acontecimentos. A trepidação das vigas e vidas assentadas em Paranapiacaba atesta a favor do pulso que há – e que resta – contrariando a aparente estabilidade e homogeneidade imposta. O cenário alvo de reparações também clama pela desmontagem, tanto do seu enredo quanto de seus personagens: homens e mulheres morrem a despeito da eternidade programada. Os guardiões desfalecidos reivindicam a sombra – ou a escuridão da noite – para poderem desatar a corrente atada em seus tornozelos, livrando-se do rochedo ao menos até o próximo amanhecer.

⁵⁰ SCHÖPKE, Regina. **Matéria em movimento**. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p. 447.

Memória-fagulha IV.

Segurando xícaras de café ou de chá, nas manhãs e madrugadas oportunizadas pelo convívio, assisti o levante das centelhas que rodopiavam no meio da sala. Os goles curtos custavam a desnudar o fundo e a dispensar as alças fortemente envolvidas pelos dedos. A respiração se acomodava nos intervalos dos versos afiados ou abarrotados em função de reiterados engavetamentos e compressões. O rompimento discreto e parcial das barragens de contenção erguidas em torno das narrativas seria suficiente para demonstrar o perigo e a hesitação inerentes à transmissão. As ruínas, contrariando as suposições de passividade e agonizante decomposição, revelar-se-iam prenes de ação, em todo o seu anacronismo e potencial de irrupção bem no centro das zonas silenciadas pelo poder, pelo progresso e pela violência da coerção. “Um fóssil desperta contra qualquer expectativa, se mexe, se agita, se afoba e rompe o curso normal das coisas. É um resto vital que se põe a dançar.”⁵¹ A pesquisa não se sentaria à mesa junto aos fantasmas ou defuntos do passado, transitaria entre os abismos do presente, participando da sua composição⁵². Neste sentido, caberia a ela tomar uma posição, assumindo os riscos de ser interpelada pelos lampejos, lascas e lavas de um vulcão em erupção. As fagulhas queimariam suas roupas e se grudariam em seus calçados, bem como faziam outrora com os passageiros do trem. Ao término das viagens os transeuntes averiguavam os estragos causados pelas brasas incandescentes disseminadas nos vãos das janelas e nas plataformas de desembarque. Ardiam os tecidos, agora ardem as palavras ultrapassando os enquadramentos e aprisionamentos forjados por uma paisagem-museu. Se os objetos-relíquias calam e consentem, os corpos-relíquias se debatem – e se alastram feito fogo – diante de tal submissão.

⁵¹ DIDI-HUBERMAN, Georges. **A imagem sobrevivente**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013, p. 295.

⁵² “A história que Nietzsche critica é a que se mostra incapaz de abordar o passado sob o ângulo de suas sobrevivências e metamorfoses. Para ela, o passado é um objeto morto, mesmo e sobretudo quando acredita conservá-lo, pois o mumifica, renunciando a sua força” (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 145).

PARTE IV:

“Um dia tudo se tornará fogo.”⁵³

⁵³ Heráclito de Éfeso. **Pré-socráticos**. São Paulo: Nova Cultural, 1999, p. 85.



Figura 10: **Chamas incendiárias I.**

Fumaça e neblina II.

Se a neblina deita o seu véu sobre a cidade, a fumaça descortina a sua evaporação. Se uma ofusca, a outra declina e suspende o peso da conservação. Os contornos turvos favorecem o roubo e a desorientação: somem os prolongamentos robustos das linhas – férreas, patrimoniais e históricas – e eclodem as fendas por onde transitam densas correntes de ar. O desaparecimento provisório das imagens impõe a necessidade do salto no desconhecido: aposta de criar desvios, extraviando as rotas previamente concebidas. Paisagens se abrem pelo avesso, ao pintarem-se de cinza, de cima para baixo, do começo ao fim. A rigidez dos tijolos e das articulações é embaraçada com a umidade e a nebulosidade distribuídas pelas nuvens andarilhas. No meio da névoa tombam os imperativos da exposição, da cordialidade e da subordinação: vultos irreconhecíveis rastejam, correm e flutuam, despreocupados por sonharem acordados com o voo em meio ao dismantelamento temporário dos grilhões. A fantasia de uma dança ancestral no alto da serra colonizada e prometida aos ingleses apesar do seu abandono. A gravidade descompensada pelo riso e pelo delírio de fabricar mundos a partir dos escombros corroídos em sua imponência e solenidade. “Para toda madeira carcomida, para todos os trapos malcheirosos, o forno aceso e fervoroso.”⁵⁴ Reunir as cinzas a fim de inventar uma chama e não para reiterar o perdido. Acender o pavio do tempo que nos consome e que justamente por isso nos inflama. Queimar na ânsia de digerir, digerir no ímpeto de esquecer.

⁵⁴ NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 180.



Figura 11: **FU** de fumaça, fuligem, fusão. **NE** de neblina, nebulosa, negociação.

Neblina II.

Os turistas descem em Paranapiacaba com o céu limpo. Apressadamente largam os seus pertences em qualquer esquina, acreditando na facilidade de reencontrá-los horas depois. Mais cedo ou mais tarde dispensam o apoio dos guias e partem sozinhos, explorando o vilarejo ao seu modo. O ritmo das compras e degustações destoa das explicações demoradas que regem a condução ensaiada dos recém-chegados. Eles escorregam agilmente ignorando os ensinamentos e as prescrições ditadas pelo patrimônio. A preparação meticulosa dos roteiros não prevê saídas antecipadas e ouvidos desinteressados para os versos narrados com entusiasmo. Os monitores fracassam na tentativa de compartilhar – e se desvencilhar – dos saberes eleitos como verdades inquestionáveis. Aqui e ali onde não estão mais os estrangeiros, os moradores se veem assombrados pelos seus fantasmas. O acesso restrito aos espaços públicos e privados é derrubado pela própria prefeitura enquanto durar a marcha dos convidados. As chaves, cedidas por ocasião da abertura programada, sem demora retornarão aos cofres com segredos desvendados por poucos. O privilégio de invisibilizar temporariamente os bloqueios, destravando fechaduras e cadeados, acarretará na fria reapresentação dos mesmos após a debandada dos excursionistas. A sua partida é muitas vezes confundida com o aparecimento abrupto da neblina, que engole os automóveis e viajantes, cuspidos-os de maneira aleatória e desconcertante. O encobrimento das ruas e a similaridade das casas cor de vagão, vislumbradas poucos centímetros acima da estrada, exacerbam o atordoamento de quem pretendia ultrapassar sem entaves os limites do museu.

Fumaça e neblina III.

Se os vapores acumulados fecham fronteiras e passagens, os pés se movem sem o auxílio da visão. Tropeços e choques indicam as sinuosidades, curvas e obstáculos do caminho obstruído em sua retidão. As placas cercadas de cerração já não prestam suas homenagens aos engenheiros da ferrovia. Mapas e referências de localização despencam na velocidade do vento que empilha – e dissipa – camadas incontáveis da bruma-passageira. Ela vem e vai, enchendo e esvaziando os pulmões dos lugares por onde passa. Quando retém partículas de ar, se balança soltando-as devagar, comprimindo e distendendo as vias a cada aparição. As chaminés das locomotivas, outrora responsáveis pelas caudas de fumaça esvoaçantes sobre os trilhos, postergaram indefinidamente as suas viagens ao serem desativadas e substituídas. A contemplação do fenômeno disparado pelas máquinas fumegantes e regulado através de seus fluxos intermitentes cessou de repente. Desde então os horários definidos para os embarques e desembarques na estação não acendem ou propagam nenhuma chama no horizonte. O nevoeiro, por sua vez, irrompe e se alastra desobedecendo relógios e calendários, inclusive de maneira a embaralhar os dias e semanas: manhãs e tardes anoitecem com o soterramento do sol debaixo das nuvens. As estrelas iluminam a escuridão descomprometida em relação aos movimentos de transformação da água: ora serpenteando a terra, ora suspensa no firmamento, ela avança e recua liquefazendo-se ao pender novamente sobre o chão.

Neblina III.

A dispersão momentânea da paisagem-monumento dilata os poros e a imaginação daqueles que resignados repousam junto aos tesouros importados em decadência. As ruínas não devem ruir, eis o princípio do seu endividamento. Nenhuma promessa é capaz de evitar o declínio da matéria, suas rachaduras e desmoronamentos. Apodrecem as peças consideradas raridades somente devido à atenção recebida pelos europeus. Os urubus desistem de esperar as carniças pois tudo morre lentamente enquanto os restauros são arranjados. Nada sucumbe – ou é rejeitado e descartado prontamente – sem definhar. A tinta desbota na medida em que as raízes infiltram-se nas paredes, os telhados rompem e os assoalhos inundam, mesmo assim, não é permitido intervir, a não ser para salvar as estruturas do desastre iminente. O cenário exibido nos filmes e nas fotografias é mantido graças ao esforço cotidiano de reposicionar os seus alicerces, fixando-os em vão. Se o véu desloca por alguns instantes a rigidez das formas e o atrofiamento da memória, ao se dissipar impõe o recomeço das obras e das aflições. Depois de sobrepor-se aos traços, apagando-os provisoriamente, nada retorna na posição ou condição em que estava. A fugacidade da subtração, bem como do esquecimento, diferem sem decretar o extravio radical do passado.

Neblina IV.

As desavenças são atenuadas com o enfraquecimento do controle exercido sobre a população. As especulações perdem velocidade em função da membrana espessa depositada nos intervalos das construções. Os vizinhos se afastam do universo alheio comumente observado através das janelas e porões. Os inquilinos aliviados despistam os fiscais, adiando as cobranças e as intermináveis negociações. As inimizades sofrem erosões na medida em que os opostos não se alcançam mais: a parte alta se esvai para a parte baixa e vice-versa. O pátio e a ponte são preenchidos de modo a confundirem os sentidos: apitos e tremores persistem difusos e imprecisos, abrangendo o perto e o longínquo. Os cabos e dormentes afrouxam os alinhamentos aos quais achavam-se atados: a distração propiciada pela aproximação do fog londrino é permissiva no sentido da alteração da ordem instituída. O panóptico⁵⁵ descentralizado desde a desativação da casa do engenheiro-chefe, localizada estrategicamente no ponto mais alto do vilarejo, só adormece quando a visibilidade é drasticamente interrompida. Raios e refletores não atravessam o manto acinzentado, toda e qualquer intenção de luminosidade e transparência é dispensada e devolvida. Os estrangeiros – jornalistas, pesquisadores e turistas – andam em círculos até esbarrarem por acaso com uma saída. As portas vão sendo encostadas uma a uma e os passantes desconversam os pedidos de ajuda e abrigo.

⁵⁵ “Fazer com que a vigilância seja permanente em seus efeitos, mesmo se é descontínua em sua ação, que a perfeição do poder tenda a tornar inútil a atualidade de seu exercício. O esquema panóptico, sem se desfazer nem perder nenhuma de suas propriedades, é destinado a se difundir no corpo social, tem por vocação se tornar uma função generalizada” (FOUCAULT, 2013, p. 191 e 196).

Neblina V.

Na edificação de maior apreço para a companhia repousaria Daniel Fox, o britânico encarregado de vencer as adversidades da serra com os seus cálculos de engenharia. No escritório incorporado às dependências do castelo designado aos seus afazeres e domicílio, a vista panorâmica ganharia relevância como instrumento de vigilância. Os operários monitorados à distância resvalariam eventualmente nas tentações da bebida e da tagarelice desenfreadas, acatando advertências e punições mal justificadas. Os comunicados intimidadores constrangeriam inclusive os empregados isentos dos equívocos e deslizes cometidos. A culpa se ramificaria de acordo com a apuração minuciosa da rotina: ausências e atrasos, flertes e tragos, tumultos e intrigas seriam delatados pelas lentes inalcançáveis de prontidão. A mesa de desenhos ocuparia tanto o engenheiro quanto os janelões envidraçados: ali se recostaria para gozar da liberdade de rir e intervir nas vidas alheias sem ser afrontado – ou sequer tocado – por elas. A assimetria do poder lhe garantiria o sossego e a solidão jamais experimentados por aqueles corpos alocados no canteiro de obras da ferrovia em ebulição. O único impedimento no qual esbarraria para assistir aos pormenores de seus planos e comandos em execução viria com um sopro contínuo, decisivo na chegada e manso na partida. A névoa protegeria os exaustos e eufóricos das despensas e repreensões, abrandaria as represálias e humilhações, perdoaria os descuidos e desatenções. As interferências e cortes repentinos na exibição dos episódios diários dispensariam avisos ou explicações: nenhum esforço reverteria o quadro e reestabeleceria a conexão com o jogo jogado às custas dos homens vigiados.

Neblina VI.

As ondas de garoa prejudicam a travessia das embarcações: explorações de cunho turístico e acadêmico são repelidas quando Paranapiacaba está de ressaca. Náufragos se tornam os inquisidores, trapaceados pela correnteza que leva-os para longe dos habitantes. Enfileirados nas bordas como grãos de areia eles desistem de nadar contra a arrebentação: sem fôlego antecipam a evacuação do parque e do terminal de ônibus. Colapsam os planos de viagem e investigação, derrubando as exigências incutidas na população: trajes e gentilezas voltam para os armários onde são mantidos de prontidão. As oportunidades – e demandas – para se desdobrarem não faltam nos finais de semana ensolarados: os entrevistadores convocam os entrevistados e perguntam sobre as memórias inglesas da vila, jamais perdidas – ou esquecidas – porque colecionadas. O tempo de recolhimento finda e os diálogos corriqueiros não se desenrolam sem violências e ironias. Se o patrimônio lembra um circo, aclamado por sua exaltação constante da colonização, os moradores prefeririam evitar a confusão que lhes atribui o papel de palhaços ou de adereços do cenário. A objetificação dos sujeitos – suscetíveis às pressões dos estrangeiros que nunca deixaram de partir e regressar – culmina com o deboche e desdém alimentado nos bastidores e nas coxias do palco.

Segredos II.

O bar inacessível de segunda a sexta-feira escancara o seu funcionamento aos sábados: mesas e cadeiras de plástico, desgarradas da penumbra habitual, são dispostas na calçada. No balcão um antigo ferroviário aposentado atende ao público de jaleco branco e mãos bem escovadas. As garrafas manuseadas com destreza e precisão, entre copos cheios e vazios, revelam a intenção de evitar o emprego abundante das palavras. Piso no estabelecimento e o senhor que procuro para conversar é justamente aquele a me informar que ainda não chegou e que não sabe se virá. A brincadeira redundante em mal-estar ao sofrer a intervenção de um frequentador local assíduo e reconhecido pela comunidade. As tentativas de acesso, sem as credenciais conferidas por terceiros, sofrem com o seu próprio cancelamento. Por outro lado, na companhia dos viajantes as identidades circulam mais fragmentadas, fortalecendo os disfarces e as chances de anonimato. As performances findam-se os conhecidos denunciam os impostores, negando-lhes a cumplicidade imprescindível à sabotagem do nome e da biografia a ele associada. As fotos coladas no mural do bar trazem à tona várias crianças em idade escolar. Parado diante delas o homem embaraçado com a situação me convoca enfaticamente a reconhecê-lo nos retratos. Os seus gritos de indignação ecoam no caminho de volta para casa, pois a perplexidade obrigou-me a sair sem oferecer-lhe a resposta cobrada em troca da identificação indesejada.

Memória-fogo I.

Os redemoinhos alaranjados de fuligem e fumaça não sinalizam mudanças climáticas, e sim alarmes de incêndio. A cidade, ao se acender, afirma sua permanente instabilidade, contrariando as leis da estagnação e procedendo com o sepultamento dos cadáveres. A marcha fúnebre de evaporação do patrimônio entoa lamúrias e acusações, reunindo as testemunhas nas regiões atingidas pelo fogo⁵⁶. As ardências das chamas – e suas queimaduras expostas – não afugentam o público que se equilibra nas beiradas: o choque e o desespero mobilizam o contato próximo com as labaredas famintas e impiedosas. Os bens interditados e esvaziados à força pela prefeitura são engolidos e irremediavelmente extraviados: os cômodos protegidos dos rastros capazes de rasparem os vestígios do passado elevam-se num ritual de despedida febril. As centelhas misturadas ao ar expirado e exalado são prontamente assimiladas pelas células e esquecidas durante a sua metabolização: as imagens se decompõem e os órgãos absorvem a sua poeira. Os resíduos sobreviventes adentram as paredes do solo, das plantas e da carne, incrementando suas nuances e cicatrizes. O calor resseca os galhos e a garganta, forjando dobraduras e acordes impensados: o desaparecimento das coisas coincide com a sua transmutação, nada se preserva ou se dissolve sem contaminar as águas que correm em direção ao futuro. “O mundo vive de si próprio: seus excrementos são seu alimento.”⁵⁷

⁵⁶ “Tais colunas de fogo devem preceder o grande meio-dia. Mas esse tem seu tempo e seu destino” (NIETZSCHE, 2011, p. 170).

⁵⁷ NIETZSCHE, Friedrich. **Vontade de potência**. Rio de Janeiro: Vozes, 2017b, p. 486.

Memória-fogo II.

Os estalos são os primeiros a brotarem, rasgando o sono e a madrugada ao meio. Os rumores desacomodam os lençóis sem alardes, descarrilhando os sonhos irrequietos com as vozes do lado de fora. As batidas veementes na porta confirmam a suposição do abandono antecipado da cama, forçado pelo chamado urgente e embargado. A pressa conduz os pés descalços e as mãos vazias até a janela entreaberta onde se debruçam as mulheres consternadas. O marco emoldurando o retrato da história em chamas, queimando bem ali diante dos olhos. “De fato, aqui e ali alguém toca conosco – o querido acaso.”⁵⁸ Sentindo frio respiro a fumaça trazida pelo vento para dentro dos pulmões e quarteirões da memória. O fogo depois de cercar a antiga residência do engenheiro entra impassível e sobe para o telhado, preenchendo o seu interior de cores vívidas enquanto o consome. As chaminés e os troncos resistem à derrocada e rápida ascensão dos estilhaços, sem demora recolhidos em espessa camada de partículas heterogêneas empurradas para além dos limites de Paranapiacaba. Lá se vão os vestígios irreconhecíveis da fiação e dos canos, das tábuas, tintas e tecidos expostos por décadas a fio ao mofo e suas colônias de ácaros. Os tremores do chão não alcançam a vila inteira, desmaiada em muitas casas e casos para os golpes fatais de incineração do arquivo. A retração sucessiva dos pilares do patrimônio, demonstrada na manhã seguinte pelos vãos existentes no terreno, reanimam a suspeita de que os imóveis correm perigo iminente de tombar, não sobre a eternidade, mas debaixo das sombras da aniquilação.

⁵⁸ NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 167.

Cinzas I.

As cinzas aglomeradas entre as fundações salientes esfriam ao amanhecer: os raios de sol nascem pontualmente devolvendo os coveiros cambaleantes do castelo aos seus respectivos aposentos. Os bombeiros estacionam o caminhão pipa diante dos escombros já saturados pelo calor excessivo: a água não pode saciar a sede de uma fogueira extinta. A área devastada recebe fitas e faixas de isolamento: é proibido entrar e averiguar o ocorrido, é proibido carpir e revirar a tumba descoberta. As feridas não participam dos noticiários interessados ora nas vítimas, ora nas causas e nos responsáveis: lutos e sofrimentos adjacentes não repercutem na imprensa, em compensação agridem às entranhas, dando início aos espasmos da má digestão. Os habitantes farejam as provas e os suspeitos, acusando-se mutuamente, sem conseguir adentrar o cerco montado para contê-los sob os pretextos de sigilo e proteção. A barreira esboçada nos arredores do gramado, amplamente visitado nos instantes agonizantes de sua combustão, recai sobre os turistas desinformados e os sonâmbulos estarecidos com os volumes extirpados. As pregas cerzidas com agulhas estrangeiras se soltam criando lacunas no projeto original: os vincos desfeitos não serão localizados e tampouco reconstruídos. A caixa de costura lacrada e reconduzida através do oceano de volta para a Inglaterra não remediará os estragos das zonas acometidas pela cortina inflamável. Os pontos – e estrias – despedaçados deixam capítulos da vila em aberto, sem uma única resposta ou solução: árida remontagem ou subversiva libertação, eis o impasse contraído nas heranças repassadas aos locatários.

Desvios VII.

Os cortes se impõem furando o bloqueio e assentindo com as pegadas que contornam os destroços do incêndio. Na terra molhada se inscrevem as marcas fugidias dos sapatos, tão frágeis quanto precisas em sua sobreposição. Os vultos percorrem as ruínas desenhando seus trajetos descontínuos no chão. As trilhas outrora estabelecidas pelo ir e vir do engenheiro se bifurcam em um grande rizoma⁵⁹: as linhas transbordam o propósito de descer e subir, sair e voltar, reinventando suas conexões e direções. Os caminhos múltiplos examinam folhas de zinco retorcidas, braços de árvores queimados, torres de tijolos trincadas, cercas e postes caídos. Formam-se novas pilhas, passíveis de recolhimento, a partir da separação empregada pelos artistas-catadores: vasculhando os entulhos eles pescam retalhos endereçados ao lixo por não servirem mais em suas antigas coleções. A apropriação dos cacos desvia-os do descarte e também da consagração: aderem às experimentações de montar e desmontar sem a pretensão de reproduzir ou conservar. A escavação da matéria, anteriormente deformada pelo fogo, proporciona um exercício de elaboração – e tomada de posição – acerca das transformações e acidentes que interpelam o presente. A história – e as imagens – nunca repousam tranquilas: as faíscas assaltam o arquivo e arrastam “as formas num jogo de dissolução.”⁶⁰ Não há como evitar os acasos e apelos da destruição: trata-se de abrir espaço às custas da imaginação.

⁵⁹ “Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio – lugar onde as coisas adquirem velocidade” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 48 e 49).

⁶⁰ DIDI-HUBERMAN, Georges. **Quando as imagens tomam posição**. Belo Horizonte: UFMG, 2017b, p. 241.

Ínfimas brasas perduram nos canteiros varridos pelas chamas: em meio à massa de detritos considerada inerte elas rolam e pululam. A intensidade reduzida das luzes e ruídos disfarça a sua presença errática, porém, constante: para lá e para cá, conforme o vento leva e traz, molha e seca, revolve e desenterra. Os passantes preocupados em averiguar e coletar os restos não as enxergam, minúsculas e silenciosas que são. O cheiro exalado pela queima ininterrupta é confundido facilmente com a fuligem impregnada nos troncos e nas lascas espalhadas. Nos intervalos entre um incêndio e outro, há centelhas dispostas a vagar em bandos ou solitárias nas sombras do patrimônio e nos cantos das páginas. As testemunhas calam-se na tentativa de esquecer o fenômeno voraz e intermitente a lhes roubar os sonhos e pesadelos a cada aparição: arderam – e ardem ainda na lembrança – as edificações, máquinas e registros apunhalados sem permissão e compaixão. Os carneiros destrincham os fósseis submetendo-os à evaporação. “Um vento de tempestade apanha tudo o que é gasto, podre, quebrado, atrofiado, envolve-o no torvelinho de uma nuvem rubra de poeira e o carrega pelos ares.”⁶¹ O adiamento sucessivo dos restauros e licitações, o descumprimento sistemático dos contratos e combinações e a vertigem com as ordens súbitas de remoção contribuem para as explosões: nenhuma ameaça é capaz de conter a fúria e o ressentimento de não caber em sua terra, incansavelmente devotada ao colonizador.

⁶¹ NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 120.

Memória-fogo III.

“– É o fogo que purifica.

Só o fogo salvará. Salvará só o fogo. Repetia, variava, repetia. Só o fogo.”⁶²

⁶² FERRAZ, Geraldo. **Doramundo**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1975, p. 185.

Memória-fogo IV.

As subtrações constantes engendradas pelo encobrimento e corrosão das formas, seja de maneira transitória (neblina), progressiva (ferrugem) ou intempestiva (fumaça), suscitam incertezas e contradições na medida em que existem esforços concomitantes para lembrar e para esquecer. A afirmação do trágico e inevitável esfacelamento da vida não elimina a vontade de perseverar e restituir as casas e documentos extirpados do inventário. Os acordos e contratos contendo os termos de uso e exploração da estrada de ferro por parte da Inglaterra se desmantelaram às vésperas do término da concessão. As cláusulas redigidas em meados de 1860, após inúmeras viagens e ofertas do Barão de Mauá, despencaram no abismo da ilegibilidade consumada com a sua aniquilação. Os registros carbonizados não seriam passíveis de revisão ou contestação, as lacunas, incongruências e disparates sufocariam em silêncio sem esparramar vestígios. A comoção cresceria quando a estação do alto da serra se acendesse em plena luz do dia, arremessando para todos os lados as partículas do passado estraçalhado. A extensa cobertura providenciada sobre a plataforma não acolheria mais os casais de namorados, nem os pequenos vendedores de doces espantados com as tempestades. A bilheteria, os banheiros, bancos e balcões indiferentes abririam mão de seus traços e feições, os passageiros ao relento esperariam o trem, sem maiores alegrias ou comemorações. Ano a ano, um novo boato ou ato de destruição, como se algo se repetisse impetuosamente, decretando o sumiço e a criação de arestas nas quadras e prateleiras da memória⁶³.

⁶³ “O caráter destrutivo só conhece um lema: criar espaço, apenas uma atividade: esvaziar. Tem poucas necessidades, e muito menos a de saber o que ocupará o lugar da coisa destruída. Não vê nada de duradouro, mas por isso mesmo vê caminhos por toda parte. Converte em ruínas tudo o que existe, não pelas ruínas, mas pelo caminho que as atravessa” (BENJAMIN, 2017, p. 97, 98 e 99).

Segredos III.

A biblioteca encheu-se de livros e histórias, mas ignorou os escombros sobre os quais se acomodou. Não há em seu acervo um volume sequer retratando o incêndio que esvaziou a área hoje ocupada por suas divisórias sem falhas ou arranhões. As salas distribuem os visitantes de acordo com a idade e proximidade em relação ao vilarejo: as crianças deitam-se no tapete logo na entrada, os adultos sentam-se em ambientes úmidos reservados ao estudo, os funcionários da prefeitura bebem café e conversam mais próximos à mesa da bibliotecária, os turistas correm os olhos pelos compartimentos e isto já basta para decidirem ir embora. Há seções apresentadas aos pesquisadores, ainda que algumas obras e reportagens saltem das gavetas somente em uma segunda abordagem: estive durante semanas folheando os materiais ao meu alcance, no entanto, os jornais das últimas décadas apenas vieram à tona quando retornei meses depois. Ao ser vista – e reconhecida – ganhei acesso a um espaço restrito destinado aos recortes dos eventos e acontecimentos raramente comentados pelos moradores. Narrativas de épocas sobrepostas, disputas pelos imóveis e a ameaça do fogo pairando sobre o futuro: “Paranapiacaba pode virar uma tocha.”⁶⁴ Se o assunto se destaca nas linhas de palavras desbotadas pelo tempo, no cotidiano em compensação é escondido e apartado das discussões. Fatalidades na fiação deteriorada, crimes premeditados, velas enredadas em cortinas, ausência de bombeiros para prestar socorro: todos se eximem de nomear os episódios, preferindo mantê-los em segredo, seja para não se comprometerem, seja para não assumirem as fragilidades e percalços do patrimônio.

⁶⁴ Diário do Grande ABC. Reportagem de 25 de julho de 1995.

Cinzas II.

A prontidão em cercar as cinzas, expulsando os habitantes dispostos a revirá-las, responde a uma intenção de conservar as ruínas ou de apagar os seus rastros na tentativa de suprimi-los? Quando um comércio ou moradia se ergue exatamente sobre o antigo – queimado e desaparecido – quais são as possibilidades para inscrever o desastre e o luto na paisagem? Se os tapumes cobrem e invisibilizam o desarranjo causado pelas chamas até que um substituto – simulacro e não cópia – advenha, as vozes encurraladas pelos discursos oficiais se retraem, postergando o esquecimento. As múltiplas versões do ocorrido são reduzidas a um único pronunciamento, evitando-se assim os dissensos e mal-entendidos. Nesta perspectiva, o arquivo omite bem mais do que denuncia: os personagens – as mulheres, as crianças, os velhos e os nativos – respiram nas entrelinhas da história, impedidos de transmitirem as graças e as dores de suas existências. Em Paranapiacaba, importam e são legitimados os ensejos e restrições da prefeitura, inevitavelmente atrelados aos valores e posses herdados dos estrangeiros. Os versos nunca escritos – ou propositalmente confiscados – reverberam através de murmúrios e hesitações compartilhados: o apelo é um sopro e não uma ventania, justamente porque ele quer passar pelas frestas e costurar o seu sentido no avesso dos imperativos ditados pelo progresso do capital.

PARTE V:

“Então chegou a vez da descida antropofágica. Vamos comer tudo de novo.”⁶⁵

⁶⁵ ANDRADE, Oswald. **Manifesto antropófago e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 64.



Figura 12: Chamas incendiárias II.

Antropofagia II.

Se o culto aos europeus se transformasse em uma celebração da sua alteridade – capturada e relançada – a memória se tornaria menos colonial e mais antropofágica⁶⁶. Se a conservação do projeto importado de civilização ardesse até sucumbir, quem sabe pudéssemos enxergar ainda um filete de sangue dos nossos ancestrais ali onde os trilhos se deitaram. Se o patrimônio estivesse interessado pelos moradores – e não simplesmente a serviço do turismo – os estrangeiros não se multiplicariam após a partida dos ingleses. As lembranças da truculência e da vigilância, os temores e as restrições, não se atualizariam diariamente na relação com os visitantes e com os fiscais da prefeitura. Os camarotes do clube dispensariam a poeira depositada sobre os bancos ao receberem os próprios habitantes da vila, finalmente convidados a usufruírem do espaço vazio reservado aos superiores da companhia. Se as ruínas mobilizassem lutos e despedidas, e não proliferassem inimizades e intrigas, a assimilação dos restos culminaria na sua digestão e esquecimento⁶⁷. Ao serem impedidos de carpir o solo, exceto com a finalidade de remover as ervas daninhas, homens e mulheres envelhecem como meros personagens de um cenário previamente fabricado e minuciosamente programado para não levantar suspeitas e testemunhos contra os seus fundadores reverenciados. As pegadas dos povos indígenas, propositalmente enterradas, revelariam aos escavadores as inúmeras violências e contradições repelidas pelos enunciados erigidos acerca do passado.

⁶⁶ “Estendido para o domínio da subjetividade, o princípio antropofágico poderia ser assim descrito: engolir o outro, sobretudo o outro admirado, de forma que partículas do universo desse outro se misturem às que já povoam a subjetividade do antropófago e, na invisível química dessa mistura, se produza uma verdadeira transmutação” (ROLNIK, 2000, p. 452 e 453).

⁶⁷ “Tempo da desgraça: o esquecimento sem esquecimento, sem possibilidade de esquecer” (BLANCHOT, 2008, p. 250). “A todo agir liga-se um esquecer: assim como a vida de tudo o que é orgânico diz respeito não apenas à luz, mas também à obscuridade” (NIETZSCHE, 2003, p. 9).



Figura 13: AN de antropofagia, antigo, aniquilação. ES de esquecimento, estrangeiro, estilhaço.

Memória-patrimônio IX.

Após o tombamento, tanto a parte baixa quanto a parte alta sofreram consequências no sentido das exigências para conservarem as características inglesas atribuídas à Paranapiacaba: desde o relógio, passando pelo clima, até alcançar a ferrovia e a época na qual as obras – movidas pelo vapor dos navios e das locomotivas – se desenrolavam. As construções deixadas pelos comerciantes de outras etnias deveriam reproduzir a cor das esquadrias e fachadas tal como ficaram conhecidas no período da São Paulo Railway. O sistema funicular desativado se manteria de pé ao lado das engrenagens da cremalheira em atividade: cargas e passageiros chegariam ao porto-estação de Santos sem cruzar pelos túneis e viadutos em estado de calamidade. A mata avançaria encobrindo as estruturas abandonadas e oferecendo a umidade necessária à oxidação: as peças putrefatas se soltariam em uma queda livre de cinquenta metros de altura. Os corpos não demorariam a aparecer sobre as pilhas de pregos, trilhos e dormentes despedaçados: turistas desavisados se arriscariam a atravessar as pontes esburacadas, escorregando nas armadilhas de suas descontinuidades. Nada sobreviveria intacto ou inalterado, a natureza continuaria agindo sem devorar completamente as instalações e sem recuar diante das medidas protetivas estabelecidas em torno dos monumentos⁶⁸. As casas, apesar das tentativas de controle e estagnação, iriam expelir o seu lixo orgânico de maneira compulsória, eliminando as texturas de odores fétidos através dos canos e dos portões.

⁶⁸ “O espaço liso e o espaço estriado – num caso, organiza-se até mesmo o deserto, no outro, o deserto se propaga e cresce, e os dois ao mesmo tempo. Há dois movimentos não simétricos, um que estria o liso, o outro que restitui o liso a partir do estriado” (DELEUZE; GUATTARI, 2012c, p. 192 e 200).

Memória-patrimônio X.

Pincéis e baldes de tinta são entregues aos proprietários e inquilinos responsáveis pela manutenção de suas moradias: no morro, as edificações coloridas dificultam a conferência nos arquivos e a escolha da tonalidade mais apropriada. Os arquitetos da prefeitura revisitam as fotografias antigas e tomam uma decisão sem a participação da comunidade. O momento da solicitação dos reparos é também o da distribuição das nuances selecionadas: quando questionados, os técnicos citam as suas fontes escassas e limitadas para abarcar as transições e reviravoltas protagonizadas pelo espaço. Em muitos casos, os retratos se veem apartados da trama na qual se constituíram, dando notícias de aspectos que não comportam generalizações e tampouco a complexidade das situações. Alguns ferroviários aposentados residem na mesma rua onde nasceram, brincaram e moraram durante os últimos setenta anos, antes da privatização que os expulsou do pátio de manobras e antes do tombamento que atraiu os investimentos do turismo. As suas recordações esbarram eventualmente nas paredes verdes ou alaranjadas, nos azulejos lisos ou decorados, nos panos de cozinha rendados ou bordados. Os transtornos causados pela pintura inúmeras vezes refeita e retocada referem-se aos choques entre diferentes tempos e saberes. As confrontações reivindicam o poder de atribuir uma cor – lembrada ou inventada – aos cômodos da casa. Apenas do lado de dentro as camadas anteriores surgem expostas, revelando as misturas e os embaraços da pretensa homogeneidade anunciada.

Desvios VIII.

Os feixes destoantes rompem com os ideais de planificação e previsibilidade, descortinando as diferenças intrínsecas à repetição⁶⁹: pequenos e grandes desvios são produzidos entre as gerações que percorrem um território, embora estes não sejam reconhecidos quando a morada deveio patrimônio. As plantas nativas são cultivadas nos canteiros ao lado da vegetação inglesa trazida para a inauguração da estrada de ferro. Os pássaros constroem seus ninhos, migram e emigram reinventando seus cantos e redefinindo as suas fronteiras, sempre em expansão. As mãos moldam o barro e a poesia, embarcando em viagens capazes de desenharem os seus próprios trilhos. “Contínua reanimação e reformulação: isso é a arte.”⁷⁰ Os trens de passageiros não apitam na estação, no entanto, se erguem nas esculturas consolidadas nas chamas em convulsão. O fogo ora destrói, ora constrói, contribuindo tanto na implosão quanto na instauração das formas. Os fornos acesos dos ceramistas agitam as faíscas responsáveis pela queima da argila, que prescinde do calor para unir suas partículas impuras: grãos de areia, raízes, folhas, terra e água, além dos elementos indistinguíveis assimilados por ela. A sua extração expõe a intimidade do solo com as paisagens e os acontecimentos ao redor, atuantes na consistência e pigmentação dos blocos singulares de cada localidade e região: a matéria alimenta e é alimentada pelas metamorfoses do mundo, da carne e da história.

⁶⁹ “A repetição é a transgressão” (DELEUZE, 2018, p. 19).

⁷⁰ NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, demasiado humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 140.

Memória-esquecimento III.

Enquanto a baronesa⁷¹ – primeira locomotiva a vapor a circular no Brasil – é retida no museu, pequenos vagões se desembaraçam dos túneis formados pelos dedos dos artesãos⁷². As peças moldadas não seguem um padrão, elas admitem a presença do improvisado e da variação⁷³. Não há modelos a seguir, são as lembranças que conduzem a experimentação e que a partir dela adquirem novas dimensões: volume, extensão, profundidade, ruptura e transição, as mãos corajosamente ensaiam um passo de dança finito e ilimitado. “É preciso diferenciar entre as lembranças. Você vai na direção delas ou elas vêm em sua direção? Se elas vêm até você, são as sementes da escultura.”⁷⁴ A superfície, recém delimitada pelo corpo, se mantém exposta como uma folha de poros abertos e futuro incerto: pode chover ou o sol irradiar calor sobre as suas múltiplas camadas, alagando-as, rachando-as, deslocando-as ou dissolvendo-as. Assim como não existe uma origem também não se fixa um destino, o barro se dobra e segue suscetível aos seus desdobramentos e desatinos. O esquecimento é a força que impulsiona a criação e o seu declínio, afirmando a impermanência como estado ou condição de tudo que se quer vivo. Misturados com a grama os artefatos de cerâmica repousam junto à sombra, recebendo retoques sucessivos de brisa e esmalte. Eles transportarão os transeuntes por destinos desconhecidos e divergentes em relação ao passado, tal como os versos e as imagens traçadas à nanquim por Zé Mário sobre os papéis amarelados.

⁷¹ Dom Pedro II em homenagem à Dona Maria Joaquina, esposa do Barão de Mauá, atribuiu à primeira locomotiva a vapor importada da Inglaterra o nome de “Baroneza”, atualmente considerada como patrimônio nacional.

⁷² “O artesão é o homem do subsolo” (DELEUZE; GUATTARI, 2012c, p. 101).

⁷³ “É preciso que a própria variação não deixe de variar, que ela passe efetivamente por novos caminhos, sempre inesperados” (DELEUZE, 2010, p. 60).

⁷⁴ BOURGEOIS, Louise. **Destrução do pai, reconstrução do pai**: escritos e entrevistas 1923-1997. São Paulo: Cosac & Naify, 1992, p. 222-230.

Digestão I.

As oficinas onde trabalham os artistas não estão disponíveis para visitação. As obras são arregimentadas no breu, distantes do público e amparadas pela memória. Os esboços fluem de portas e cortinas fechadas, evitando as interferências dos vizinhos e dos estrangeiros   espreita. Os empreiteiros sabem aproveitar os dias chuvosos e as noites estreladas, adiando as horas de sono e distraindo o cansaço acumulado. Quando o sol resolve dissipar as nuvens do céu de Paranapiacaba, eles aparecem discretamente nas varandas e buscando suprimentos no mercado. Ninguém recebe notícias das produções tecidas nestes casulos suspensos entre as franjas do tempo. O balanço no qual se efetivam é marcado pelo risco de armar e rasgar simultaneamente os fios de seda, consolidando uma passagem. Engolindo e secretando os próprios tecidos a lagarta prossegue na fabricaça o – e concomitante extrapolaça o – de seu ateliê. O propósito de habitar um refúgio-esconderijo quem sabe seja o de propiciar o exercício de rumaça o, não como vingança ou paralisia, mas como um recuo para embalar o salto e o voo destemidos. A metamorfose dos resíduos remanescentes devolve-os irreconhecíveis, após serem absorvidos. Há um estômago frágil e persistente envolvido com as práticas dos artesãos, ora larvas, ora borboletas em suas invenções despojadas da pretensão de ingresso no universo das relíquias e das mercadorias.

As cabines de operação do sistema funicular estão lá, alocadas nos cinco patamares desenhados à caneta e preenchidos com tinta guache preta. Escadas facilitam a subida dos empregados até as caixas d'água, onde providenciam o abastecimento das máquinas incansáveis em transbordar fumaça através de suas chaminés. As oficinas cheias de barulho e movimento reúnem as tiras dos cabos de aço trançadas manualmente antes de tracionarem cargas e viajantes nas curvas íngremes da baixada. As casas encostadas na linha apresentam vitrais e parapeitos instalados a fim de protegerem as crianças dos acidentes nos trilhos. Trilhas e atalhos recortam as montanhas e deitam os galhos das árvores, assentando pedras sobre os caminhos estreitos e pantanosos. Lagos e plantações são cercados e cultivados enquanto alguém se colocar a imaginá-los: os riscos não pretendem conter a derrocada nem consagrar os restos irreconciliados, estão comprometidos com a arte da inversão, ou seja, não querem recusar o acontecido, pelo contrário, pretendem lhe dar vasão. Esta é “a força e o sentido de toda lembrança: que nos libertemos do pesadelo do passado, ao invés de enrijecermos sob a sua pressão.”⁷⁵ A vertigem acompanha aqueles que sem furor de reconstrução revisitam os lugares e narram a sua dispersão, se libertando dos juízos e do potencial de intoxicação do ressentimento⁷⁶.

⁷⁵ GIACOIA, Oswaldo. **Agamben**: por uma ética da vergonha e do resto. São Paulo: n-1 edições, 2018, p. 68.

⁷⁶ “A rocha do fato consumado, por mais que se queira, não se pode deslocar: eis o que transforma todo sentimento em ressentimento” (BLANCHOT, 2008, p. 194).

Memória-trilho VII.

Os ferroviários enfileirados sobre os dormentes providenciavam as emendas nos cabos de aderência: as pontas arremessadas de um lado a outro, numa espécie de zigue-zague, dependiam da agilidade dos homens para se acomodarem. As costuras aparentemente simples, pois fragmentadas de sua finalidade, esbarravam eventualmente em fatalidades: a quebra e o desenlace precipitados descarrilhavam vagões e vidas a bordo. Os maquinistas impotentes não conseguiriam parar os carros na descida desgovernada, evitando as colisões contra as casas e as quedas nos precipícios que rondavam a estrada. Os volantes gigantes inspirados nos navios giravam conforme puxavam o peso dos locobreques, soltando-os de repente caso um nó se desatasse bruscamente, antes da manutenção das hastes desgastadas. O desgosto assolava os encarregados pela fiscalização e avaliação minuciosa do aço: o pedido de substituição deveria chegar nem tão cedo a ponto de causar desperdícios, nem tão tarde a ponto de gerar danos e transtornos irreparáveis. A interrupção definitiva das viagens suscitou a desterritorialização dos cabos utilizados na linha férrea e a sua reterritorialização nos desvãos da cidade. O óleo no qual se banhavam para ganhar elasticidade virou uma película rígida e opaca de tinta. O perigo iminente das rupturas e acidentes cedeu lugar a uma preocupação persistente com a sua conservação, na medida em que foram capturados e subordinados à lógica do patrimônio.

Tremores I.

A aranha se apoia nos feixes estendidos para armar sua teia quase imperceptível diante da ausência de contraste promovida pela neblina. Nas extremidades das pontes observam-se os contornos delicados e provisórios de uma arquitetura afeita aos acasos. Rajadas de vento balançam e desmancham as edificações irregulares e itinerantes: se os cabos se encontram aprisionados em barras de ferro, as fiandeiras circulam obstinadamente em busca de recantos inusitados. Um poste de luz, uma gaveta ou esquina momentaneamente abandonados pelo poder: onde o controle falha elas vicejam em sua árdua acrobacia. Insetos aterrissam nas cordas finas e maleáveis provocando um conjunto melódico de vibrações: há fuga, há confronto, há contágio, há núpcias e também aniquilação. A teia funciona como uma rede agenciadora de encontros e interferências recíprocas, sem modelo prévio e sem objetivo de institucionalização. A efemeridade marca o gesto da tessitura, bem como os efeitos de sua duração. O jogo entre a composição e a decomposição não cessa, pois a morte tensiona tanto os monumentos quanto as instalações rudimentares, sejam os seus atores humanos ou animais. Há um tremor que ronda as estátuas e os quadros, as colmeias e os formigueiros, as rochas e a areia. O barro em contato com a água se esvai e na presença do fogo se solidifica, dilatando e comprimindo seus vasos. O sangue aquece e esfria, o coração pulsa e para, a memória lembra e apaga, a onda vem e vai, o carretel se ausenta e regressa, a cançãozinha finda e recomeça...

Desvios IX.

A pesquisa-aracnídeo se instala em diferentes pontos da vila, em cada um – rua, terreno ou moradia – experimenta arranjos e deslocamentos. O primeiro quarto é alugado durante a estadia para nove trabalhadores da ferrovia: a sala então recebe meus pertences e dois colchões de lona improvisados. As noites não se deixam mais invadir pelos sonhos, pois o sono é facilmente interrompido com o barulho das pegadas, torneiras e descargas. Muda-se de endereço uma, duas, três vezes consecutivas, na quinta, na sexta e no sábado. Os cheiros, a iluminação, a temperatura, as texturas, os timbres, os silêncios e os pensamentos no travesseiro alteram-se radicalmente, respondendo às torções dos trajetos. Os estabelecimentos comerciais ajustam os seus horários de acordo com os dias da semana e as oscilações climáticas: numa segunda-feira chuvosa não há atendimento, exceto nas cidades vizinhas. O ônibus leva a população à feira, açougue, farmácia, banco, correio e estação de Rio Grande da Serra. Na parte alta, em frente à igreja, os antigos ferroviários conversam e jogam dominó nas tardes descompromissadas, ali compreendo a importância de extraviar o projeto das reuniões e aderir a um modo de estar e pesquisar em rede, sem impor perguntas, sem ditar as regras, sem controlar as variáveis incontroláveis. Os pés tocam o chão, os ouvidos se alargam com as risadas, as mãos se acalmam, a roda gira, o corpo sente-se em casa.

Antropofagia III.

“... A aranha literalmente engole os fios precursores – não que ela os rebaixe ou desdenhe; a seda que sai de seu corpo lhe é muito preciosa e ela a recupera. Quando esse alinhavo prévio desapareceu, engolido, dele não resta nada ou, antes, esses fios se tornaram os da teia tecida que existe e persiste.”⁷⁷

⁷⁷ DELIGNY, Fernand. **O aracniano e outros textos**. São Paulo: n-1 edições, 2015, p. 29.

Tremores II.

A pesquisadora tropeça, estremece e cai, em seguida levanta, se molha, se corta e sangra. Os poros transpiram, os sapatos rasgam e as feridas cicatrizam. As bagagens e os registros contêm sujeiras e impurezas: as roupas e as folhas carregam impressões, contradições e hesitações. Nem tudo que se viu, ouviu e sentiu ganhará relevo nas paisagens da narrativa. Nas brechas de Paranapiacaba, vagando entre turistas, moradores e fiscais, apanhei a matéria-prima deste trabalho. Como não pretendia executar a caça dos ferroviários, tampouco restituir o lugar do estrangeiro colonizador, cautelosamente e insistentemente acompanhei os fluxos: suas intermitências, suas lacunas e seus restos indigestos. Por um mês sentei-me nos bancos, nos gramados e nas mesas dos bares atenta aos acontecimentos ínfimos do cotidiano: alunos de uniforme correndo pelas ruas, o padeiro de moto distribuindo o pão, o caminhão da prefeitura empilhando o lixo, os cachorros atravessando a ponte, a chuva espantando as pipas, o galo cantando sobre os vãos das ruínas, o café fervendo, a chaleira apitando, o trem chegando e manobrando. Caminhei, corri e cruzei com o inesperado dezenas de vezes, em algumas escorreguei, em outras me equilibrei. As coincidências brotaram dia após dia, conforme a teia-tela-tecido se estendia e perseverava em sua relação com o fora. “Entre vagar e pesquisar existirá verdadeiramente uma diferença?”⁷⁸

⁷⁸ “Bem se vê que vagar é um verbo destituído de complemento, de objeto. O mesmo vale para pesquisar, que assume sua altura, sua exigência própria, quando quem pesquisa trabalha em rede e quando o quê – que seria objeto do pesquisar – não é necessário em absoluto, sendo o projeto pensado do pesquisador: pesquisar. Aí se reencontra o aracniano: a aranha não tem necessidade alguma de pensar no inseto que é pego em sua teia” (DELIGNY, 2015, p. 37 e 38).

Desvios X.

Contornando as quadras e chamando os moradores em seus portões evoquei reticências e recusas onde esperava semear o diálogo. As respostas esquivas e hostis forçaram o colapso desta tentativa e das ideias formuladas a priori. As bolas de visgo que até então serviam de sustentação para a pesquisa titubeavam em suspensão. Os alinhavos costurados junto à comunidade de São Salvador soltavam-se exigindo uma certa disposição para brincar com a destruição, promovendo a absorção de seus rastros. O rastreio recomeçara de acordo com as pistas reveladas pelas circunstâncias observadas em Paranapiacaba. As políticas de hospitalidade não participariam dos circuitos de exploração turística e investigação acadêmica: quando suspendi o itinerário de apresentações e convites formais respirei aliviada, pois deixei de me sentir uma invasora obstinada. A persistência neste caso somente intensificaria o constrangimento e a violência presentes nas práticas e nas memórias coloniais do vilarejo. Afastando-me desta perspectiva, testemunhei a vida ressurgindo, combatendo e resistindo em meio aos imperativos do patrimônio: o atrito, o grito, o suspiro, a lágrima, a dor, a dúvida, o medo, o lamento, a vingança, a culpa, a promessa, o segredo, a dívida, a morte, o luto, o fogo, a cinza, a fumaça, a fuligem, a ferrugem, a névoa, o barro, a água, o tempo e o ar, num emaranhado de sopros e acordes fugazes comprometidos com o estremeamento das certezas e o embaralhamento das identidades.

Encontros II.

Levantei naquela manhã ensolarada de terça-feira sem saber a hora de embarcar no transporte público para chegar até o Santo⁷⁹: passo acelerado e ofegante morro acima ao descobrir que o ônibus já estava de partida. Entrei na fila da passagem e sentei com um senhor acomodado rente à janela, compartilhando os pormenores da viagem. Ao me despedir ele não disse o seu nome, porém, indicou a cor de um bar onde eu poderia encontrá-lo novamente. Lembro de pensar no quão improvável seria localizá-lo no meio da cidade desconhecida pautada somente por esta informação, o vermelho fosco das vigas. Alguns dias depois, sem perceber qualquer indício de aproximação, conheci seus amigos e vizinhos. A vestimenta e o chapéu escolhidos para atender à pesquisadora estrangeira na rua disfarçavam as impressões – gestos e feições – do primeiro e único contato: o volume reduzido da voz, a tensão dos ombros encolhidos e dos braços colados ao corpo retardaram a conexão com o momento do passeio dentro da condução. Os minutos avançaram, as palavras se precipitaram e nada. O silêncio e o olhar contemplativo diante do vento despertaram a condição para o reencontro, não com aquele personagem interessado em recontar as suas histórias exaustivamente enquadradas, mas com a intempestiva faísca e pulso frágil da carne viva, não representável ou quantificável.

⁷⁹ Mercado Cerealista em Rio Grande da Serra/SP.

Memória-esquecimento IV.

Enquanto tateava as bordas, os rasgos e as rugas da vila fabriquei os fios que pendurei em suas estruturas: muros, corredores, portas e escadas subsidiaram a aparição dos primeiros ensaios. Pias, armários, chuveiros, cadeiras, potes, banheiros, camas, livros e xícaras expuseram as marcas inegáveis e incontornáveis da minha presença. As poças de água acumuladas depois do banho, os arranhões nos pratos, as manchas nas frigideiras, os chás enfileirados nas prateleiras, as cobertas e toalhas estendidas, o guarda-chuva e as meias encharcadas, os papéis e casacos amontoados, os frascos dispostos nas geladeiras e nas banheiras. O entorno mais próximo rodeado de resquícios e resíduos provenientes do existir, habitar e conviver debaixo de um mesmo teto, ou ainda, debaixo de um mesmo céu, que nunca poderiam se conservar a ponto de serem os mesmos. Os paralelepípedos no chão faziam trepidar os deslocamentos e as derivas, devolvendo às imagens o seu balanço e imprecisão inextinguíveis. O arquivo pereceria em seus acúmulos e excessos, arejando-se para acolher as diferenças e desmesuras do processo: o jogo inacabado do ir e vir, entrar e partir, avançar e recuar, revolver, reunir e recolher, afirmando aquilo que porventura irá escapar. “A memória não é uma instância que retém, mas uma instância que perde: ela joga porque sabe, em primeiro lugar, que jamais saberá por inteiro o que acumula.”⁸⁰ Na medida em que os acessos se mostraram facilitados – do alojamento da prefeitura ao molho de chaves da casa – quilômetros de distância já me separavam da estação daquele outro povoado fundado nas imediações dos trilhos. Dali para frente, se lembraria e se falaria dele por intermédio do esquecimento, esta força que “nos deixa em relação com aquilo que esquecemos.”⁸¹

⁸⁰ DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Editora 34, 1998, p. 115.

⁸¹ BLANCHOT, Maurice. **La conversación infinita**. Madrid: Arena Libros, 2008, p. 401.



Figura 14: Jogo.

Digestão III.

Uma tese deve passar por estes fios que a aranha tece conforme realiza a metabolização – e não apenas a observação – de seu campo, de suas leituras, andanças e reboliços, para criar vida por meio da antropofagia.

Notas de desembarque I



Figura 15: Delicadezas do buraco.

Memória-barro I.

Quando as mãos vacilaram diante da intenção de escrever esta tese, abandonando vários esboços em estado de decantação, a argila proporcionou-lhes território suficiente para que o corpo pudesse se refazer enquanto tecelão de suas experiências. A matéria ofereceu concretude e extensão aos pensamentos dispersos e demasiadamente condensados em torno de algumas imagens. A difícil tarefa de deslizar entre as dobraduras ou pregas da memória, criando espaço para absorvê-las e dissipá-las sem naufragar, adquiriu velocidade na medida em que os dedos esculpam o barro e inscreveram no minúsculo das formas as forças em guerra, lutando pela sua consolidação e multiplicação sem abdicar da destruição. As peças ganharam contornos irregulares, respondendo ao ritmo oscilatório dos movimentos durante as tardes pandêmicas dos meses de março, abril e maio de 2020. Em meio a tantos colapsos e incertezas, acompanhar os processos sutis de transformação dos pequenos blocos sobre a mesa ajudou-me a redesenhar os caminhos por vir – tanto na vida, quanto na própria pesquisa. Os arranjos estabelecidos a cada nova emergência transbordavam em possibilidades de conexão e variação: por um lado, os fragmentos se agrupavam, produzindo paradoxos e intensificando as suas relações, por outro, se ramificavam e consolidavam as suas distâncias, descompassos e disparates, visibilizando as heterogeneidades das fronteiras – ora porosas, ora pontiagudas – e dos retornos encarnados neste gesto de moldar sessenta e quatro vagalumes⁸² diferentes para uma tese.

⁸² “Os vagalumes sofrem em seu próprio corpo uma eterna queimadura” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 13).



Figura 16: Segurar a matéria do tempo.

Tateando a superfície terrosa esta deveio cidade: adentrando suas ruas e escavando o seu solo ergueram-se as lascas das casas, as cascas das árvores e a poeira das estrelas. A condição frágil dos fósseis recém desenterrados não se extinguiria ao longo das páginas e dos canteiros em obra: o passado é descoberto e inventado em um só golpe.⁸³ O inacabamento e a impermanência repousariam ao lado de cada verso e de cada vulto de argila descortinados: não bastaria erigi-los, concedendo-lhes o que há de mais visceral em um trabalho acadêmico que não deturpa tudo que ele contém de não acadêmico, importaria ainda mais acendê-los, suportando a presença das chamas em suas extremidades. O fogo não se alastraria somente por ocasião dos incêndios em Paranapiacaba, ele se atualizaria nas queimas experimentadas a céu aberto em duas oportunidades. As peças depositadas no fundo de uma cova preenchida por galhos e folhas em formato de cone, a terra misturada ao carvão retendo e resistindo ao seu calor, a fumaça e a fuligem soprando pelas frestas forjadas no chão⁸⁴. As horas de espera para o reencontro com as brasas acesas em meio às cinzas, onde se avistariam as pontas dos corpos incandescentes a serem resgatados da pilha de escombros. Naquele instante, outra vez a aproximação nebulosa e extasiante do desconhecido: o que restará depois do soterramento e da incineração?

⁸³ DIDI-HUBERMAN, Georges. **A imagem sobrevivente**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013, p. 22.

⁸⁴ “Cava uma pequena cova com meio metro de profundidade, depois dispõe no fundo do buraco uma camada de pequenos ramos e pega-lhes fogo, as chamas sobem, afagam as paredes, reduzem-lhes a umidade superficial, logo a fogueira esmorecerá, só ficarão as cinzas quentes e umas diminutas brasas, e é sobre elas que se faz descer, com extremo cuidado, um a um, os bonecos. Dentro da cova o ar quente ainda estremece, toca as epidermes cinzentas de onde, e do interior maciço dos corpos, quase toda a água já se tinha evaporado por obra da viração e da aragem, e agora, sobre a boca da cavidade coloca-se, nem demasiado juntas, nem demasiado separadas, umas barras estreitas de ferro, por onde hão de cair as brasas resultantes da fogueira” (SARAMAGO, 2017, p. 191).



Figura 17: Escavar o solo.

As luzes piscantes formaram uma multidão – um cardume, um enxame, uma revoada – e assim se espalharam pelo tecido da pesquisa, costurando regiões longínquas, metamorfoseando as imagens em narrativas, acolhendo elementos estrangeiros e mergulhando nas correntezas e reveses do tempo. O embaralhamento e a intermitência dos sinais luminosos potencializaram a sua aparição nas noites mais escuras e silenciosas: ali onde os abismos se precipitavam, roubando este fio invisível que permite enrolar e desenrolar as palavras, um sopromurmúrio-lampejo se impunha, invadindo as madrugadas inflamadas por seu desassossego. O barro passou primeiro e sentou-se em torno da fogueira onde se fiam as histórias, ele tornou-se o meio – ou a faísca – indispensável para instaurá-la, esquentando as mãos da pesquisadora a partir do seu convite e disponibilidade ao contato, esta dança de passos incertos e efeitos incontroláveis. O calor perdurou pelas linhas trançadas pouco a pouco, animando a travessia dos dois vilarejos através da ficção. A fogueira reuniu muitos rostos e sombras em suas margens, coloriu a matéria, desobrou as formas e incitou a retomada apesar das perdas e dos excessos de memória arrematados. Como formigas inquietas e andarilhas, se alimentando dos restos encontrados, as velas deste trabalho se desenharam no deslocamento das camadas e dos estratos atravessados⁸⁵.

⁸⁵ “Os tempos já não estão calcados em estágios, mas se exprimem por estratos, blocos híbridos, rizomas, retornos inesperados” (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 25).

Memória-fogo VI.

Afundadas as peças de argila transitariam no húmus subterrâneo entre raízes, pedras e minhocas, agregando os cheiros e texturas provenientes desta imersão. Simultaneamente, os seus estilhaços se esparramariam em decorrência dos choques, fraturas e explosões. O forno rudimentar, inspirado em técnicas ancestrais dos povos indígenas para a queima coletiva da cerâmica, demandaria o esforço de empunhar a enxada, afastar a terra, apanhar os gravetos, carregar a lenha, empilhar os objetos, animar e vigiar o fogo em suas deserções. A madeira decomposta pelas chamas encobriria lentamente o fundo do buraco que, em seguida, se fecharia com as porções do solo realocadas sobre a fumaça esbravejante. Outros braços além dos meus se detiveram neste exercício de providenciar um esconderijo capaz de abrigar as efemérides de barro e derramar seus excrementos como um vulcão. Pás e luvas facilitaram a incursão pelos labirintos acinzentados e alaranjados nos quais se achariam os resquícios do carvão, ali os blocos ressurgiriam sedimentados e pigmentados após o seu fecundo desaparecimento. A expectativa e a vertigem pulsariam antes do anoitecer ao me pendurar nas beiradas para pescar as carcaças envoltas em resíduos inextirpáveis: elas se deixariam tocar com a condição de sujarem as roupas e os dedos, extrapolando agilmente as suas fronteiras⁸⁶.

⁸⁶ “Uma súbita viração rasteira fez rodopiar as cinzas da superfície da cova. Ajoelhou-se, afastou para um lado as barras de ferro e, servindo-se da mesma pequena pá com que a cova tinha sido aberta, começou a retirar as cinzas, à mistura com pequenos troços de carvão não consumidos. Quase imponderáveis, as brancas partículas pegavam-se lhe aos dedos, algumas, levíssimas, aspiradas pela respiração, subiram-lhe até o nariz. Consoante a pá se ia aproximando do fundo da cova, as cinzas tornavam-se mais quentes, mas não tanto que queimassem, estavam simplesmente tépidas, como pele humana, e macias e suaves como ela. Pôs de parte a pá e afundou as duas mãos nas cinzas. Tocou a fina e inconfundível aspereza dos barros cozidos. Então, como se estivesse a ajudar a um nascimento, segurou a cabeça ainda oculta de um boneco e puxou para cima. Sacudiu-lhe as cinzas do corpo, soprou-lhe na cara, parecia que estava a dar-lhe uma espécie de vida, a passar para ele o hausto dos seus próprios pulmões, o pulsar do seu próprio coração” (SARAMAGO, 2017, p. 205 e 206).



Figura 18: Espalhar os corpos queimados.

Memória-fogo VII.

As cinzas acumuladas não eram as mesmas do incêndio presenciado em Paranapiacaba, porém, a voracidade das brasas agitando e consumindo os gravetos lembrou-me do castelo aceso e de suas colunas sucumbindo sem trégua. A capacidade do fogo de adentrar por um canto qualquer e iniciar seu ritual irreversível de devoração, dispensando as lamúrias e ressalvas do desejo de conservação, convocaria a pensar uma vez mais sobre esta dimensão ética e trágica da memória, que não só adere como também impele à destruição. O esquecimento – manobra arriscada de desterritorialização – esbarraria nos grãos de areia que ora formam as esculturas, ora decretam a sua dispersão. As paredes da casa do engenheiro inglês prenes de vida em sua dissolução, as cores opacas da fachada substituídas pelo brilho intenso e efêmero das faíscas. As cercas de trilho enferrujadas amanheceriam retorcidas, bem como os braços das árvores e os retratos do espaço apreendidos ao longo dos anos. Caminhando sobre a montanha de destroços ou revirando o precipício escavado no chão assenti com o apelo dos vestígios, enfrentando-os ao modo da criança despreziosa e corajosa que se lança e escorrega nas franhas do mundo. “Por seu jogo, a criança tanto morre quanto ri.”⁸⁷ Submeter-se à catástrofe e ao delírio das formas é padecer de suas feridas, lapsos e reviravoltas. Hoje os trilhos da ferrovia foram arrancados, amanhã um prego rolará em direção ao mercado e um velho desavisado roubará da história a chance de tê-lo acorrentado ao passado.

⁸⁷ FÉDIDA, Pierre. **L'absence**. Paris: Gallimard, 1978, p. 186.

Memória-barro III.

A argila evitaria a consagração ao se deixar dobrar tanto pela água quanto pelo calor: a sua expansão não eliminaria o risco da desintegração, subvertendo assim os grilhões da preservação. Os acidentes, incorporados em sua pele-percurso, não demandariam restauros tampouco incitariam lamentações, visto que os alagamentos e as distorções participariam das composições em estado permanente de fermentação. Os arquivos transformados em pergaminhos não hesitariam mais diante das rasuras. A memória dispensaria a noção do esquecimento como falta ou equívoco, se libertando para a diferença da criação⁸⁸. O conhecimento não afastaria o corpo das impurezas das paisagens, antes o faria desejar a partícula de poeira ou a fagulha forasteira propulsoras do ainda não visto pois ainda não imaginado. A pesquisa se ocuparia em produzir as enzimas para o estômago deglutir as suas experiências, destrinchando conceitos e cidades sem pressa e sem pesar. A música-respiração embalaria os movimentos de uma escrita em constante contração e dilatação de si mesma, ousando assim transbordar e renascer de sua própria correnteza. A antropofagia se estenderia dos mortos aos estrangeiros e destes para as paredes, linhas e estações demolidas, exigindo estradas-veias-pulmões para uma nova locomotiva passar.

⁸⁸ “A criação é abandono” (BLANCHOT, 2008, p. 149).

Memória-barro IV.

As peças abandonariam o conforto de casa e viajariam na mochila da pesquisadora de Porto Alegre para São Salvador, de São Salvador para Rolante e, por fim, regressariam queimadas – não só o arquivo e o palimpsesto, o anjo e a criança, a fagulha e o patrimônio, a fumaça e a neblina, a antropofagia e o esquecimento, o luto, a memória, o barro e a ficção, mas todas as outras imbricadas na gestação de um por vir para esta tese. Resolvi não engavetá-las sob a promessa de um itinerário futuro, mas usá-las para que agissem sobre esta espera compartilhada e destituída do peso da dívida ou da necessidade. “Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la. Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la, isto é, iluminá-la e ser por ela iluminado. Por isso melhor se guarda o voo de um pássaro do que um pássaro sem voos.”⁸⁹ As efemérides rolariam na grama, desceriam até os porões do solo e reapareceriam amontoadas nas bordas, abaladas em suas identidades e fortalecidas em suas potências, e tremores, e restos. A experimentação faria deste trabalho um acontecimento, despertando-o e sendo por ele intensificada, e multiplicada, e desdobrada. O dentro e o fora insistiriam em conduzir – a partir dos seus cruzamentos e acoplamentos – a melodia dos versos, roubando-lhes a serenidade de quem sabe de antemão para onde está indo.

⁸⁹ CÍCERO, Antonio. **Guardar**: poemas escolhidos. Rio de Janeiro: Record, 1996, p. 337.



Figura 19: Lascas sobreviventes.

Desvios XI.

“Já não se trata de um rio contínuo, no qual as coisas seriam simplesmente transmitidas da cabeceira para a foz, mas de um drama encenado entre o curso do rio e seus próprios redemoinhos.”⁹⁰

⁹⁰ DIDI-HUBERMAN, Georges. **A imagem sobrevivente**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013, p. 76.

PARTE VI:

“Eu queria mesmo que as minhas palavras fizessem parte do chão como os lagartos fazem.”⁹¹

⁹¹ BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010, p. 461.



Figura 20: Sobreposições: das rochas ao barro.

Palimpsesto III.

Memórias espalhadas pelo chão, dos trilhos da ferrovia às matérias do solo em decomposição. O corpo marcado em seus itinerários pelas fragmentações das linhas, locomotivas e estações. As ruínas lapidadas pelo tempo: subversiva corrosão das formas e incrustação de cores e camadas forjadas pela oxidação. As carcaças dos vagões estacionados em Paranapiacaba acolhem a chuva, o vento, a fumaça e a neblina que circulam entre suas paredes finas e esburacadas. Multiplicam-se as saídas e as entradas: as crianças atravessam as fendas em expansão no teto das máquinas. Embarcam e desembarcam produzindo ritmos, imagens e melodias desviantes do passado ainda à espreita⁹². Sacodem a poeira, subtraem o peso do arquivo-patrimônio e reinventam a roda do esquecimento onde giram sem parar. As discontinuidades da paisagem e da história favorecem o jogo palimpsestico da sobreposição. A escrita devém rasura, processo, relevo, textura, fluxo e composição. O corpo comprometido em suas derivas com o chão da cidade procede escavando e recolhendo os excrementos da terra e os vestígios da natureza morta que sobre ela se deitaram. A decantação do barro e a putrefação dos restos revelam novamente a ação do tempo: disruptiva emergência de microrganismos a trabalharem a argila e a percorrerem a extensão das folhas, flores e cascas que seguem o curso de suas metamorfoses singulares. A mesa e a página viram o próprio território de inscrição dos movimentos nômades e errantes da pesquisadora. As matérias são incorporadas pela casa, pelo papel e pelos poros que sentem o reviramento, as dobraduras, fissuras, torções e dilatações do pensamento. As entranhas respondem à vertigem de desenhar um caminho de tese e de vida ao modo das formigas, obstinadas em carregarem um pedaço ínfimo do mundo através de um trilho estreito e precário. Logo ali adiante surge uma bifurcação e o traçado pouco a pouco se perde na imensidão das raízes e ervas daninhas que crescem ao seu redor: apesar disto, a viagem prossegue e a experimentação finda sempre por recomeçar.

⁹² “O passado nos segue a todo instante: ele está aí, debruçado sobre o presente que a ele irá se juntar” (BERGSON, 2006, p. 47 e 48).

Palimpsesto IV.

As superfícies da rua me chamam a transitar por suas camadas: ontem os pingos da chuva derrubaram os galhos secos das palmeiras sobre o asfalto molhado. A janela do apartamento fez-se moldura para o retrato efêmero da cidade. As rodas dos automóveis cruzavam a avenida osvaldo aranha em zigue-zague. Instantes após a queda o trânsito coagulava. As buzinas e os motores aquietaram-se de repente, sobressaíram-se então os regorjeios dos pássaros voando entre os postes de luz e a copa das árvores. Vi uma pomba correndo apressada no telhado do prédio ao lado. Em seguida, o asfalto já não servia mais de fundo para as formas desgarradas. Restaram das nuvens de ontem as poças acumuladas no meio do parque. Cá estão hoje os artesãos de ninhos à procura do barro⁹³. Suas obras rudimentares povoaram as estátuas solenes, acometidas pela força de gravidade, que pairam como troncos sem raízes fincados no chão. As aves ultrapassaram as fronteiras monumentais e armaram nas reentrâncias da carne rígida e gelada uma morada quente e festiva. Os bicos finos e delicados regressam de suas incursões nos arredores com pelotas de algodão das paineiras, fios de palha, penas coloridas e musgos variados. Amassam com os pés o barro regurgitado e esculpem as paredes curvilíneas com a boca enquanto o vento sopra e evapora as partículas de água enfronhadas na terra pela tempestade. O ar transforma a argila em pedra ao subtrair a sua umidade. A casa barroca ganha volume e consistência em meio à neblina proliferada durante o inverno na capital. Há dias de frio propícios para a modelagem e outros de aguaceiro convenientes para extrair do solo a matéria-prima necessária. A secagem envolve uma atenção sutil às rachaduras que eventualmente aparecem deixando o tecido liso estriado. Nas calçadas do bom fim as flores derramam sua tinta espessa ao serem esmagadas pelos passantes tão ofegantes quanto distraídos. As solas dos sapatos retêm resquícios dos detalhes que às vezes não pudemos perceber nos lugares em função da dormência dos sentidos. Sair em busca do desconhecido exige paciência e coragem, pois é preciso desviar-se das certezas e promessas estabelecidas. Caminha-se não para chegar a um destino, mas para desfrutar da paisagem conforme ela digere os seus excrementos. Os ipês vão povoando as pedras de cimento

⁹³ “Ânsia de que por fim comece a chover, a cheirar a terra, a coisas vivas” (CORTÁZAR, 2015, p. 118).

usando-as como tela para suas inscrições desordenadas e monocromáticas. Na vasco da gama as manchas amarelas contrastam com a poeira densa do asfalto recém escavado pelas máquinas. Na redenção há um extenso tapete cor de rosa ocupando a grama e a areia onde rodopiavam as folhas dos plátanos no outono. As observei caindo lentamente e adquirindo velocidade na medida em que as rajadas de ar puro as impulsionavam em suas acrobacias pelo parque. O tempo estava ali agindo sobre as plantas em seus ciclos ininterruptos de vida e morte. O que me moveu nesta direção foi o desejo de partilhar um processo testemunhando-o com a minha própria carne, matéria do mundo que a ele retorna para ouvir as vibrações e sussurros abafados pelas sirenes agonizantes de uma pandemia interminável.

Nas múltiplas passagens ou corredores verdes daquele pátio, com um céu azul celeste sobre a cabeça, a criança que fui certa vez me chamou para brincar. Com a ponta dos dedos percorri o chão e me curvei para ouvir a sua pulsação⁹⁴. Heterogeneidades cultivadas há décadas pelas mãos firmes e precisas de minha avó. Plantas, pássaros e abelhas convivem neste pequeno universo de polinizações cruzadas e constantes. O acúmulo desenfreado de mudas e sementes propiciou o entrelaçamento de galhos e raízes que se apresentam agora como uma grande e inextricável trama. Já não é mais possível distinguir os limites entre os corpos vegetais e as relações que mantêm com os demais – humanos e animais. Teias e ninhos se aproveitam das frestas onde os raios de sol se espreguiçam pela manhã. O banhado que existia no terreno ao lado ainda escoava através de túneis subterrâneos impregnando o solo com cheiro de terra molhada. Os frutos amadurecem aos montes e despenham um a um sobre as cascas em célere decomposição. Fungos se alimentam de tais resíduos, deformando e colorindo os tecidos expostos ao trágico recomeço forjado pela sua assimilação e metabolização: nada será preservado tampouco desaparecerá por completo, tudo perecerá e assim retornará irreconhecível.

⁹⁴ “Vocês deveriam sonhar a terra, pois ela tem coração e respira” (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 468).

Decantação I.

Antes de escavar o pântano da redenção estive acompanhando a sua formação: muitas trombas d'água caíram até os troncos das árvores sofrerem inundação. Os poros da terra simplesmente se fecharam diante do volume incalculável de fluidos em circulação. As poças converteram-se em banhado e ao se aglutinarem passaram a refletir os movimentos das nuvens e dos pássaros. O reviramento de tais matérias causou, a um só tempo, redemoinhos na paisagem manipulada pelas mãos e naquela outra espelhada pelo chão. O barro extraído mergulhou em sua decantação para mais tarde regressar como argila proveniente deste território que acolhe e dissipa os traçados inquietos da pesquisadora. Dos processos de decantação das memórias as lembranças irrompem fragmentadas e embaralhadas, deixando em aberto o seu trabalho de modelagem e reinvenção. Ao atribuir-lhes uma forma não exalta-se o definitivo, mas afirma-se o provisório, para que a dança das imagens-esculturas prossiga embalada pela música do esquecimento alegre. Remexendo nos processos através da escrita, veio-me num sobressalto as duas cenas colocadas lado a lado: o banhado do parque onde fui afundar-me numa sexta-feira à tarde, e o banhado próximo de casa onde inúmeras vezes enxerguei minha vó caminhando com a água pela cintura enquanto averiguava as plantas que cresciam encharcadas. Caminhões de terra secaram aquela ferida úmida do solo, assim como cobriram com o asfalto quente os trilhos remanescentes da ferrovia, porém, as memórias sobrevivem aos escombros e deles se tornam cúmplices e inimigas⁹⁵.

⁹⁵ “A memória se inflama: ela consome o presente e, com ele, certo passado, mas descobre também a chama de uma memória mais profunda, oculta sob as cinzas” (DIDI-HUBERMAN, 2017a, p. 309).



chega

O jornal do Cu completando sua anca- cadas de trabalho, dir- rador 25 de maio de fundadores, Jomar Ca- e Zaidia Jayme Barros, damos os ideais que r nossa existência, volu- mio e negócios. O fut- e a lanterna mágica q- raris. Não se compare- nua com um jornalista- sico e democrático. A- dade aos postulados- ndores traçaram e r- o principal q-

quanto- que ac- Capital- do e r- chente- alagou- e deixou- da, sem luz e sem- transporte coletivo, ci- des da Carris. De 1935- Guerra Mundial, com- ção do Força Expedi- sileira (FEB), que lutou- da Itália, junto com o- Aviação de Caça, emi- ção Aérea Brasileira (F- Na política, os- de volta à democracia- 1984. No esporte, a Co- do também em 1950. A- chegada do homem à- tos foram se suceden- destaque merecido.

Jorna

Diretor-Presidente: Márcio Tumei

Diretor de Opinião: Giovanni Ferraz

Coluna: Chico Galvão

mentar o otimismo quando a China quer ampliar compras do agro sustentável do Brasil, comprando produtos chama- dos de verdes (Jornal do Co- mércio, página 10, edição de 21/09/2021). A vocação do Bra- sil continua no campo, ainda que o soço parque industrial seja grande e também contri- bua para o progresso nacio- nal. (Murcelo Gomes Pereira, produtor rural, Taquara/RS)

Privatização da Refap

Venda da Refap pode impactar arrecadação de comércio, páginas 10 e 11, edição de 24/05/2021. Ocupação, a refinaria não será des- respectiva para modernização e além de novos produtos. A per- são diminui as receitas? (Marco M-

Privatização da Refap II

de ser privatizado. O país está cansado de sustentar- (Julio Cesar Lamb)

Pazuello

Em depoimento na CPI da Covid- Pazuello apreendeu medidas de dispo- No domingo, durante a manifes- tro, convocada pelo presidente- e ele ainda está na ativa), sem máscara- te a emergência, já que a referida- proteção! Depressivo! (Rui Bisch Fabres, engenheiro, Porto Alegre)

Futebol

Como continuam reclamando e brigando os times gaúchos. Foi o que aconteceu também no Grenal de domingo. Os jogadores ficam reclamando o tempo todo do árbitro, que expulsou apenas dois atletas, que estavam brigando. Fosse na Europa, uns três de cada time teriam sido expulsos. Aqui, fica por isso mesmo. (José Carlos da Silva Melo, Porto Alegre)

MC Kevin

Com todo respeito ao rapaz MC Kevin que morreu em queda de quarto em hotel do Rio de Janeiro, mas eu me pergunto como jamais ouvi falar dele? Ou estou muito velho, os jovens devem saber? Por tudo o que tenho ouvido, parece que ele era um herói nacional, mas bem desconhecido, não? O caso do MC Kevin está no noticiário há muitos dias, vai para duas semanas. Um exagero. (Lisa Mara da Silveira)

Na coluna Palavra de Letitor, os textos devem ter no máximo 500 caracteres, podendo ser divididos. Os artigos, no máximo, 2000 caracteres, com espa- ço. Os artigos e cartas publicados com assinatura neste jornal são de respon- sabilidade dos autores e não traduzem a opinião do jornal. A sua divulgação, em qualquer meio de comunicação, obedece ao propósito do jornal.

quanto as contas públicas, com recursos, incapazes, muitas vezes, de dar conta das demandas dos cidadãos. Com uma Previdência que não pode investir em mais nada, a todos os moradores da Capital municipal custa à cidade mais de R\$ 5 bilhões nos próximos quatro anos. Drenar este gatilho com a reforma proposta vai garantir, em parte, o equilíbrio nas contas públicas, de cerca de R\$ 200 milhões/ano até 2040. Importan-

Porque precisa qualificar os serviços públicos e melhorar a qualidade de vida que depende de programas sociais. Investir em saúde, educação e mais vagas de emprego. Nossa Capital também segue para melhorar o saneamento, a habitação popular, levar iluminação pública moderna para todos os bairros e a segurança aos cidadãos. Essas melhorias só serão possíveis se os cofres municipais tiverem equilíbrio financeiro e fôlego para investir. Assim como foi feita para o trabalhador da ini-

o dia 13 de maio foi publicada a Lei nº 14.151, que dispõe sobre o afastamento da gestante da atividade durante a emergência de saúde pública de importância nacional decorrente de pandemia de doença causada por vírus, a ser afastada

Proteção ou desproteção?

No dia 13 de maio foi publicada a Lei nº 14.151, que dispõe sobre o afastamento da gestante da atividade durante a emergência de saúde pública de importância nacional decorrente de pandemia de doença causada por vírus, a ser afastada

O afastamento da gestante durante a emergência de saúde pública de importância nacional decorrente de pandemia de doença causada por vírus, a ser afastada

De fato, a legislação trabalhista deve proteger a gestante e o nascituro e, no caso, o afastamento do contato presencial com os colegas de trabalho e com o público é razoável. Mantido o trabalho no domicílio da empregada, o caráter sinagmático da relação de emprego é mantido, ou seja, há prestação de trabalho e há salário. O afastamento da gestante, como referido, é compulsório, independe da vontade das partes e se dá sem prejuízo da remuneração. A pergunta

cidade. No entanto, são importantes direitos históricos preservados, embora algumas razões tenham a receber o conteúdo. Nesse caso, uma reforma municipal mais sa- vel e a própria par- para a reforma. raris, há que se con- tempo de trabalho- período de trabalho- mal ser o mesmo- adequadas. O col- do ao coletivo- que possuem- forma ampla, por- Cabe ao governo- cidadão e manter o nível e de qualidade.

que a lei não responde e: nas- veis com o trabalho no domicí- obrigação principal- não ocorrerá, que- vez, a carga traba- e médias empre- gam, como fixa- Após mais- além da Covid-19- alta de trabalho, em- dia- um grande núme- sua- não é possível- que- mais aquele q- Sem livre- não li- lho gera saúde e dignidade- reiterar que não se esta-, que deve ser dada a gesta- tão é o encargo que o li- não haver trabalho. A li- ser suprida de imediato- prego e demandas judi- aplicação analógica do- salário-maternidade, q- Social. Embora, no ca- de, não recairá indivi- dicos empregadores. I- desprotegendo as pró- presas que as emprega-

Neste caso, a gestante deve ter a opção de afastamento durante a emergência de saúde pública de importância nacional decorrente de pandemia de doença causada por vírus, a ser afastada

Advoga

Memória-fungo I.

Imaginei escrever o chão, aproximando o corpo e as palavras dos vestígios das minhocas, caracóis e formigas, reunindo os restos para, tal como os fungos, fazer a decomposição através do barro. Pétalas secas de rosas brancas-amareladas entraram na argila durante a sua preparação. A carne macia e rugosa das flores atraiu uma multidão invisível de organismos famintos, prestes a devorarem e dissolverem os contornos precisos da matéria. O mofo desenhou túneis de acesso às estradas estreitas e interligadas construídas no rastro das plantas incorporadas em uma pequena esfera de barro. As pétalas cederam lugar às manchas pretas e esverdeadas que passaram a habitar o bloco em sua opacidade. Dentro e fora, de maneira ininterrupta, a criação gestada e propagada pela destruição. Destruição deglutidora, fermentadora e proliferadora de novas imagens, que não aniquilam nem conservam o passado, apenas o colocam em variação. Sonhei ainda escrever com o chão, tornando-me parte de seus tecidos, poros e líquens. Busquei aterrissar com o corpo inteiro, alargando o contato proporcionado pela palma das mãos e pela planta dos pés. Deitei a cabeça para olhar o céu sob outra perspectiva, percebendo o ínfimo latejando a minha volta – murmúrio, travessia, traquinagem, ora das sombras, ora das aves. Não há sedimentação capaz de suportar os rodopios do tempo, seja nas profundezas ou na epiderme da terra, há muitos tremores e desmoronamentos acontecendo à revelia dos nossos desejos e testemunhos. As placas tectônicas se deslocam, as rochas se desintegram, uma pá abre uma fenda, um incêndio devasta uma floresta. Caminha-se sobre as rachaduras, e queimaduras, e cinzas, e poeiras de minério⁹⁶. Caminha-se sobre os desertos de cimento da cidade. Corre-se pelas ruas como baratas ou ratos desnorreados, sem ver além e através das paredes que desenham labirintos entre os edifícios⁹⁷.

⁹⁶ “O que os brancos chamam de minério são as lascas do céu, da lua, do sol e das estrelas que caíram no primeiro tempo” (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 357).

⁹⁷ “São como formigas. Andam para um lado, viram de repente e continuam para outro. Olham sempre para o chão e nunca veem o céu” (Ibidem, p. 422).



Figura 22: Decantação II.

Cinzas III.

As cinzas andarilhas do incêndio se grudaram na sola dos meus sapatos molhados e viajaram de Paranapiacaba até a rua mariante em Porto Alegre. Dois aeroportos, um ônibus, quatro linhas de trem e mais alguns quilômetros rodados a pé não bastaram para dissuadi-las da inesperada visita. As chamas que invadiram o castelo – moradia de um engenheiro inglês na época da São Paulo Railway – ainda ardiam e alastravam fumaça ao meu redor. As cores e o cheiro da fuligem pairando no ar enquanto o fogo arrematava as estruturas e móveis de madeira centenários apartados do uso cotidiano. As portas e janelas trancafiadas pela prefeitura caíram por terra com os golpes da incineração que transformaram-nas em carvão. O imóvel desobedecendo às ordens do patrimônio tombou arruinado. Restavam agora os destroços, vestígios disformes a serem delicadamente reunidos pelos artistas do vilarejo dispostos a escutá-los, não para restituí-los, mas para reinventá-los em seus ateliês. Tijolos queimados, ferros retorcidos, telhas deformadas. Lembro de percorrer o terreno, desviando-me dos bloqueios impostos pelos bombeiros, para chegar perto das árvores que seguiam impassíveis em seu lugar, apesar de tudo. Galhos, troncos e raízes expunham as cicatrizes deixadas pelas labaredas disruptivas da madrugada. O luto⁹⁸ fez-se necessário diante da intempestividade da vida. Eu regressaria para casa na terça-feira, o incêndio ocorreu três dias antes da minha partida e eu dormia na casa do outro lado da rua quando o meu sono foi drasticamente interrompido. Não havia mais como sonhar tampouco respirar sem encher os pulmões com as partículas do castelo dissolvido. Mãos, cabelos e roupas exalavam o odor da fumaça, ela também tinha gosto. As brasas seguiam queimando horas depois e as cinzas rodopiando entre as vigas e fundações. Os restos pegaram carona no meu tênis rasgado de tanto perscrutar aquele chão durante um mês inteiro, subindo e descendo ladeiras, atravessando pontes, contornando abismos e tecendo redes ou teias quase imperceptíveis. Pisei nas feridas daquela paisagem e ela se desenhou em mim, como se desde então outra pele tivesse se colado a minha, que já era constituída por tantas outras cidades, e trilhos, e terras, e estações.

⁹⁸ “Decididamente o luto coloca o mundo em movimento” (DIDI-HUBERMAN, 2017a, p. 290).

Cinzas IV.

As cinzas brotaram novamente do chão quando escavei um buraco para depositar as peças de argila nos porões da terra úmida iluminada pelos clarões de uma fogueira. Prática ancestral de cozimento do barro a partir do encontro ritualístico com o fogo. Neste caso, o calor não implodiria as formas, mas as devolveria sedimentadas e revestidas por novas cores, texturas e camadas. A fuligem e os resquícios do solo impregnados na cerâmica destituída de sua antiga plasticidade, fruto da água agora evaporada. A resistência adquirida permitiria o manuseio sem a produção de pregas ou orifícios no tecido da argila, apenas manchas e ranhuras espalhadas. Os dedos já não conseguiriam mais imprimir suas marcas sobre os poros fechados das superfícies, tateariam então os fragmentos percebendo os choques, fraturas e incrustações provenientes das chamas a que foram submetidos. Os desvios explícitos e sutis revelariam um retorno grávido de diferenciações: o desenterramento das peças não as traria de volta, a não ser como lascas e reverberações de um processo inacabado. Nas cinzas ainda mornas é que as mãos deslizariam ao se lançarem na obscuridade dos escombros produzidos pela queima: o cenário inicial da fogueira sofreria com a dispersão provocada pelo seu soterramento. A terra acolheria as obras proporcionando-lhes a luz e também a escuridão, onde desapareceriam no tempo finito e ilimitado da noite. O regresso materializaria outro tipo de travessia e relação com o fogo, pois os corpos de barro, diferentemente dos corpos de madeira, resistiriam virando pedra ao brincarem com o seu calor. De um modo nebuloso e distorcido as imagens do incêndio reapareceriam nas fagulhas dançando em torno da cerâmica: o passado sopraria o presente balançando as suas franjas e derrubando os seus castelos de areia.

Decomposição I.

As sessenta e quatro peças construídas nas bordas do projeto se desdobrariam em uma segunda série que arrastaria a tese para o mar. Diante das ondas as pequenas esculturas-embarcações sofreriam com a sua progressiva subtração. A água salgada provocaria a corrosão dos pés e a contorção dos corpos de argila. O desequilíbrio e a queda impulsionariam os passos de uma dança trágica – frágil e efêmera – na beira da praia⁹⁹. Em meio à espuma borbulhando e se desfazendo as poças de terra alaranjadas contrastando com as carcaças duras e esbranquiçadas das conchas. Os braços altos e intactos dos personagens estendidos em direção ao céu enquanto nas proximidades do chão o barro tornar-se-ia novamente modelável. A areia acolheria e absorveria despistando as marcas do naufrágio, assim não sobrariam vestígios da cena liquefazendo-se na manhã do dia seguinte. A maré subiria e desceria durante a digestão dos resíduos, envolvendo e apagando os rastros das pegadas e dos barcos em decomposição. Os últimos raios de sol incidiriam sobre a carne convertida em fóssil ao ser engolida de maneira impiedosa e voraz pela imensidão azul. Entre Porto Alegre e o litoral o salto no desconhecido, mergulho nos encantamentos e vertigens da matéria desobrada. A desmontagem é o risco necessário que o artista corre ao se aproximar dos fluxos e das forças, abandonando-se provisoriamente a elas em seu jogo-ritornelo de desterritorialização e reterritorialização. Fagulha, fumaça, fogo e fuligem, imagens-conceitos atribuídos ao barro amassado e desaparecido, multiplicar-se-iam no encontro com as algas, mães d'água, peixes, bactérias, ossadas e botões em contínua mutação nas entranhas marinhas.

⁹⁹ “O fenômeno dionisíaco torna a nos revelar sempre de novo o lúdico construir e desconstruir do mundo como uma criança que, brincando, constrói montes de areia e volta a derrubá-los” (NIETZSCHE, 2007, p. 140).



Figura 23: A caminho do mar I.



Figura 24: A caminho do mar II.



Figura 25: A caminho do mar III.



Figura 26: Decomposição I.

As escadas naquela visita derradeira não dariam a ver seus gestos e feições através da porta, apenas uma coleção de obras de arte preenchendo cada lacuna de silêncio evocada pela sua ausência. As feridas não estavam cicatrizadas e, portanto, sangravam como a tinta em excesso que escorre de um quadro recém pintado. Entre móveis, telas e esculturas o andar cambaleante suscitado pelos anacronismos: as vozes difusas do grupo de pesquisa, as velas acesas no bolo de aniversário, os livros com anotações sobre as páginas, os recortes de jornal embrulhados, as sementes-imagens cultivadas nas madrugadas, os trilhos descarrilhados pela morte e por tudo que ela co-move com a sua irreversibilidade irrefutável. Na casa de Tania agora as coisas pediam para falar em seu lugar. Os objetos contavam histórias, como os sapatos debaixo da cadeira ou uma xícara ao lado do computador. A mesa da biblioteca, de frente para o jardim, emitiria os sinais piscantes e trêmulos de seu pensamento: blocos riscados, bilhetes pendurados, autores, artistas e vagalumes reunidos¹⁰⁰. Pela janela o desabrochar relutante das plantas, apesar da sua partida. As heras subiriam pelas paredes e muros encobrendo o sol de madeira que antes brilhava solitário. Vasos e estátuas posicionados rente ao chão receberiam, além dos pingos da chuva, musgos e raízes em expansão. A água desbotaria as cores dos corpos de concreto, porém, intensificaria o verde das folhas, o laranja dos frutos e o lilás das flores. A natureza subverteria a melancolia da perda ao acolher o inevitável com coragem e amor – “amor fati¹⁰¹, amor ao destino.”¹⁰²

¹⁰⁰ “O amor e a amizade se encarnam sob a forma de uma nuvem de vagalumes” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 19).

¹⁰¹ “Transfiguração da gravidade em leveza e graça” (GIACOIA, 2012, p. 102).

¹⁰² NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 166.

Vertigens II.

Os troncos decepados dos pinheiros apareceriam atirados nos fundos da antiga biblioteca¹⁰³. O jardim – caminho longo e encantador entre a rua e os livros – não sobreviveria à intenção demolidora das máquinas. Não haveria mais a ponte de pedras soltas para atravessar pois a água fora desviada daquele chão: desde então, gramas e minhocas passaram a morrer de sede. Os cômodos da casa do escrivão, onde inaugurou-se décadas depois a primeira biblioteca da cidade, agora serviriam de refúgio para aranhas, cupins e morcegos. Goteiras antecipariam o apodrecimento do assoalho e os cacos coloridos dos vitrais se acumulariam nas beiradas das janelas quebradas. Os buracos irregulares e pontiagudos se ofereceriam como moldura para as ruínas acumuladas ora no lado de dentro, ora no lado de fora. Mesas e cadeiras abandonariam a sala de leitura e deitar-se-iam sobre o solo: a corrosão acelerada da madeira destoaria da oxidação lenta das pernas e assentos de ferro. Por acaso, em meio à vegetação nativa existente nos arredores, me depararia com as lascas esverdeadas das classes em que sentei durante anos de minha vida para embarcar em outros mundos possíveis. Recolhi um pedaço destas memórias e o levei no bolso, junto com as cascas das sementes de pau brasil. Na mata fechada os pinheiros seguiam respirando e soltando eventualmente suas grimpas e pinhas. Os restos das árvores centenárias, derrubadas em prol de um estacionamento de carros, achar-se-iam esparramados ali, debaixo das heras e arbustos que sobre os montes ressequidos penduraram seus cordões carregados de seiva – o sangue leitoso das plantas.

¹⁰³ “Foi preciso passar pelo luto daquela perda ao ver a destruição invadindo um mundo que era intimamente o seu” (WISNIK, 2018, p. 135).



Figura 27: Composição com as cascas de pau brasil.

Memória-trilho VIII.

A terra regurgitou um pedaço de trilho no bairro da estação¹⁰⁴. Os moradores apanharam-no e não hesitaram em introduzi-lo em suas atividades cotidianas, sem dar satisfação à prefeitura determinada a prendê-lo nos aposentos do museu do trem. A barra de ferro tornou-se suporte e ferramenta para os vizinhos atentos aos reviramentos do chão: há cinquenta anos as estradas da ferrovia eram arrancadas e enterradas em São Salvador pelo progresso que substituíam os vagões das locomotivas pelos automóveis e suas rodovias. Pregos, dormentes, trilhos, troles, postes e fios do telégrafo se espatifaram pelos ares, reaparecendo anos mais tarde nos canteiros das obras do ginásio, da escola, da creche e do calçadão. A cada erosão ou escavação a surpresa do reencontro com as imagens fragmentadas e distorcidas pelo tempo: o intervalo desde a última viagem não silenciaria o apito da maria fumaça ou as badaladas do sino na estação, apenas os faria sumir e ressurgir inúmeras vezes. As camadas do solo, sobretudo neste bairro, guardariam os destroços rejeitados pelo futuro prometido à cidade: modernização arquitetada sobre as ruínas da linha férrea e sobre todo o sangue derramado quando de sua instauração. Ocultamento das marcas, numa tentativa de apagá-las e obscurecê-las para sempre, ou ao menos até que deixassem de causar controvérsias, perplexidades e inquietações. Ninguém dormiria se contasse os esqueletos dos cadáveres deitados debaixo da sua casa, fina membrana diante da extensão vibrátil das rochas, areias, argilas, húmus e vertentes de água.

¹⁰⁴ “Os tempos sobreviventes não são tempos sepultados, são tempos escondidos bem embaixo dos nossos passos e que ressurgem, fazendo tropeçar o curso de nossa história” (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 295). “A superfície ainda recebe solicitações do fundo” (DIDI-HUBERMAN, 2012, p. 128).

Desvios XII.

Na roça por onde o trem passava serpenteando uma plantação de arroz o caminho de terra permaneceu aberto e fértil. Subtraíram-lhe os trilhos e adiaram a chegada do asfalto, assim as sementes ganharam espaço para germinar. Brotam, rasgando a pele do solo, batatas, pepinos e chuchus que não cabem nas mãos de tão graúdos. Pedras soltas rolam lá e cá enquanto os corpos crescem em silêncio profundo, dilatando o útero enterrado no chão. O cultivo é acompanhado pelo sol e pela lua: chove, alaga, escoar. O inço cresce povoando o território de maneira imprevisível e obstinada, traçando uma geografia dos acasos e desvios. As paradas de imersão no sutil revelam que nada está parado realmente, os movimentos são ínfimos, então há que se produzir algum silêncio em nós para que possamos ouvi-los. Outrora percorri este lugar com os antigos moradores da cidade apanhando as limas maduras e comendo-as na sombra escassa debaixo do pé. Desta vez eu andava sozinha, pois eles desembarcaram algumas estações depois de termos nos encontrado. Viagem curta, porém impactante no sentido da sua duração¹⁰⁵: marcas se alastraram pelo tecido das memórias, desenhando vincos e fendas através dos quais persistiriam as imagens e suas intensidades. A ausência da morte não desvelaria o vazio absoluto das formas, mas uma constelação de lembranças e afetos titubeantes, imprecisos e contaminados pelas costuras, rasuras e sobreposições. As forças sustentariam o jogo infinito da criação mesmo diante dos lutos, tropeços e quedas sofridas. A escrita proporcionaria uma trégua ao rearranjar os turbilhões do mundo em suas linhas retas e letras arredondadas, desacelerando o ritmo do pensamento e de sua pulsação. Ela tornaria mais possível para o corpo-barco ensejar as suas travessias.

¹⁰⁵ “O universo dura: duração significa invenção, criação de formas, elaboração contínua do novo” (BERGSON, 2006, p. 8).

Memória-esquecimento VI.

Como os trilhos se transformam em barro? Como a pesquisa opera essa de-composição? As memórias das ferrovias e de seus passageiros-personagens adentrariam a carne da argila para serem digeridas e incorporadas em suas paredes finas e delicadas. Os traçados raspados nos pergaminhos urbanos, ou redesenhados pelo turismo e para o transporte de cargas, avançariam sobre a matéria aumentando a sua densidade. O circo instalado junto à estação de Ouro Preto, os palhaços e bailarinos deslizando e descarrilhando como locomotivas de cores chamativas, as crianças brincando com os instrumentos musicais fabricados a partir das sucatas dos trens em Mariana, as lonas cobrindo os vagões da monarquia no Rio de Janeiro, o minério de ferro cruzando dia e noite pela estrada de ferro Vitória à Minas: Itabira, Drummond, Vila Velha, treze horas de viagem sem poder abrir as janelas para não inalar o pó extraído dos picos convertidos em crateras e montanhas de rejeitos avassaladoras¹⁰⁶: Brumadinho, Bento Rodrigues. O pátio de manobras iluminado em Paranapiacaba, as máquinas apitando ao descerem até o porto de Santos e ao subirem em direção à estação da luz. A neblina do alto da serra, a fumaça das caldeiras e dos incêndios, o mofo e o limo encobrindo as colunas coloniais do patrimônio. Os engenheiros ingleses eternizados nas ruas de paralelepípedos, suas vestes no museu, seus feitos registrados pela história. A presença sutil dos povos indígenas nos caminhos do Peabiru, o aniquilamento genocida de seu testemunho, a resistência antropofágica ao estrangeiro colonizador. A terra espalhada, extraída e decantada ofereceria território às imagens deste arquivo-palimpsesto no qual me tornei ao longo dos últimos anos. Era preciso radicalizar o estremecimento para dar vasão à obra e ao esquecimento. Era necessário abdicar da promessa de conservar as paisagens, os rastros e os restos, aceitando perdê-las para reencontrá-las nas desventuras e devaneios da modelagem. O corpo-trilho agora se desfazia em meio ao barro construindo nele a sua mais nova morada.

¹⁰⁶ “Maquinações sem peias vão convertendo compactas montanhas de minério em precárias e periclitantes montanhas de rejeitos” (WISNIK, 2018, p. 38). “Escavando tanto, os brancos vão acabar arrancando até as raízes do céu” (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 361).

PARTE VII:

Ora uma pedra, ora um rio, assim é o barro.



Figura 28: Círculos que se abrem sobre a grama.

Memória-barro V.

Os corpos de barro seguem suscetíveis aos encontros e aos acasos: uma peça molhada que descansa ao lado da janela racha ao ser tocada abruptamente pelo vento. O sol não lhe alcança para queimar as partículas de água, mas o ar lhe atravessa expondo nos rasgos e fissuras as discontinuidades da membrana argilosa. Havia um pé já seco nas prateleiras do ateliê, outro dia uma criança ao tocá-lo o partiu ao meio. Não chegou a ser cozido no fogo, estava cru e coberto com folhas de árvores e jornais agora espalhadas entre as duas faces que restaram. Um arquivo ou inventário de tais obras só poderia existir sob a prerrogativa de não conseguir eliminar o caos imposto pela transitoriedade em sua radicalidade. Como circunscrever os corpos de terra senão através dos movimentos e de suas linhas de fuga? Ora uma pedra, ora um rio, assim é o barro. Grãos de areia não param de rolar mesmo quando os blocos estão sedimentados. Vira e mexe eles subtraem ou incorporam camadas em sua pele reafirmando esta abertura aos descaminhos, aos ritornelos¹⁰⁷, aos eternos retornos nietzschianos¹⁰⁸. “Tudo flui, nada permanece o mesmo.”¹⁰⁹ Heráclito também se aproxima da mesa onde trabalhamos com as intermitências das imagens, os intervalos dos dormentes e das memórias, as zonas nebulosas e rizomáticas entre a escrita e a escultura, a parede e o papel, a paisagem e o tempo. O que podemos evocar desta experiência são os rastros produzidos nas superfícies percorridas pela tese: do chão da cidade aos cômodos da casa há os rumores do pensamento pedindo passagem. Escutá-los implicaria em escavar as camadas do solo, do texto e dos tijolos descobrindo uma trama de heterogeneidades: as lascas coloridas enterradas dentro da tinta alaranjada, o barro cinza debaixo do extenso gramado verde e marrom, os trilhos de São Salvador a Paranapiacaba cruzando ao fundo deste pergaminho que não cansa de ser reescrito e redesenhado.

¹⁰⁷ “O ritornelo tem os três aspectos, e os torna simultâneos ou os mistura: ora o caos é um imenso buraco negro, e nos esforçamos para fixar nele um ponto frágil como centro, ora organizamos em torno do ponto uma pose (mais do que uma forma) calma e estável, o buraco negro deveio um em-casa, ora enxertamos uma escapada nessa pose, para fora do buraco negro” (DELEUZE; GUATTARI, 2012b, p. 123).

¹⁰⁸ “Ó Zaratustra, disseram então os animais, para os que pensam como nós, as próprias coisas dançam: vêm, dão-se as mãos, riem, fogem – e retornam. Ensinas que há um grande ano do vir-a-ser: tal como uma ampulheta, ele tem de virar sempre de novo, a fim de novamente escorrer e transcorrer” (NIETZSCHE, 2011, p. 208 e 211). “Nós somos o começo, o meio e o começo” (BISPO, 2022).

¹⁰⁹ Heráclito de Éfeso. **Pré-socráticos**. São Paulo: Nova Cultural, 1999, p. 103.

Variação II.

Diálogos de orientação: Luis Artur me disse certa vez para encarar o exercício da escrita como uma pintura sobre a qual o artista se debruça acrescentando camadas e, ao mesmo tempo, provocando o seu reviramento. As linhas secas evidenciadas pelos pincéis de outrora balançam correndo o risco de se partirem a cada novo encontro com as mãos lambuzadas de tinta. A tela é palco para o intempestivo: uma avalanche azul, verde ou vermelha pode encobrir (ou exaltar) o trabalho de dias ou semanas ao lado de um cavalete. Nada é definitivo, por isto o jogo nunca termina, nem mesmo quando o quadro se dá por vencido – ou concluído – e é abandonado pelo artista¹¹⁰. Luis Artur me contou que um amigo geralmente soterrava suas melhores obras em função dos excessos produzidos: ele não sabia a hora de parar, então perdia o momento exato de se retirar de cena. Ao esculpir o barro molhado experimenta-se tal incerteza a respeito da forma que deixar-se-á secar distante da água e dos dedos perscrutadores de sonhos na matéria. Uma peça assumirá as reentrâncias e relevos forjados por um determinado arranjo das forças envolvidas, ora inclinadas a erguer e a incorporar, ora obstinadas a derrubar e a decompor. O inacabamento define as esculturas-bailarinas, pois em seus passos elas passeiam pelas chamas, pelas ondas e pelos abismos, caem, explodem, se desintegram, se pigmentam, se cristalizam¹¹¹... Há situações em que os corpos simplesmente se viram, respondendo à corrosão dos pés que entraram em contato com o mar e perderam a sua antiga sustentação. A dança recomeça e o tempo é quem dita a melodia.

¹¹⁰ “O quadro é atravessado também por uma potência de desenquadramento que o abre para um plano de composição ou um campo de forças infinito” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 222).

¹¹¹ “A forma é para nós o desenho de um movimento” (BERGSON, 2006, p. 125).



Figura 29: **Bailarina.**

Memória-barro VI.

Brincar, montar e desmontar, navegar na fluidez da terra líquida e nela se perder como em uma cidade desconhecida. Tatear, pousar e perscrutar, percebendo os ritmos: como o corpo entra e sai do barro, como ele joga e é jogado pelos choques, capturas, contágios. Tecer, armar a teia e nela escorregar, equilibrando-se como a aranha nos fios finos e frágeis que ela mesma regurgitou enquanto digeriu os excrementos do caminho, constantemente estremecido pelo esquecimento ativo. Tramar, enredar e desenredar as linhas da narrativa, fazendo borda para a pesquisa nas beiradas da vida. Se o aracnídeo engole a seda e com ela parte para a fabricação de novos mundos, a argila também assimila as suas dobraduras permitindo a germinação dos devires. Entre os corpos sólidos e, portanto, quebradiços, há ainda porosidade suficiente para que as correntes de água tornem a dilatar e a amolecer aquilo que petrificou¹¹². Os dedos transitam sobre os fragmentos como se fossem as pernas das fiandeiras avançando e recuando ao esticarem suas fibras para finalmente tomarem impulso e nelas se pendurarem: no caso das peças, o pensamento é que é surpreendido e arremessado ao se confrontar com os encantos e desencantos da matéria. Há uma espécie de nuvem constituída por palavras viajantes que circulam em meio às séries espalhadas debaixo do teto de uma casa, ambas – as coisas e as palavras – querem abrir espaço, querem transpor fronteiras, querem hibridizar o conhecimento a ponto de transformar a escuta em uma arte. Não são apenas objetos e frases crescendo lentamente em pequenos vasos, são como as plantas – e não uma simples “avenca, samambaia, roseira – que obrigam a escancarar todas as janelas, e depois as portas, e pouco a pouco a derrubar as paredes e arrancar o telhado”¹¹³, quem sabe para fazer ver um lindo céu estrelado. “Um artista só conta com as estrelas, como disse Nietzsche.”¹¹⁴

¹¹² “Tudo voltará a se pôr em movimento e tudo se resolverá em movimento” (BERGSON, 2006, p. 174).

¹¹³ ABREU, Caio Fernando. **Mel e Girassóis**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988, p. 63.

¹¹⁴ CORTÁZAR, Julio. **O jogo da amarelinha**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015, p. 132.

Poeira I.

A presença do pó – resíduo seco e dispersivo – é incontestável: há uma película fina dando cambalhotas pelo chão e se espreguiçando sobre os móveis: vejo as marcas das mãos desenhando-se nos armários do ateliê-casa e criando brechas em meio à poeira¹¹⁵ acinzentada. O ar sacode e conduz os resquícios do barro, segura-os e deixa-os escapar, perdendo-os e procurando-os nos quatro cantos onde a carne, o sangue e a terra se misturaram, bem como a água, os fungos e as plantas. Não existem barreiras quando o pulmão e o estômago estão cheios das centelhas do mundo, resta apenas oferecer-se às chamas que insistem em passar, acendendo e apagando, animando e consumindo todas as coisas. O corpo está comprometido com o conhecimento que inspira e exala, mastiga e secreta, dispondo-se a queimar e a arder junto com os seus pedaços de argila. Se antes embarcava e desembarcava nos trilhos, agora sobrevoa, pousa e se afunda no solo, não mais nas ruínas das estações, escavando, enterrando e desenterrando as relíquias do tempo para aquecê-las em uma grande fogueira: “o fogo é mudança, evaporação, transformação em fumaças.”¹¹⁶ A roda gira e as palavras-lagartixas descem das paredes e sobem como formigas nas folhas e cascas que secam sobre a mesa, elas já não se fixam no barro como antes, encostam, sobem, descem e se retiram, desaparecendo e reaparecendo logo mais adiante, como a névoa andarilha de Paranapiacaba ou o pó que deita e rola nos aposentos de cultivo desta tese.

¹¹⁵ “A poeira? Ela não se levanta, o que ela faz muito mais é se sublevar contra a ordem e a limpeza que ela continua a assombrar” (DIDI-HUBERMAN, 2017a, p. 315).

¹¹⁶ Heráclito de Éfeso. **Pré-socráticos**. São Paulo: Nova Cultural, 1999, p. 107.

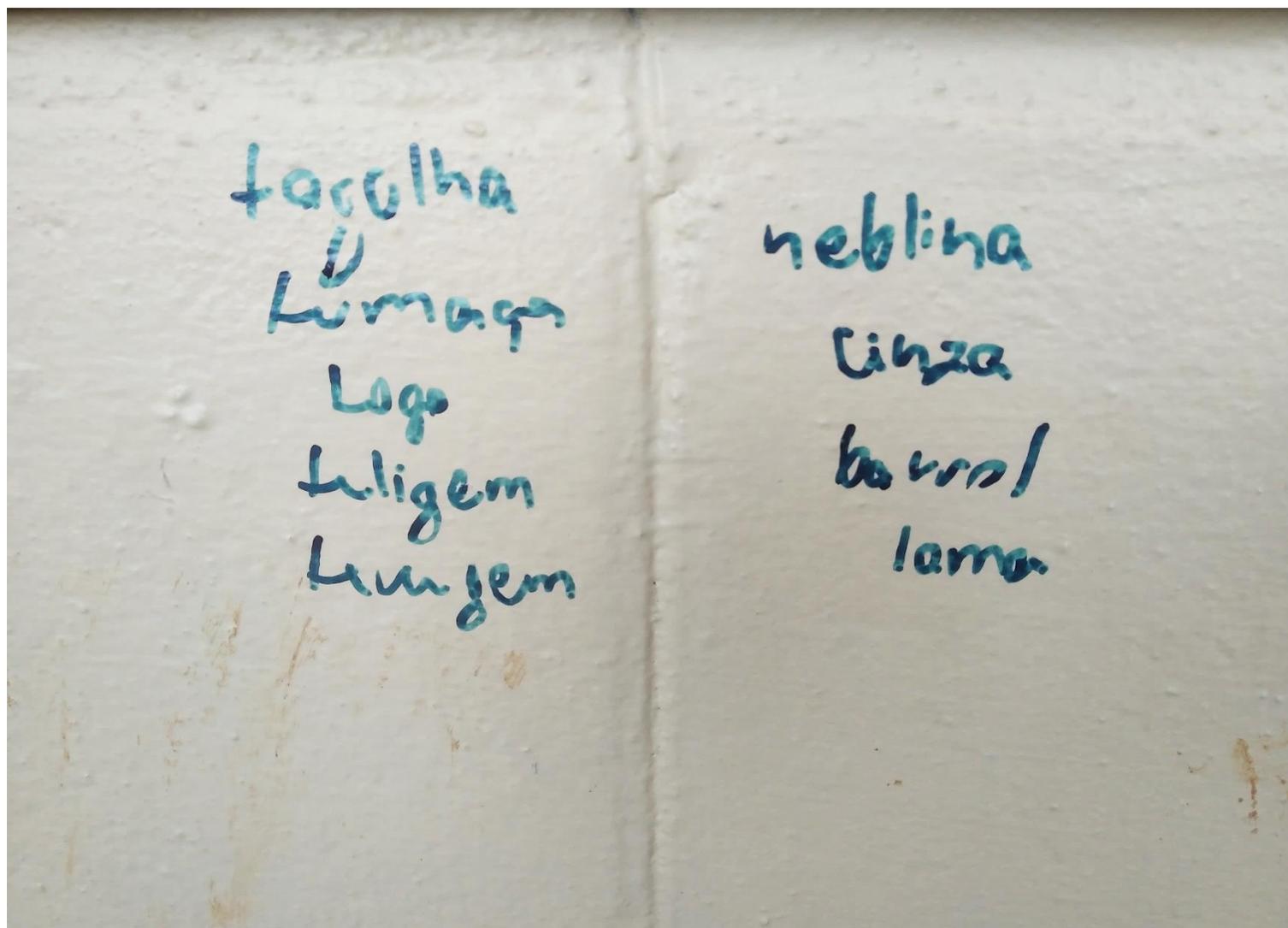


Figura 30: Palavras andarilhas.

Poeira II.

Diálogos de orientação: Cláudia afirmou em uma de nossas conversas virtuais durante a pandemia que o pó é sempre bem-vindo nos trabalhos de luto e criação. Assim, ao invés de combatê-lo, poderíamos apenas observá-lo crescendo e se proliferando a nossa volta, como no caso de Giacometti, em que o próprio artista “tem a cor cinzenta do ateliê. Por simpatia talvez ele tenha adotado a cor da poeira”¹¹⁷, escreveu seu amigo Jean Genet. Lembrei-me de Manoel de Barros e de outro texto com o qual Cláudia me apresentou: a gramática expositiva do chão. Nele, “prenderam na rua um homem que entrara na prática do limo, era sempre arrastado para lugares com musgo, acometido de lodo”¹¹⁸, pois viveu misturado aos líquens do parque por quarenta anos. Na última semana busquei nas regiões mais altas da estante um livro que Tania me emprestou e que não tive a oportunidade de devolver-lhe: para a minha surpresa, a capa estava coberta por camadas sucessivas de pó, como se a vida continuasse agindo incansavelmente sobre a morte e dela se ocupasse para expandir-se e metamorfosear-se. Comecei a perceber as nuances da terra brotando entre as páginas e os quadros, as lâmpadas e os estofados. A rua vai disseminando suas sementes minúsculas aqui dentro, silenciosamente, através das argilas secas e molhadas. Saio pela porta e vejo minhas roupas, meus chinelos, meus braços, com as cores do barro. Decido não voltar para limpar, assumo que agora o meu corpo é a tela, a teia, o tecido onde o fora resolveu expressar seus processos caóticos e descontínuos de invenção e transmutação. A poeira é o intervalo, a distância concedida pelo tempo àqueles que querem mover a matéria e a memória – e, sobretudo, a si mesmos – nesta direção poética e plural.

¹¹⁷ GENET, Jean. **O ateliê de Giacometti**. São Paulo: Cosac & Naify, 2000, s/n.

¹¹⁸ BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010, p. 121, 123 e 124.

Variação III.

“Penso nesses objetos, nessas caixas, nesses utensílios que aparecem às vezes em galpões, em cozinhas ou esconderijos, e cujo uso já ninguém sabe explicar.”¹¹⁹ Se “a morte não foi prevista para eles”¹²⁰, pares de sapatos, pilhas de livros, pratos de porcelana, relógios sem corda, sinos acorrentados, locomotivas abandonadas, bens e monumentos tombados, artefatos e arquivos consagrados, como libertá-los da promessa e do fardo da eternidade senão através da poeira, do mofo, do limo, da ferrugem, da fumaça e da neblina capazes de corroê-los, deformá-los e obscurecê-los ainda que provisoriamente? Se os urubus, a terra e os fungos não conseguem destrinchá-los e degluti-los, como oferecê-los à alteridade radical e ao delírio ficcional propiciados pelo esquecimento? Será preciso animar as fagulhas, acender o fogo e carregá-los para além do horizonte mais próximo através dos mantos esvoaçantes de fuligem? Como respirar ar puro enquanto o passado jaz petrificado? Será necessário instaurar as ruínas para ver nascer um jardim? Fenecer para florescer, perder as folhas como as árvores no outono, secar os galhos até surgir uma carcaça moribunda, e então acompanhar a irrupção de um pequeno broto, raiz ou cogumelo bem ali onde tudo parecia enclausurado e aniquilado pela morte. Se por um lado a impossibilidade de morrer constrange os trabalhos do tempo, mumificando a vida, por outro há que se ultrapassar a melancolia suscitada pelas impermanências e inconstâncias de cada gesto, sujeito, cidade ou amor que morre para ser outros.

¹¹⁹ CORTÁZAR, Julio. **O jogo da amarelinha**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015, p. 522.

¹²⁰ BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 96.

Decomposição II.

“Antes de voltar a adormecer, imaginei (vi) um universo plástico, mutante, cheio de maravilhosos acasos, um céu elástico, um sol que inesperadamente falta, ou fica imóvel, ou muda de forma. Ansei pela dispersão das duras e inflexíveis constelações.”¹²¹ Desejei, ao amassar e alisar os corpos de barro, que eles mergulhassem nas chamas e se entregassem ao bolor. A inquietude do fogo e dos fungos também era minha ao manusear a argila com sede de demolição. Se do buraco aberto na terra nada restasse além das cinzas não lamentaria pelos blocos derretidos, assim como não hesitaria diante do avanço progressivo dos microrganismos sobre os resíduos orgânicos absorvidos pelas esculturas. Quando as mãos começaram a escutar o chão os tremores se intensificaram, tal como as acrobacias, tornei-me uma pesquisadora atenta aos processos de decomposição do mundo e da pesquisa. Os registros – diários, mapas, fitas, fotografias – não gostaria de catalogá-los, pois jamais concluiria esta tarefa sem revoltar-me contra o peso dos cadáveres. Preferiria colocar meus antigos escritos no solo para dar-lhes a chance de apodrecerem e renascerem algum dia. As vozes dos moradores de São Salvador e de Paranapiacaba misturar-se-iam com os ruídos de Porto Alegre, e eu não lutaria mais para distingui-las, apenas me deixaria conduzir pelo vento, pelas tempestades, pelos redemoinhos. Eu só queria abrir a porta e sair descalça para brincar no quintal¹²², só queria abandonar-me às sutilezas que pulsam em meio às sucatas e aos arquivos subtraindo o seu peso e arrastando-os novamente para o jogo infinito da persistência acompanhada pela dissolução.

¹²¹ CORTÁZAR, Julio. **O jogo da amarelinha**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015, p. 424.

¹²² “De uma forma ou de outra, todos a procuram, todos querem abrir a porta para ir brincar” (CORTÁZAR, 2015, p. 429).

Encontros III.

Diálogos de orientação: Quando entrei no doutorado Tania salientou que tratando-se de sua última orientanda eu ficaria encarregada por fechar a porta do grupo de pesquisa junto com ela. Era uma preocupação sua acompanhar-nos mesmo diante da proximidade da morte, oferecendo-nos abrigo nestes cômodos para onde poderíamos retornar nos momentos de perigo e encontrar com aqueles que fizeram parte de sua vida acadêmica. Apesar de Tania não estar mais aqui, a sua presença dura entre nós como uma fagulha incendiária. Às vezes me pego pensando nas questões, comentários, divagações que ela faria se lesse ou ouvisse determinadas narrativas. Às vezes sonho que ainda trocamos correspondências e que há e-mails não lidos na minha caixa de entrada. Ao acordar lembro-me do quão difícil (ou impossível) é dar um trabalho de luto por encerrado, pois as ondas seguem arrebatando e trazendo os vestígios depositados no fundo até a superfície¹²³. Os pés antes encharcados agora tocam a areia seca e descansam nos intervalos entre as marés. Não há como recolher todas as conchas, e fósseis, e pérolas em uma única ocasião. É preciso tempo para digerir, decantar, transformar e esquecer. “Uma primeira maneira de deslocar as coisas é levar o tempo necessário: retardar. A outra é bifurcar de repente.”¹²⁴ As urgências experimentadas durante o primeiro ano do doutorado e que me levaram ao campo e também à casa de Tania durante o verão, outono e inverno de 2019, já não pulsavam mais quando chegou a primavera e depois a pandemia. A desaceleração dos movimentos causou-me angústia e desorientação: antes corríamos porque vislumbrávamos um caminho, agora eu não me mexia para lado nenhum. Então o barro em uma tarde qualquer me chamou e aceitei o convite para instaurar uma bifurcação e morar nela enquanto refazia a estrada.

¹²³ “Caráter descontínuo do luto. O luto não se desgasta” (BARTHES, 2011, p. 65 e 70).

¹²⁴ DIDI-HUBERMAN, Georges. **A imagem sobrevivente**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013, p. 34 e 37.

Desvios XIII.

“Os farrapos: não quero inventariá-los, e sim fazer-lhes justiça da única maneira possível: utilizando-os, para não sufocar sob os resquícios de cinquenta séculos desaparecidos.”¹²⁵ A mesa do ateliê esbarrou nos blocos de concreto e não atravessou a porta do apartamento barulhento localizado ao lado da avenida. Depois de subirem onze andares pela escadaria e alcançarem a altura exata do corredor, as tábuas azuis com marcas remanescentes de pregos abandonaram-se contra o piso. Não havia como ultrapassar o marco estreito e adentrar a sala iluminada pelos raios de sol. Quando se esgotaram as tentativas de manobrá-la, erguê-la, deitá-la e virá-la, sugeriram cortar-lhe os pés para enquadrar-lhe nos refúgios da pandemia. O espaço amplo que acolhia a mesa até então esvaziou-se logo nos primeiros meses de isolamento e caos. A casa incorporou o ateliê, usufruindo de suas prateleiras, estantes, bancos, poltronas e luminárias, e o ateliê se disseminou pela casa, ocupando o quarto, a lavanderia, a cozinha e a pia do banheiro com os excessos do barro. Os corpos passaram a dormir na companhia das peças de argila, às vezes observadas durante as madrugadas insones. O fato é que os pés serrados serviram como suporte para pequenas esculturas modeladas em cima de suas pontas irregulares. Os cubos de madeira mostraram-se porosos às cores e texturas da terra, tornaram-se troncos neste reencontro, com suas raízes crescendo dentro da lama escorregadia. O contato forjado pela água dissolveu temporariamente as fronteiras entre as matérias, que permaneceram sobrepostas e em constante desequilíbrio após secar o rio que as uniu.

¹²⁵ BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: UFMG, 2018, p. 764 e 806.



Figura 31: Restos em desvio I.



Figura 32: Restos em desvio II.

Desvios XIV.

As cortinas pintadas à mão para um espetáculo cujo cenário desmontou-se há dez anos atrás saíram das sombras do quarto fechado e dispersaram o pó depositado em suas paisagens. As lonas sofreram decalques e distorções ao ocuparem as janelas nos arredores do barro: elas não estavam ali antes da casa fundir-se com o ateliê e este oferecer-se como território de experimentação para a pesquisa. As paredes puseram-se em movimento ao testemunharem os deslocamentos da argila: as bolhas do reboco caíram como folhas secas no outono e palavras úmidas nasceram em seu lugar. A aparente homogeneidade esfacelou-se diante dos furos, fissuras e fronteiras redesenhadas pelas imagens incrustadas nos tecidos: um barco velejando no meio da sala, uma lua nascendo do chão do quarto, trapos escondidos e descobertos pelo tempo. A intenção de movê-los do interior à capital, colocando-se tão próximo de suas margens, apareceu como numa espécie de lampejo em que o agora é tocado pelas faíscas de outrora¹²⁶. Andava distraída em relação a tais vestes do passado, perdi-me delas ao desembaraçar-me do roteiro, do balanço e do piano em torno dos quais giravam os dançarinos. Recordo-me de ter elaborado o texto-coreografia do espetáculo em um momento de travessia: um luto pedia passagem e foi incorporado por suas linhas e melodias, abrindo-me para o avesso da melancolia que é o salto depois da queda. A arte sempre apontou-me trilhas estreitas e precárias como as das formigas quando a catástrofe avizinhou-se¹²⁷. Nunca hesitei em percorrê-las, carregando uma nova vida ainda em gestação em meus braços. É preciso aprender a morrer para sentir a brisa fresca da existência amanhecendo – e renascendo nos pulmões – outra vez.

¹²⁶ BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: UFMG, 2018, p. 767.

¹²⁷ “É preciso brincar na vizinhança do desastre, como um funâmbulo qualquer” (DIDI-HUBERMAN, 2017a, p. 56).

Memória-esquecimento VII.

“As ruínas agora são nossos jardins.”¹²⁸ A destruição de um mundo contém nela mesma os elementos necessários para a criação de desvios: tudo que se decompõe se recompõe de maneira sutil e imprevisível. “O tempo não faz apenas escoar: ele trabalha. Constrói-se e desmorona, desagrega-se e se metamorfoseia. Desliza, cai e renasce. Enterra-se e ressurge”¹²⁹ – e assim ocorre também com a existência. As formas nunca estarão suficientemente protegidas do jogo dionisíaco das forças. A beleza do fenecimento consiste justamente em sua abertura e disponibilidade para os reinícios, celebrados numa dança febril de renovação onde luto e desejo são indissociáveis. Há semanas choviam flores amarelas da copa das árvores na redenção. Elas formavam mosaicos no chão como as pétalas vermelhas deitadas na calçada em frente à minha casa na rua irmão José Otávio. Hoje perambulando no parque vi os galhos cortados e as folhas verdes secando lentamente ao perderem a conexão com a terra. Resolvi tocá-los já que estavam ao alcance das mãos e não mais nas alturas oferecidas pelos troncos centenários. Lá de cima sacudiam-se com o peso das aves e anoiteciam sob as luzes coloridas da roda gigante, a partir desta manhã pareciam no solo sem um destino predeterminado. Amontoados ocultariam as discretas flores amarelas que não puderam cair antes da poda. Diferentemente daquelas aveludadas que derramaram-se como pingos de tinta no gramado, estas estavam murchas e ressequidas: a água evaporara. “O que existe é a matéria em movimento, pois o movimento não é um princípio à parte da matéria, mas algo inerente a ela.”¹³⁰ Trouxe-as da rua até a mesa do ateliê onde o barro está sempre à espera das histórias e acasos recolhidos nos itinerários pela cidade.

¹²⁸ TSING, Anna. Paisagens arruinadas (e a delicada arte de coletar cogumelos). **Cadernos do Leparq**, Pelotas, v. 15, n. 30, 2018, p. 381.

¹²⁹ DIDI-HUBERMAN, Georges. **A imagem sobrevivente**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013, p. 280.

¹³⁰ SCHÖPKE, Regina. **Matéria em movimento**. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p. 47.



Figura 33: Restos em desvio III.

Memória-esquecimento VIII.

“O amor é um pássaro de passagem.”¹³¹ A memória aprenderá a apreciar o seu voo ou lutará em vão para prendê-lo em uma gaiola? Os seus retratos serão sempre evanescentes como o hino dos anjos “portadores de uma destruição necessária, sua própria, certamente e, mais profundamente ainda, a destruição de um tempo que teria a pretensão de se perpetuar a si mesmo.”¹³² As lembranças, tão fugidias quanto o canto dos anjos para Walter Benjamin, não se conservam nem se cristalizam, mas fazem de suas discontinuidades e sobressaltos um modo de duração. Os versos não escondem suas lacunas, não disfarçam a sua nebulosidade, não negam ou temem o esquecimento, pois é nas cesuras, nos descompassos e nas imprecisões que tomam fôlego e impulso para seguirem adiante. O conhecimento não se produz com certezas, mas com inquietações que reluzem como trovões. Os corpos de argila não nos interessam enquanto obra, e sim na medida em que ensinam os fluxos: as incorporações, as metabolizações, os espasmos e reverses do pensamento digerido nas entranhas da terra. As plantas são arrastadas para dentro da carne opaca, desaparecem, se desprendem do que eram e reaparecem com as marcas desta elaboração propiciada pelo tempo, que faz de “um olho morto um tesouro sobrevivente. Se é verdade que o ser vivo sucumbe às devastações, o processo de decomposição é, paradoxalmente, processo de cristalização”¹³³: nada é aniquilado por completo ou retorna inalterado e sem deformações. “Tudo vai, tudo volta, gira eternamente a roda do ser. Tudo morre, tudo volta a florescer, corre eternamente o ano do ser.”¹³⁴

¹³¹ BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: UFMG, 2018, p. 809.

¹³² GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Sete aulas sobre linguagem, memória e história**. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 126.

¹³³ DIDI-HUBERMAN, Georges. **A imagem sobrevivente**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013, p. 425.

¹³⁴ NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 208 e 209.

PARTE VIII:

“Buscar o elemento fecundo dos desaparecimentos.”¹³⁵

¹³⁵ DIDI-HUBERMAN, Georges. **A imagem sobrevivente**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013, p. 72.



Figura 34: Olhar através do barro I.

Vertigens III.

No intervalo entre os trilhos é que as viagens se acomodam. Entre os dormentes, na passagem intermitente dos vagões, o reencontro e a partida avessa às despedidas. Como um pássaro-locomotiva, batendo as asas sem hesitar diante da neblina, cheguei e parti de Paranapiacaba abandonando tudo que não coube na mochila. O pouso abreviado pelas madrugadas febris descortinou o possível, porém, inesperado, efeito dos encontros ainda à mercê de uma pandemia. Dias antes dos primeiros sintomas escrevia sobre os contágios proporcionados pelas memórias da ferrovia e pelas alquimias do barro: por entre as frestas daquela página o vírus já se avizinhava. Os vãos das tábuas de madeira transpunham as fronteiras sonoras da casa ao lado, assim, ouvia as crianças brincando e os adultos dormindo nas noites mais úmidas e geladas. Sozinha eu arrastava o peso do meu próprio corpo cansado e de meu pensamento abarrotado pelas intensidades desconcertantes da experiência que se desenrolava: o retorno conturbado, talvez precoce, talvez brutal, a um campo de pesquisa que pulsava como o sangue quente correndo em minhas veias. Sentindo a blusa molhada ao amanhecer eu sabia que não poderia continuar ali. As marcas das injeções não se apagariam tão facilmente da pele. As lágrimas se precipitariam como as máquinas com suas cargas descendo em direção ao porto de Santos. Enquanto aguardava por uma consulta no pronto-atendimento da vila via de perto o pátio de manobras todo iluminado: os apitos marcavam um ritmo e desenhavam um território no meio do caos instaurado¹³⁶.

¹³⁶ “O ritornelo é sonoro por excelência. Ele sempre leva terra consigo” (DELEUZE; GUATTARI, 2012b, p. 124 e 176).



Figura 35: Pássaro-locomotiva na neblina.

Memória-patrimônio XI.

As paredes do patrimônio rangem denunciando o seu declínio, os fiscais da prefeitura reagem escorando as frágeis estruturas em risco de desabamento. O clube de portas trancadas cumpre o destino imposto pelo restauro prometido: se impõe contra a passagem do tempo enquanto o mofo sorrateiramente lhe consome. A madeira encarna as cores de uma chama concebida pelos fungos, intercala o marrom, o verde e o amarelo com o laranja e o vermelho, criando a imagem de um incêndio sem vestígios de fumaça. A chuva, o vento e o calor alimentam a obra-bolor instaurada sobre a degradação lenta e progressiva do salão de festejos, das salas de jogos e dos camarotes usados pelos ingleses. Neste momento está proibida a entrada dos turistas nas dependências outrora arquitetadas e frequentadas pelos colonizadores. Não há mais os fantasmas de dona Francisca dançando lá dentro, tampouco os operários da estrada de ferro exibindo filmes ou tocando instrumentos para entreter os engenheiros. Só restaram as marcas que o tempo nunca deixou de corroer e lapidar, acrescentando e subtraindo nuances, contrastes e camadas. Se a queda dos imóveis é contornada e aplacada vorazmente, as plantas se alastram através dos buracos que descobrem nos telhados. As samambaias formam tapetes verdes esvoaçantes nos tetos corroídos pela água e pela umidade. Elas suscitam uma pergunta em relação a quem são os habitantes – moradores e visitantes – do patrimônio e se, por acaso, as espécies vegetais, animais e fúngicas não passaram até então despercebidas pelos inventários e inquilinos com quem dividem a paisagem caleidoscópica das casas¹³⁷.

¹³⁷ “Não é somente a casa aberta que se comunica com a paisagem, mesmo a casa mais fechada está aberta sobre um universo. A casa de Monet se vê sempre aspirada pelas forças vegetais de um jardim incontrolável, cosmo das rosas” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 213).

Árvores III.

Há dois anos a poda do abacateiro só terminou quando as últimas folhas da árvore deram-se por arrancadas. Os galhos que perturbavam a fiação dos postes de luz abriram precedentes para a aniquilação da sombra e da colheita dos frutos maduros. Os moradores observavam perplexos o tronco que continuava fincado no chão, apesar do corte brusco em seus prolongamentos incrementados durante décadas. Não houve aviso prévio, os funcionários da prefeitura simplesmente apareceram em uma manhã qualquer e ligaram as suas motosserras barulhentas: elas é que informaram a vizinhança inteira. O pé também não pediu licença para voltar a crescer e a ocupar os paralelepípedos com os seus excrementos em decomposição. Na beira da ponte agora se vê uma copa pequena e densa, colorida com tons verdes escuros, desabrochando junto às garoas e raios intempestivos de sol. Logo a sua frente a torre do relógio adormecido que acordou entre 2019 e 2021: os ponteiros não se contentaram em andar calmamente em direção ao futuro, desde que despertaram correm antecipando as horas um pouco mais a cada vez. Certo dia subi a ladeira em desatino para alcançar o ônibus na parada, chegando lá não o encontrei, ele não estava de saída e nem sequer havia regressado de Rio Grande da Serra. Sem fôlego mirei a parede do bar e o tempo revelou as suas imprecisões e heterogeneidades: em Paranapiacaba não existem acordos estabelecidos entre o presente e os acordos díspares do passado.

Memória-patrimônio XII.

Na rua da direita as galinhas circulam livremente pela manhã, são raras as situações em que precisam dividir a estrada com uma bicicleta, um carro ou um transeunte. O cachorro deitado na parte alta da rua, à espera de uma moradora que saiu e nunca mais voltou, estava distraído quando um motorista da prefeitura o atropelou. Nas proximidades todos se alvorotaram com o ocorrido, exigindo que o cão recebesse a devida assistência e retornasse ao espaço público onde deverá permanecer até morrer (de preferência sem ser incomodado). Na vila não são apenas os bens tombados que geram discussão, qualquer movimento imprevisto ou inusitado ganha repercussão. A minha presença suscitou burburinhos entre aqueles que não me reconheceram: “quem é ela?”, “o que faz aqui?” A ameaça e hostilidade vislumbradas no estrangeiro (turista e pesquisador) já não pairam mais sobre mim, tal como na primeira imersão, na medida em que transito na companhia dos artistas e adentro as suas moradias com as minhas próprias chaves em mãos. Não sou exatamente uma estranha, embora não pertença ao lugar, mas cultive relações de amizade com ele. Como pesquisar por dentro dos acontecimentos, assumindo que sempre participamos das histórias que contamos?¹³⁸

¹³⁸ “Como um encontro se torna um “acontecimento”, isto é, maior que a soma de suas partes? Uma resposta é contaminação. Estamos contaminados pelos nossos encontros, eles mudam quem somos. À medida que a contaminação muda os projetos de criação de mundos, mundos mútuos — e novas direções — podem emergir. Todo mundo carrega uma história de contaminação, a pureza não é uma opção” (TSING, 2015, p. 31).

Desvios XV.

Os ingleses ergueram dois castelos na época da São Paulo Railway: um virou cinza e o outro virou museu. Apesar de estarem localizados na mesma rua, não adquiriram a mesma relevância perante o público e a prefeitura. Se o acesso é facilitado à casa onde Daniel Fox viveu com a sua família e acompanhou pela janela, longe dos percalços da fumaça e da neblina, as obras extenuantes da ferrovia, o contato com as ruínas do incêndio provocado no antigo castelo é dificultado pelas cercas que isolam o local. O mato vai crescendo nas escadarias e ocupando o terreno de maneira a deixá-lo propício para a circulação de animais peçonhentos. As cobras são bem-vindas a fim de evitar qualquer especulação, de cunho acadêmico ou midiático, nas cicatrizes produzidas pelo fogo durante a evaporação do patrimônio. Dispersando as sombras a que foram submetidos os escombros, perscrutei os seus arredores e descobri abaixo das galhadas secas de um pinheiro pequenos cogumelos ressurgindo após a queima¹³⁹. As árvores testemunharam a transformação da matéria em pó, através de uma nuvem acesa de fuligens, sobrevivendo ao calor das chamas e à secura posterior do solo permeado pelas brasas relutantes. As raízes não abandonaram a terra e o tronco revestiu-se de uma casca porosa o bastante para os fungos se fixarem, bem como a chaminé que resistiu de pé aos tremores e se ofereceu aos contornos delicados das plantas que brotam entre as fissuras dos tijolos. Há restos ainda a serem digeridos nos canteiros da história. A invisibilidade e obliteração das cinzas não asseguram o esquecimento, pois a memória corre sempre pelas bordas do instituído transgredindo-o.

¹³⁹ “Depois do bombardeio atômico de Hiroshima durante a segunda Guerra Mundial, o primeiro ser vivo a crescer na paisagem explodida e arruinada foi o matsutake. Matsutake nos lembra que algumas formas de perturbação podem abrigar vida” (TSING, 2018, p. 367 e 368).

Memória-fagulha VI.

Se o museu exalta e preserva uma memória colonial do alto da serra, nem por isso perdemos de vista a memória ancestral dos tupiniquins que habitaram este território antes da invasão dos portugueses. Se o incêndio revela a complexidade dos paradoxos intrínsecos ao patrimônio, ele também não é capaz de aniquilar os rastros dos ingleses que persistem na vegetação, na arquitetura e nos modos de vida. As tentativas reiteradas de apagamento dos conflitos e tensionamentos não se consolidam, pois as forças ativas e reativas escapam e se atualizam nos novos capítulos da história. Quem se esforça para esconder as cinzas pretende negar o fogo que impiedosamente derrubou o castelo (e antes dele as casas da varanda velha, a estação e os arquivos da estrada de ferro) ou as fagulhas que continuam queimando e estremecendo o desejo de eternidade animado por algumas verdades? Quando dizem que a solução seria arrancar o imbirí do solo, por tratar-se de uma planta-rizoma estrangeira, me pergunto se a intenção de expulsá-lo tardiamente não buscaria suprimir as marcas – de sangue, violência, exploração e dominação – inscritas na paisagem com o simples avanço da mata nativa. As próximas gerações conheceriam o seu passado genocida se não fossem os vestígios guardados pela terra e pelo mar? Vestígios inclusive dos invasores, não para serem consagrados, mas para serem deglutidos¹⁴⁰ pelas narrativas-moléculas desconsideradas pelos registros-saberes oficiais.

¹⁴⁰ “Absorver o outro e, neste processo, alterar-se. Deuses, inimigos, europeus” (CASTRO, 1992, p. 32).

Encontros IV.

No porão da pousada os memorialistas, em um sábado à noite, assistimos ao lançamento do documentário “de Paranapiacaba ao Peabiru.”¹⁴¹ Logo na chegada nos deparamos com a agitação dos anfitriões arrastando panos pelo chão. O recipiente de vidro contendo litros de cachaça e dezenas de frutos de cambuci se espatifara sobre o balcão. O líquido envelhecido há mais de um ano inundou o piso, exigindo o recuo das cadeiras, e se alastrou pelo ar, convidando ao público que lhe prestasse atenção. Enquanto aguardávamos para entrar pensei no quão singular seria aquela exibição, pois se estivesse em casa eu não recolheria as impressões das interferências – odores, sombras, ruídos – que invadiam e alargavam a tela de projeção. Lembrei de outra ocasião em que visitei o mesmo porão e me deparei com as garrafas de suco de uva do Rio Grande do Sul. Um dia eu estava sentada no sol, na praça ao lado do clube, e a dona da pousada dividiu comigo os biscoitos japoneses que trazia nas mãos. Desde então viajo para a vila e busco sembe com gergelim no mercado do Santo em Rio Grande da Serra. As memórias destes lugares são afetivas e concretas, pois nasceram das derivas do corpo – de suas hesitações, percalços e surpresas – ao longo de quatro anos de pesquisa. São as marcas que querem falar dos espaços, dos encontros e das escutas. São os gestos, rituais, vozes, sabores, aromas, sons, imagens e silêncios incorporados. É a neblina dançando e rodopiando no céu a cada fim de tarde, é a paisagem recebendo uma camada provisória de vapores que lhe roubam a estabilidade, é a impossibilidade de ver para poder sentir e imaginar os devaneios do tempo, é delirar em seus devires e depois perder-se em suas ruas esquecidas¹⁴².

¹⁴¹ OSHIRO, Ale. **De Paranapiacaba ao Peabiru**. Santo André/SP, 2021.

¹⁴² “Perder-se numa cidade, como alguém se perde numa floresta, requer instrução” (BENJAMIN, 1987, p. 73).

Vertigens IV.

Carregando meus pertences nas costas desembarquei no meio do nevoeiro e vaguei durante uma hora procurando a única porta da qual possuía as chaves e o segredo. Depois de dois anos afastada pela pandemia, eu não recordava o nome da rua, tampouco o número da casa onde dormiria por quinze dias. As placas homenageando Antonio Olyntho, Campos Salles e Alfredo Maia nada me diziam acerca do meu paradeiro nas voltas em torno das quadras com seus imóveis cor de vagão. Abri um portão, subi as escadas que levavam até a varanda de tábuas e trilhos e somente ao avistar os móveis através das janelas abertas é que percebi que continuava perdida. Os detalhes – as cortinas, os objetos e, sobretudo, a fechadura – forneciam pistas acerca dos abismos a serem contornados e ultrapassados ao caminhar: a necessidade de prosseguir e persistir nas linhas de errância, assumindo os acasos como destino¹⁴³. De tanto observar as sutilezas do chão e das fachadas, redefinindo inúmeras vezes o ritmo dos passos, acabei por situar-me junto às peças de cerâmica suspensas sobre a porta que desvelaria imediatamente um mundo familiar. As gatas miando, a toalha de mesa amarela, o ferro antigo de passar, as latas penduradas na parede, a coleção de tijolos enfileirados e dentre eles um cozido pelas chamas do incêndio do castelo. Fragmentos dispersos reunidos na “cesta das estrelas”¹⁴⁴, onde há muita poeira, teias de aranha, resquícios do fogo, da terra e do tempo, versos-ementes a serem semeados neste grande útero e implacável túmulo que é o universo.

¹⁴³ “Improvisar é ir ao encontro do mundo, ou confundir-se com ele. Saímos de casa no fio de uma cançãozinha. Nas linhas motoras, gestuais, sonoras que marcam o percurso costumeiro, enxertam-se ou se põem a germinar linhas de errância, com volteios, nós, velocidades, movimentos, gestos e sonoridades diferentes” (DELEUZE; GUATTARI, 2012b, p. 123).

¹⁴⁴ LE GUIN, Ursula K. A ficção como cesta: uma teoria. In: **Dancing at the Edge of the World: Thoughts on Words, Women, Places**. Tradução: Priscilla Mello. New York: Grove Press, 1989, s/n.

Vertigens V.

Se o gramado do campo de futebol era o refúgio de uma pesquisadora-andarilha nos dias secos e ensolarados, as salas da biblioteca abrigavam-lhe durante as chuvas e os temporais. Quando os primeiros pingos caíam os pés caminhavam em direção aos livros e às gavetas dos arquivos povoadas por recortes de jornais. Horas de silêncio e penumbra interrompidas apenas pelo barulho da água e dos trovões. As lâmpadas dos cômodos permaneciam sempre desligadas em detrimento das janelas abertas, assim a luz proveniente de fora irradiava sobre as páginas atribuindo-lhes temporariamente as suas colorações. Por vezes o corpo precisou forjar passagens nas mesas abarrotadas de volumes até as beiradas. Não havia lugar para ler ou escrever ali, então uma vida se encarregou de inventá-lo. As crianças fizeram o mesmo ao se deitarem no tapete situado logo na entrada. Afastaram os móveis, calçados e papéis e transformaram-no em um refúgio para sonharem acordadas. Desde que as portas se fecharam para conter a proliferação do vírus, infantes e viajantes não encontram espaços públicos disponíveis para o pouso. A trégua antes concedida pelo clube, pela biblioteca ou pelo café se converteu na clausura do espaço doméstico ou no desalento – quase desespero – de andar na rua sem parar. Restaram os bancos e calçadas quase sempre vazios de segunda a sexta-feira e molhados na medida em que as nuvens desaguam. Aos sábados, domingos e feriados a vila continua recebendo os turistas e proporcionando-lhes o acesso aos bares, restaurantes e mercados. Ao partirem, os funcionários da prefeitura aparecem para recolher o lixo, lavar o meio fio, trancar os portões do museu e inspecionar minuciosamente as carcaças e relíquias do patrimônio.

Campo II.

O restauro do campo causou o seu soterramento: caminhões puseram toneladas de terra sobre as gramíneas verdes. As pedras e buracos espalhados pelo terreno inviabilizaram qualquer aproximação: só é possível transitar nas margens do canteiro de obras, lá dentro veem-se máquinas paradas e arquibancadas destruídas. Uma placa do tamanho de uma goleira informa a previsão para a reinauguração: levará mais de ano para alguém sentar-se novamente naquele chão. Onde estarão as crianças e adolescentes que reuniam-se ali para empinar suas pipas e jogar futebol? Quantas tardes recorri ao gramado desaparecido para pensar e elaborar os descarrilhamentos da pesquisa? Posicionando cadernos e canetas entre as trilhas das formigas entendi a necessidade de atentar aos fluxos da paisagem, desprendendo-me, portanto, dos diálogos evitados pelos moradores. Interessava-me não sucumbir nem desistir diante de tais recusas, mas tatear e experimentar o campo – de pesquisa – a fim de conhecê-lo de outras maneiras. Não me dirigiria mais às cercas das casas, mas à rua, tanto na parte baixa quanto na parte alta, indo e vindo, atravessando a ponte, acompanhando o pátio de manobras, de manhã cedo ou sob a luz da lua, com chuva ou sol, inverno ou verão. Um mês pode durar uma vida – centelhas seguirão reverberando e acendendo fogueiras em terras-escritas distantes – foi o que aprendi com Paranapiacaba em julho de 2019. Como colocar as fagulhas na mala?

Desvios XVI.

A floresta da mata atlântica abriria seus caminhos de serrapilheira justamente quando o corpo parecia cansado de alguns trajetos costumeiros: as andanças flertavam menos com os acasos e improvisos na medida em que a vila tornou-se casa e afastou-se tanto quanto possível das forças do caos. As visitas sucessivas criaram condições para que um território se estabelecesse e junto dele a necessidade do abandono e da ultrapassagem: “o território¹⁴⁵ é, ele próprio, lugar de passagem.”¹⁴⁶ O pequeno núcleo urbano marcado pelas tentativas de ordem e simetria arremessaria a pesquisadora para dentro do bioma que envolve Paranapiacaba. As trilhas seriam percorridas com euforia e espanto, entre árvores e poças de lama, na companhia de cobras, pássaros e insetos. Líquens e cogumelos despontariam de maneira sutil e inesperada, crescendo sobre galhos frágeis e troncos arruinados. Apesar das fortes chuvas e constantes erosões os fungos trabalhariam decompondo a matéria orgânica acumulada e florescendo nos recantos mais improváveis. Somente com o olhar atento às margens da estrada é que poder-se-ia localizá-los em sua diversidade de cores, texturas e tamanhos. As impermanências descortinadas cotidianamente pela mata levariam a pensar nos limites e contradições de considerá-la enquanto parte do patrimônio. O parque municipal das nascentes possui suas regras, guaritas e fiscais, no entanto, não há meios para controlar, prever ou conservar os devires das espécies e do próprio relevo.

¹⁴⁵ Um território está sempre em vias de desterritorialização, ao menos potencial, em vias de passar a outros agenciamentos, mesmo que o outro agenciamento opere uma reterritorialização” (DELEUZE; GUATTARI, 2012b, p. 144).

¹⁴⁶ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs vol. 4**. São Paulo: Editora 34, 2012b, p. 139.

Memória-fungo II.

Ao deixar o solo encharcado e retornar para os paralelepípedos com os tênis embarrados vi as manchas de líquens se proliferando na ponte e nos dormentes da ferrovia lá embaixo. As madeiras arduamente restauradas não hesitaram em receber companheiros, incorporando-os nos limites de suas fronteiras¹⁴⁷. “Olhe para fora. Quem está conectado a quem e como?”¹⁴⁸ Os postes de concreto são cor de ferrugem desde que uma camada aveludada de algas e fungos se estendeu sobre eles. Há também os postes de trilhos oxidados, ambos sustentando os fios de eletricidade pendurados em suas extremidades. As cercas e as locomotivas estacionadas a céu aberto revelam a mesma tonalidade alaranjada, cadeados, correntes, fechaduras e chaves. No telhado das casas a umidade deu lugar ao limo e no seu interior propiciou o avanço progressivo e degradante do mofo. A natureza não recuou diante do tombamento e da exigência de preservação do conjunto habitacional e do antigo sistema funicular implementados no alto da serra, bem no meio da mata atlântica ocupada pelos povos originários. As feridas sangrentas provocadas na paisagem pelos ingleses o húmus, a água, as plantas e demais microrganismos vem tratando de cicatrizar. Histórias são contadas e o passado se desfaz em poeira, em nuvem, em fumaça. As estátuas-monumentos viram argila e tornam-se suscetíveis à desmontagem e ao desabrochar de novas formas, de novos versos e imagens. Trata-se de metabolizar, destruir para recomeçar.

¹⁴⁷ “Se a madeira raramente escapa da atenção dos fungos, é comum que os fungos escapem da nossa” (SHELDRAKE, 2021, p. 199).

¹⁴⁸ SHELDRAKE, Merlin. **A trama da vida**: como os fungos constroem o mundo. São Paulo: Fósforo / Ubu, 2021, p. 189.

PARTE IX:

“Grande parte da terra é rocha sólida, lentamente se despedaçando.”¹⁴⁹

¹⁴⁹ SHELDRAKE, Merlin. **A trama da vida**: como os fungos constroem o mundo. São Paulo: Fósforo / Ubu, 2021, p. 107.

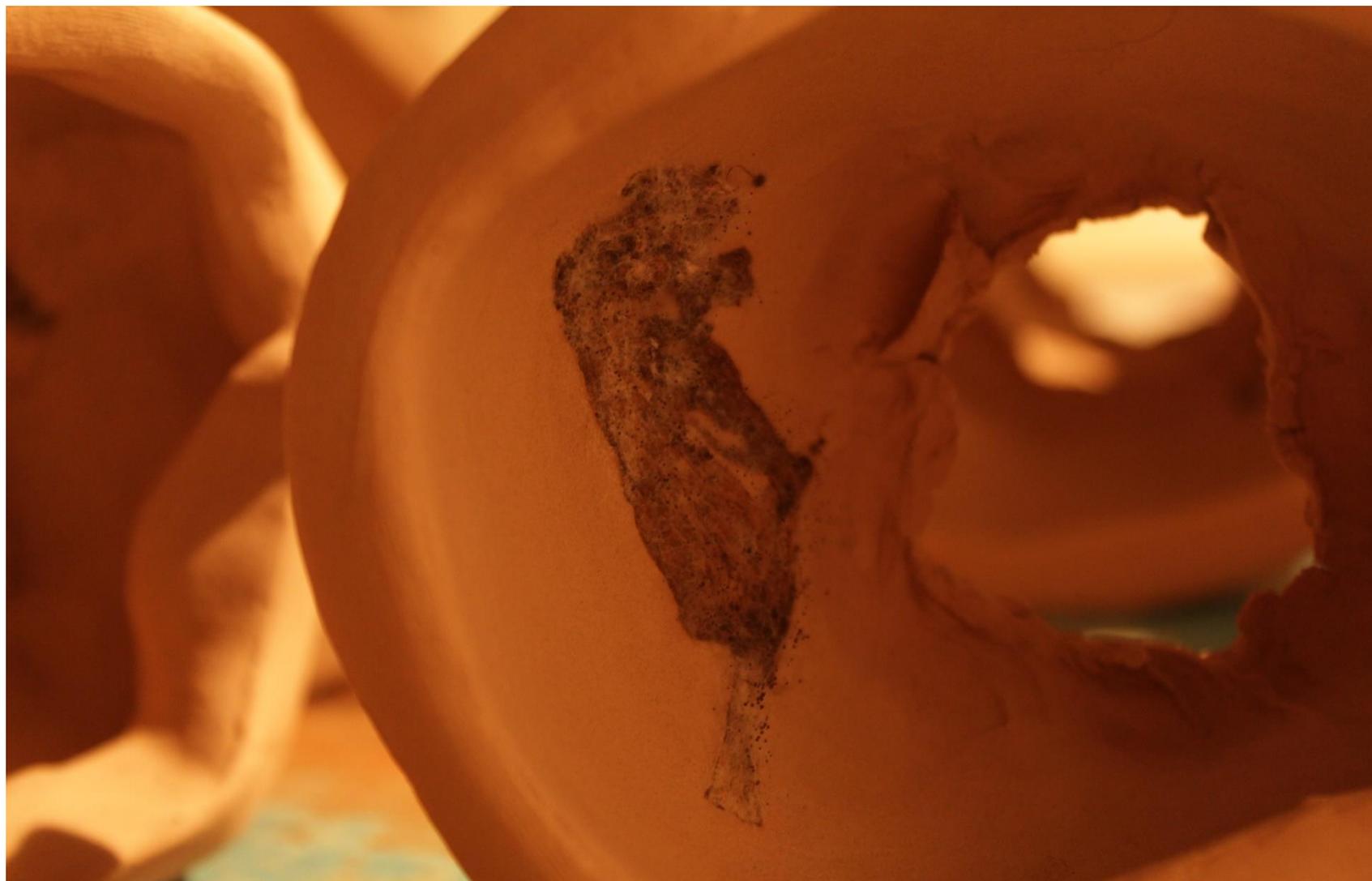


Figura 36: Rodas mofadas.

Decantação II.

Quantas cidades morrem quando um punhado de terra se transforma em argila? Quantas minhocas, aranhas e formigas presenciam o desmoronamento de seus ninhos e túneis subterrâneos enquanto uma pá revira e recolhe os fragmentos do solo? Quantas perturbações os trilhos da ferrovia causaram ao se deitarem sobre o chão povoado por uma multidão de organismos vivos? Bactérias, fungos e raízes, personagens invisíveis para o progresso e incansáveis perscrutadores do seu declínio: “aqui tudo parece que era ainda construção e já é ruína.”¹⁵⁰ Nos poros e fendas que se abrem vicejam as plantas e enzimas responsáveis pela metabolização das estruturas colapsadas. Sem demora, estradas, estações e máquinas abandonadas acumulam corpos de habitantes inesperados: os passageiros desembarcados dão lugar a uma trama complexa que reinventa o presente liquefazendo o passado. A terra em contato com a água vira tinta que escorre dentro de casa. O jornal acolhe o líquido recém saído da peneira, a qual retém os grãos de areia, as pedras, sementes, folhas e incontáveis vidas imperceptíveis a olho nu. Sabe-se do movimento desesperado das minhocas, aranhas e formigas na tentativa de se esquivarem da enxurrada que poderia afogá-las debaixo da torneira. A sua dança apressada em busca de sobrevivência constrange o processo de decantação em curso: quantas cidades aquela argila depois de pronta seria capaz de inaugurar? Quantas espécies conseguiriam abrigar-se em suas estrias? As memórias ao se afundarem nas poças de lama renasceriam de seus esquecimentos esculpidos pelos dedos¹⁵¹.

¹⁵⁰ VELOSO, Caetano. **Fora da ordem**. Rio de Janeiro: Circuladô, 1991.

¹⁵¹ “Memória e esquecimento são forças cuja atuação recíproca possibilita o movimento” (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 138).

Encontros V.

Um artista de Paranapiacaba extraiu doze cores de tinta do solo de Taquarussu – vila responsável pelo fornecimento de lenha e carvão para as locomotivas da São Paulo Railway. Toni escavou as camadas da região e delas apreendeu uma pequena porção para colorir suas telas de tecido e gravuras em papel. As esculturas-casulos espalhados pelo seu ateliê, bem como as máscaras e potes de cerâmica pendurados nas paredes, guardam os resquícios do chão. As mãos de Toni procuram delicadamente pelas fissuras do patrimônio: quando a encosta do castelo cedeu ele estava lá no dia seguinte para averiguar se as feridas da superfície regurgitavam a argila depositada nas profundezas rochosas. Sempre que a terra se dilata expondo as suas rachaduras os artistas correm sobre elas, equilibrando-se nos abismos do tempo¹⁵². O relevo, afinal de contas, guarda os rastros dos nossos antepassados. Os anacronismos se materializam nas incrustações, sedimentações, deslizamentos e explosões, visibilizando processos contínuos e inacabados que irradiam luzes trêmulas, tal como estrelas enterradas. Seguir suas pistas intermitentes e fugazes exige certa disponibilidade para a obscuridade, seja da escuridão da noite, seja da própria neblina que vai esfacelando as linhas da paisagem. Os desenhos da mata atlântica produzidos por Toni são invenções, frutos de sua imaginação, se quisesse representações fidedignas trabalharia com fotografias, mas prefere a folha em branco coberta por garoas e chuviscos. Me pergunto se uma pesquisa pode se construir assim, entre lembranças e traços enevoados¹⁵³. Não há forma sem a deformação, não há obra sem o fogo que tudo evapora e faz ruir. Será a arte um luto instaurador de metamorfoses?

¹⁵² “Como conhecer o tempo? Conhecendo a experiência de beirar abismos?” (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 126).

¹⁵³ “As lembranças me surgem velozes como nuvens” (COUTO, 2003, p. 61).

Fumaça e neblina IV.

Diálogos de orientação: Cláudia ao mencionar a pesquisa acrescentou-lhe a palavra neblina, sem deixar entre elas um espaço ou uma vírgula com a sua respiração. Enxerguei apenas um hífen no ar indicando que ali havia uma conexão ou uma espécie de fusão. Lembrei então do comentário bordado nas margens do texto pelas agulhas poéticas e precisas de Luis Artur: “a estilística da tua escrita traz consigo um movimento de molecularidade que digere, faz-desfaz, o visto e o vivido em nova trama, uma trama que dissolve molaridades em molecularidades fractais, que faz o/a leitor/a constantemente perder referências, adentrar o onírico ou a vertigem. Matéria extensa que verte a si mesma em chama, ou seja, em processo de combustão a acontecimentalizar o molar em molecularidades muitas: cinzas, fuligens, fumaças, calor a agitar elétrons”. Trata-se de compor e decompor uma tese em partículas de neblina e fumaça, perdendo-se e reencontrando-se em meio às forças dionisíacas que implodem e recriam as formas apolíneas. O corpo, testemunha dos aparecimentos e desaparecimentos das imagens, imprimi-lhes uma duração com as suas membranas vibráteis. As impermanências forjam giros, saltos, quedas e desvios – a memória se balança na corda bamba dos acontecimentos arrancando os seus devires ao delirar. Os descarrilhamentos, mortes e incêndios aglutinam-se em nuvens densas que pouco a pouco se dissipam no céu e se misturam aos excrementos da terra, esse grande intestino “sem horizonte – digestão e detritos por toda parte.”¹⁵⁴ As peças de barro não querem desenhar caminhos a não ser para extraviá-los: brincar de se desfazer no encontro com a água e de se refazer na companhia do fogo, ou vice-versa. Abrir e fechar os poros para as correntes de ar, adquirindo fluidez uma vez mais, “como as pedras duras um dia acordam dunas.”¹⁵⁵

¹⁵⁴ SHELDRAKE, Merlin. **A trama da vida**: como os fungos constroem o mundo. São Paulo: Fósforo / Ubu, 2021, p. 31.

¹⁵⁵ BASTOS, Patrícia. **Miss tempestade**. São Paulo: Zulusa, 2013.

Memória-fungo III.

“Todo monumento tem uma camada de líquens.”¹⁵⁶ A sua presença implacável corrói qualquer promessa de eternidade. Rochas e estátuas imponentes devém argila ao serem exploradas por fungos fotossintetizantes¹⁵⁷. Relíquias se desintegram contrariando as ordens de preservação do patrimônio e expondo suas superfícies frágeis e permeáveis aos reveses do mundo. Há ruínas e seus ruídos por todo lado – ali cambaleantes se erguem os sonhadores. Histórias adormecidas despertam e desabrocham quando o agora é tocado pelos sopros-faíscas de outrora – sinos, apitos, risos, passos, partidas e paradas. As mãos esculpem o presente no mesmo ritmo em que despedaçam o passado: “os fungos podem gerar cogumelos, mas primeiro devem desfazer outra coisa.”¹⁵⁸ Uma série nasce da morte que lhe antecedeu: blocos de argila precisam se decompor antes de ressurgirem das cinzas. Obras se desintegram, pedaços de pensamentos-imagens-conceitos-e-afetos, repousando no fundo de um recipiente de plástico como barcos naufragados. Não há garantias, não há certezas, apenas jogos e ritornelos dançando sobre a página e sobre a mesa. Há um desejo-devaneio de ser chama, de acender a escrita a ponto de queimá-la e vê-la dissipar-se através de um canto-ritual de esquecimento. Tudo corre perigo se há fagulhas por perto, e estas nunca se apagaram desde que as caldeiras das primeiras locomotivas se acenderam.

¹⁵⁶ SHELDRAKE, Merlin. **A trama da vida**: como os fungos constroem o mundo. São Paulo: Fósforo / Ubu, 2021, p. 87.

¹⁵⁷ “Os líquens permitem que a massa mineral inanimada dentro das rochas passe para o ciclo metabólico dos seres vivos. Habitam a fronteira entre a vida e a não vida” (SHELDRAKE, 2021, p. 88).

¹⁵⁸ *Ibidem*, p. 251.

Memória-barro VII.

Uma criança adentra o ateliê-clínica e produz o seu próprio canto-território ao aproximar-se do barro. A melodia que acompanha o corpo em seus volteios e traquinagens é delicada e persistente. A terra líquida corre entre os dedos e inunda a palma das mãos. As linhas da paisagem tremem e sofrem erosão. O exercício das formas recomeça, ora inclinando-se ao vento, ora afundando-se na água, e só é abandonado quando um determinado contorno adquire consistência, o que não lhe torna menos suscetível aos imprevistos e acidentes. Assegurar um lugar provisório às pequenas esculturas, ao invés de destruí-las prontamente, não implica em consagrá-las ou protegê-las do caos. Um dia cheguei em casa e minha gata havia derrubado os trabalhos construídos pela criança ao longo de várias semanas. Só restaram os cacos espalhados pelo chão. Recolhi todos eles e coloquei-os no espaço antes ocupado pelas flores e cavalos mágicos. Me perguntei sobre os efeitos do desencantamento da matéria na carne, como escutá-los e elaborá-los junto a uma vida de institucionalizações e perdas. Propus que reciclássemos a argila e a deixássemos ser um amontoado de lama no fundo do oceano criado por nós. A criança aceitou a proposta e com coragem entregou os pedaços de suas antigas peças ao desconhecido, observando com atenção e entusiasmo a corrosão lenta e irreversível. Maravilhada disse do seu reencantamento quando as obras beiravam à desterritorialização¹⁵⁹. Esquecidas do que foram e grávidas de horizontes, elas, assim como os pássaros, contornavam a força da gravidade e preparavam-se para alçar voo.

¹⁵⁹ “O mundo se fez em pedaços e é preciso criá-lo de novo” (CORTÁZAR, 2015, p. 480).

Digestão IV.

Se um punhado de terra deixa de ser casa, rua ou cidade ao misturar-se com a água apartado do solo, uma esfera úmida de argila torna-se novamente habitável a partir da entrada das plantas e seus companheiros fúngicos. “Vivemos e respiramos no espaço aberto pela decomposição. Se pudéssemos interrompê-la, pilhas de corpos com quilômetros de profundidade se acumulariam no planeta. Consideraríamos isso uma crise, mas do ponto de vista dos fungos seria um amontoado enorme de oportunidades.”¹⁶⁰ Quando galhos secos, cascas, folhas, flores e sementes se acumulam nos arredores de uma tese, é porque pretende-se forjar um modo de cultivá-los e digeri-los dentro dos limites do ateliê. O barro se oferece enquanto um grande intestino capaz de deglutir e deslocar a matéria, destrinchando-a conforme estabelece alianças e parcerias com outros organismos¹⁶¹. Nós apenas proporcionamos os reencontros: da terra com seus frutos e raízes, mas não controlamos nada do que acontece depois. Meses atrás uma criança escavou uma montanha de argila e nela enterrou sementes graúdas de plátanos que estavam guardadas em uma caixa de papelão. Perdemos-las de vista ao serem depositadas numa espécie de fenda ou ferida engolida pela opacidade. A avalanche de cor cinza e marrom encobriu os vestígios das árvores plantadas e regurgitadas durante a sua metabolização – neste caso, não ver-se-ia o seu florescimento ou a sua evolução – no sentido de rolar para fora – mas a sua involução ou tendência de rolar e virarem para dentro¹⁶². As sutilezas revelariam um universo minúsculo em profícua mutação: bordas estouradas, micélios esticados, ilhas de colônias constituídas e interligadas. O tempo fabricando uma trama, a trama da vida que é, por sua vez, indissociável da morte.

¹⁶⁰ SHELDRAKE, Merlin. **A trama da vida**: como os fungos constroem o mundo. São Paulo: Fósforo / Ubu, 2021, p. 196.

¹⁶¹ “Não se trata mais de impor uma forma a uma matéria, mas de elaborar um material cada vez mais rico, cada vez mais consistente e apto a captar forças cada vez mais intensas. O que torna o material cada vez mais rico é aquilo que faz com que heterogêneos mantenham-se juntos” (DELEUZE; GUATTARI, 2012b, p. 149).

¹⁶² SHELDRAKE, Merlin. **A trama da vida**: como os fungos constroem o mundo. São Paulo: Fósforo / Ubu, 2021, p. 160.



Figura 37: Esfera-cidade de argila.

Desvios XVII.

Em dezembro de 2021 deixei Paranapiacaba com uma mochila nas costas e uma muda de cambuci nos braços. A árvore frutífera nativa da mata atlântica crescia dentro de um pequeno vaso de plástico. Uma porção do solo úmido e fértil da região lhe acompanhava em sua viagem até o bairro bom fim em Porto Alegre. Precisei andar de ônibus, trem e avião para chegar em casa. Chovia e fazia frio na plataforma da estação de Rio Grande da Serra naquela sexta-feira. As pessoas embarcavam carregando sacolas e presentes embrulhados em papéis coloridos: era véspera de Natal. Crianças corriam e choravam enquanto os adultos se amontoavam nos assentos e banalizavam o uso da máscara. Estávamos no meio de uma pandemia e de um surto de gripe já instaurado no estado de São Paulo. Através da porta de vidro assisti por mais de uma hora a paisagem urbana desenhando prédios, praças, estradas, indústrias, carros e transeuntes atordoados. Ao lado dos trilhos um depósito de máquinas abandonadas: ali avistei um antigo vagão da linha Santos-Jundiaí de cor verde claro enferrujado. No cemitério de locomotivas a céu aberto a imagem do declínio e do sucateamento das ferrovias no Brasil. Uma linha tênue entre carcaças e relíquias, umas ao relento, outras endereçadas ao museu. As últimas pairando sob a poeira, e não sob a chuva, apenas em função de suas relações estreitas com os colonizadores. O que eles tocaram não pode se quebrar, apodrecer ou simplesmente desaparecer com os vermes. Como abrir os arquivos com a ajuda dos fungos? Os bolores se alastram nas paredes das casas em Paranapiacaba e se deitam sobre folhas, tecidos e fotografias engavetados. Os alimentos protegidos do ar e da umidade ainda são devorados pelo mofo. Não há estagnação, apesar da fiscalização minuciosa a corrosão, a degradação, a oxidação, a evaporação e a decomposição avançam impassíveis. A muda de cambuci não sobreviveu ao verão da capital. Os galhos estreitos carregados de folhas secaram lentamente, a despeito de toda água derramada em suas raízes. A terra escura e porosa entrou em decantação e dela saiu com textura macia e elástica. A argila-memória continuaria criando mundos a partir de suas experiências, incorporando as perdas, abalos e cicatrizes, sem a pretensão de enrijecê-los a ponto de não mais se moverem.

Desvios XVIII.

Um monitor ambiental da vila questionou qual a relação dos trilhos com os fungos na minha pesquisa. Se eu iniciara o doutorado interessada pela ferrovia como poderia terminá-lo observando cogumelos na mata? Percorri a trilha em silêncio pensando como durante quatro anos consegui provocar tamanho descarrilhamento em minhas ideias. Do trem ao barro, do barro ao micélio, seria possível armar esta teia sem escorregar e cair em seus vãos? Os fios produzidos dariam sustentação para uma tese e uma vida tramada juntamente com ela? Depois de atravessarmos as poças de lama e avançarmos em direção à rua com os pés encharcados, eu permanecia com muitas perguntas e nenhuma resposta. Andei sozinha até o pátio onde as máquinas e seus vagões eram manobrados naquele sábado à tarde. Enxerguei líquens sobre os dormentes e lembrei dos cogumelos nascendo nos troncos das árvores em decomposição. O solo habitava as estradas de ferro tanto quanto suas entranhas eram habitadas por elas. As fronteiras entre os trilhos e o chão esfacelaram-se – ou talvez nunca tenham existido – permitindo a circulação de multidões de passageiros não humanos – plantas, fungos, algas, bactérias e animais. Assim que os trabalhadores terminaram de abrir os caminhos para as locomotivas passarem, movimentos subterrâneos e nas bordas da superfície já tratavam de desviá-los. Os estratos ao modo dos pergaminhos guardaram resquícios dos nossos ancestrais, povos indígenas que caminharam por estas trilhas erráticas antes de elas servirem ao progresso e ao seu sonho de fumaças e epidemias trazidas pela industrialização¹⁶³. Se a malha dilatou e expandiu as suas conexões por todo território nacional antes de se fragmentar, as linhas de micélio aproveitaram-se tanto da inauguração quanto da desativação das estações e armazéns, envolvendo-os em uma única costura. “Uma rede micelial é um mapa da história recente de um fungo e um lembrete útil de que todas as formas de vida são, na verdade, processos, não coisas. A natureza é um evento que nunca para.”¹⁶⁴

¹⁶³ “Nós nunca morremos de fome na floresta. Só morremos da fumaça de suas epidemias” (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 486).

¹⁶⁴ SHELDRAKE, Merlin. **A trama da vida**: como os fungos constroem o mundo. São Paulo: Fósforo / Ubu, 2021, p. 64.

Variação IV.

Ao prestar atenção no objeto desta pesquisa – a memória – percebo que foi ela que se distendeu e mudou de forma conforme perambulou e se alimentou do mundo: memória-trilho, memória-fogo, memória-barro, memória-fungo, ambas debruçadas sobre as cidades e dedicadas a reinventá-las a partir da ficção¹⁶⁵. São Salvador, Paranapiacaba e Porto Alegre, cada uma proporcionou ao corpo um conjunto distinto de afecções. A primeira trouxe à tona as imagens e ruídos de uma ferrovia subtraída da paisagem, a outra afundou a ferrovia no barro fazendo dela uma escultura em chamas, e a última constituiu-se enquanto uma espécie de útero ou casa para um pensamento acometido pela vertigem de suas derivas. O corpo só é capaz de narrar sobre aquilo que o atravessou – feriu ou encantou. A escuta tornou estes versos possíveis, sem ela eu desconheceria as histórias que agora me constituem. A memória, como o micélio, “produziu um excesso de ligações, vagando incessantemente para fora e além dos seus limites.”¹⁶⁶ Ela se espalhou pelos territórios e deles apreendeu a matéria que a nutriu. As suas hifas cresceram e se ramificaram por diferentes estados sem nunca perderem o contato entre si, como se houvesse uma estação – que nunca é a mesma – para a qual sempre retornamos durante a nossa viagem. Tal estação se parece com o próprio exercício da escrita que é retomado a cada novo fragmento. Saímos da plataforma e nos sentamos encostados na janela, as questões passam por nós outra vez, e isso se repete variando e varia repetindo sem que nos levantemos para descer.

¹⁶⁵ “A ficção seria mais uma ação criadora de realidades a qual nos permitiria complexificar a trama do real com a densificação (multiplicação) das relações que o constituem através das composições ficcionais e sua especial habilidade em apanhar o furtivo movimento das virtualidades” (COSTA, 2014, p. 559). “A ficção mescla, de um modo inevitável, o empírico e o imaginário” (SAER, 2009, p. 2).

¹⁶⁶ SHELDRAKE, Merlin. **A trama da vida**: como os fungos constroem o mundo. São Paulo: Fósforo / Ubu, 2021, p. 58 e 59.

PARTE X:

E agora, rolar para onde?

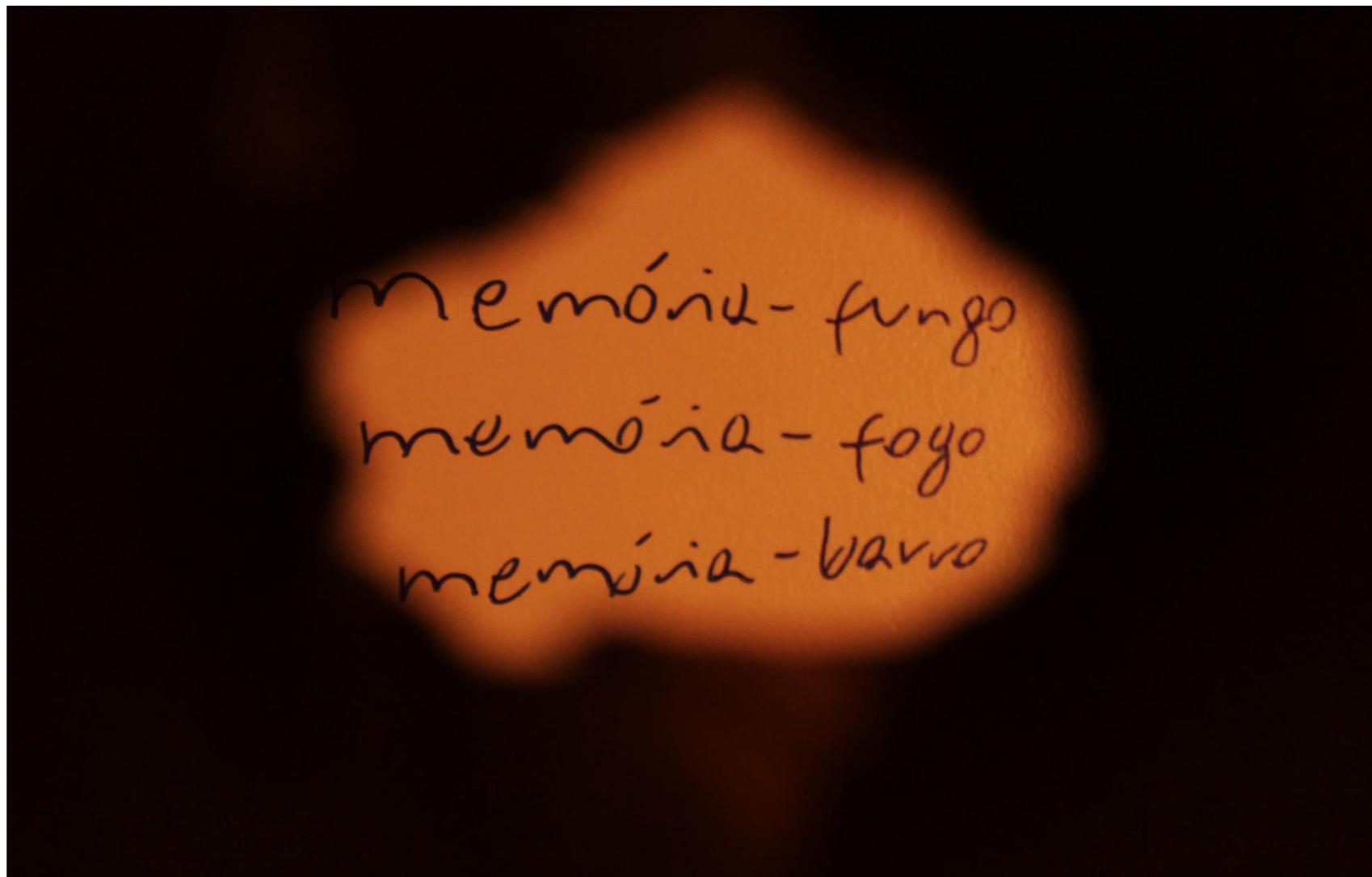


Figura 38: Olhar através do barro II.

Memória-barro VIII.

As rodas nasceram de um pensamento caótico e insone. As palavras brotaram em um fluxo contínuo e desenharam uma passagem por dentro da noite escura embalada pelos ruídos da rua. Sem hesitar a memória esticou o seu fio e nele pendurou as imagens poético-conceituais que animaram a sua travessia – pequenas luzes delineando um caminho de pesquisa. Meu corpo inquieto percorreu várias vezes a extensão da folha rabiscada na manhã seguinte. As inscrições condensavam e relançavam a conversa infinita propagada por uma tese enquanto é tecida dia e noite, noite e dia, até abandonar-se a sua própria decomposição. As palavras saltaram do papel para o barro e assim iniciaram o seu processo de transmutação. A terra destrinchou as formas e colocou-as em movimento ao incorporá-las nas rodas que giram para além de si mesmas. O barro ao devorar as letras se levantaria contra toda e qualquer tentativa de ver-se reduzido a uma definição. Não, eu não gostaria de chamar uma peça sempre pelo mesmo nome ou de aprisioná-la nesta relação com a palavra. Preferiria libertá-la para que fosse muitas e nenhuma ao perder-se em meio à multidão. O que seria o esquecimento se não a possibilidade de deformar as coisas a tal ponto de não mais reconhecê-las em seu eterno retorno? Aceitar que nada permanece e que tudo perece o tempo inteiro. Extraviando as camadas que lhe antecederam, uma nova série se esparramou sobre a mesa e convocou a paisagem – com seus desvios e vertigens – para se fazer presente entre o dentro e o fora, diluindo as suas fronteiras. No horizonte mais próximo uma chama se manteria acesa à espera da argila que fora rio, pedra e cidade antes de afundar-se nas cinzas e transformar-se em ruínas.

Variação V.

memória fogo fagulha fuligem fumaça neblina cinza (evaporação) pó terra água ar argila planta fungo líquen (decomposição) ferrugem
ferrovia trilho estação locomotiva vagão ruína anjo (oxidação) relíquia museu arquivo patrimônio história colonização (preservação)
antropofagia criança esquecimento luto paisagem vertigem palimpsesto fragmento ficção (digestão) imagem tempo amor fati invenção
matéria movimento retorno desvio memória (decantação)

Memória-barro IX.

No encontro com a criança modeliei as primeiras tiras e as empilhei em um único círculo. Ao alisar a argila com as mãos empurrei os excessos do barro para baixo, descobrindo uma moldura de paredes finas e delicadas. O fundo não se fecharia por completo, guardaria abertura suficiente para os acasos, as cores e as linhas da cidade¹⁶⁷. Avistar-se-iam os prédios de concreto, as nuvens dançando no céu e os fungos forjando parcerias no chão, cada qual entoando a sua melodia. As árvores perdendo suas folhas e flores logo no início do outono, o sol entrando pela janela, a vida se reinventando a cada dia, a cada passo, a cada respiração. Quando a peça secou e se despreendeu do jornal que absorvia a sua umidade, experimentei colocá-la de pé para enxergar através de seu corpo vazado. Os buracos nas extremidades permitiriam a aproximação da grama, da terra, da areia, da água e do fogo. Imaginei os círculos perambulando pelo mundo, cruzando a porta do meu apartamento e descendo as escadas em direção à calçada. Pensei que pudessem ser as rodas de um trem desenhando os seus trilhos de micélio junto às paisagens. Ao segurá-las perto do meu rosto percebi o recorte inevitável que imprimiam ao meu redor: olhando por meio delas operar-se-ia uma subtração, tal como na recordação e na relação entre a memória e o esquecimento. Eu segurava em minhas mãos uma espécie de câmera de barro com a qual não seria capaz de fotografar, apenas mirar e deslocar os retratos efêmeros descortinados pelo tempo.

¹⁶⁷ “Algo só é uma obra de arte se guarda vazios suficientes para permitir que neles saltem cavalos” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 196).



Figura 39: Olhar através do barro III.

Decantação III.

A matéria-prima utilizada na construção das rodas passou por diversos processos de extração e decantação: revirei o solo de Paranapiacaba, São Salvador e Porto Alegre para incorporar a terra destas três casas em meu trabalho. Reuni peças antigas da clínica e da pesquisa – peças que caíram e quebraram, peças que explodiram durante uma queima, peças que já estavam com uma grossa camada de pó deitada sobre elas – e acrescentei os restos de argila acumulados no ateliê mergulhando-os na água. Por dias e semanas os potes e baldes ficaram espalhados do banheiro à lavanderia aguardando o momento de subirem na mesa e despejarem seus excrementos na peneira. Inúmeras folhas de jornal acolheram o barro molhado e o secaram com a ajuda do vento. Aglutinei os pedacinhos de argila em esferas que cabiam na palma das mãos, separei-as por cores e as envolvi em embalagens de plástico para que, protegidas do ar, mantivessem a umidade necessária à modelagem. Cada roda foi antes uma esfera que se formou a partir das poças de lama. As terras da vila, da redenção e do jardim de minha vó se misturaram com outras camadas do chão de São Paulo através das argilas prontas diluídas no vasto oceano desta pesquisa. A névoa apareceria uma vez mais diante da imprecisão provocada pelos hibridismos. Se alguém indagasse sobre a composição de uma roda dentre as quarenta e cinco que existem, eu diria que ela é o efeito concreto de uma série de múltiplos encontros e reencontros que aconteceram nos últimos quatro anos.

Variação VI.

Um novo jogo se constituiu e reivindicou o seu devido tempo e espaço no cotidiano do ateliê. Se antes as sessenta e quatro peças desenhavam uma ilha sobre a mesa, agora as rodas concebiam estradas com desvios e bifurcações. O jogo de outrora propunha arranjos entre pares – o arquivo e o palimpsesto, a criança e o anjo da história, a fagulha e o patrimônio, a fumaça e a neblina, a antropofagia e o esquecimento – enquanto que nesta obra os corpos de barro se moveriam em torno das operações e paradoxos desdobrados pela ética da memória: a evaporação, a decomposição, a oxidação, a preservação, a digestão e a decantação, cada qual com o seu próprio enxame de abelhas metabolizando o pólen de floradas heterogêneas. As palavras convocariam a experiência e esta povoaria o pensamento com imagens – fagulhas incendiárias que alimentariam o potencial de combustão encarnado por este trabalho. As cenas testemunhadas e os contágios sofridos inundariam os poros da pesquisadora atenta aos murmúrios da criação: a escrita não manteria nada em seus antigos lugares, nos arredores do barro e na imanência do fogo ela se dilataria para acolher as intensidades da vida e da morte, do acaso e da destruição. Aqui, dir-se-ia não à conservação e sim ao declínio, tal como Zaratustra que ama o sol justamente porque ele se põe no fim do dia¹⁶⁸.

¹⁶⁸ “Como fazes tu à noite, quando segues por trás do mar e levas a luz também ao mundo de baixo, ó estrela pródiga! – assim como tu, eu tenho que declinar” (NIETZSCHE, 2012, p. 206). “Amo com todo o meu amor aqueles que declinam: pois eles passam para o outro lado” (NIETZSCHE, 2011, p. 191).

Variação VII.

Se o fogo provocaria a *evaporação* do patrimônio e a neblina a sua subtração temporária, os fungos seriam responsáveis pela *decomposição* da matéria. A fumaça e a fuligem apareceriam tanto nas memórias das locomotivas e dos incêndios quanto nas queimas subterrâneas do barro, ambas proliferadoras de cinzas e fagulhas. Entre uma chama e outra o tempo da *decantação* e da construção de narrativas capazes de transmitirem o vivido através de um exercício de imaginação: como dar corpo aos afetos? Como transformar a terra em argila? Como reunir a poeira das estrelas? A água desenharia poças de lama no parque e sobre a mesa, acelerando os processos de *oxidação* das cercas e das carcaças ao relento: em Paranapiacaba cresceriam plantas e líquens nas superfícies úmidas devoradas silenciosamente pela ferrugem. Os restos da ferrovia – trilhos, dormentes, máquinas e estações – sofreriam tamanha erosão que seus poros permaneceriam abertos e inundados pelos acontecimentos e reveses do mundo. Às ruínas viriam se opor as relíquias marcadas pelo desejo de *preservação*: retidas no museu elas resistiriam ao trabalho antropofágico de *digestão* capaz de destrinchar e deglutir os fardos pesados do arquivo. Apontar-se-ia o luto como alternativa ao ressentimento, para que a vida pudesse se reinventar ao ser descarrilhada pelo tempo: as paisagens em vertigem se ocupariam do instante da queda, da ruptura e do extravio, não para combatê-los, e sim para incorporá-los aos fragmentos delirantes e desviantes de uma memória em constante desterritorialização. “A desterritorialização não exclui uma reterritorialização, mas a afirma como a criação de uma nova terra por vir.”¹⁶⁹

¹⁶⁹ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** São Paulo: Editora 34, 2010, p. 107.

Tremores III.

Se o barro propiciaria a digestão e a decomposição das plantas através dos fungos, o patrimônio receberia os inquilinos com a condição descabida de que não interferissem na paisagem como o limo, o mofo e as samambaias já o faziam bem antes do tombamento. Os líquens, contrariando os limites impostos pela conservação, avançariam sobre o pinho de riga utilizado pelos ingleses para erguer as casas, o cinema, o clube e as arquibancadas do campo de futebol em Paranapiacaba, colorindo-os no ritmo de sua desintegração. A sua presença perturbaria os fiscais preocupados com a persistência dos monumentos, pois estes, assim como as rochas, correm perigo de se deformarem a ponto de adquirirem uma “consistência semelhante à da argila.”¹⁷⁰ As peças de argila e as carcaças das locomotivas, diferentemente das estátuas que reverenciam os colonizadores, não lutariam contra as transformações outorgadas pela passagem do tempo. Seguiriam suscetíveis aos balanços e tremores descortinados pelo ar, pela água e pelo fogo, assumindo as impermanências da vida que devolvem as formas aos fluxos nos jogos de força entre a criação e a destruição. O que seria preciso esquecer para que um novo começo pudesse florescer? O que se buscaria perder e reencontrar de decantação em decantação senão a possibilidade de continuar reinventando a existência? Não seria isto aquilo que anima a travessia de quem escreve e de quem pesquisa? Tornar-se outros a partir da chama que queima as nossas certezas e que nos oferece as cinzas para que ao escavá-las nos deparemos com a diferença que tanto procurávamos?

¹⁷⁰ SHELDRAKE, Merlin. **A trama da vida**: como os fungos constroem o mundo. São Paulo: Fósforo / Ubu, 2021, p. 87.

Memória-barro X.

“É preciso lembrar-se também do que esquece por onde passa o caminho.”¹⁷¹ O barro se despediria de suas antigas formas e insistiria no equilíbrio provisório das rodas – fendas díspares que revelariam fragmentos da paisagem – enquanto escutasse a sua pulsação. Se elas rolassem sobre a mesa, escalassem as paredes, ultrapassassem a casa e ganhassem o mundo, então respirariam ar puro e se renovariam a cada nova conexão estabelecida pela pesquisa-micélio. Se nelas se inscrevessem as marcas dos itinerários percorridos e dos acidentes e imprevistos sofridos, então o caos não seria apartado da obra e esta continuaria sensível ao balanço – e às interpelações – da vida. O barro ensinaria a brincar com o tempo e com os seus desmoronamentos, como a criança com o seu “sagrado dizer-sim”¹⁷², devolvendo à matéria e à memória o enigma do vir a ser: para onde vão as peças e as palavras esquecidas? Quantas histórias naufragam em pequenos barcos de argila ou ardem em fogueiras esfomeadas até adquirirem uma voz? Quantas brasas animam uma tese que não começa e nem termina, apenas prolonga e intensifica os efeitos de sua duração? Escorregam entre os dedos e dançam diante dos nossos olhos as fagulhas andarilhas que gestam futuros insuspeitos e imprevisíveis. Por enquanto, as mãos continuam debruçadas sobre as rodas, modelando-as num gesto de repetição e variação, deixando-se conduzir pelo processo que em seus inacabamentos expõe as frestas por onde poderemos passar – não para sair, mas para entrar uma vez mais no desconhecido. “Será preciso sempre outros artistas para fazer outras fendas, operar as necessárias destruições, talvez cada vez maiores, e restituir assim a incomunicável novidade que não mais se podia ver.”¹⁷³

¹⁷¹ Heráclito de Éfeso. **Pré-socráticos**. São Paulo: Nova Cultural, 1999, p. 95.

¹⁷² NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 29.

¹⁷³ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** São Paulo: Editora 34, 2010, p. 240.



Figura 40: Olhar através do barro IV.

“Pois todas as coisas o fogo sobrevivendo discernirá e empolgará, acendendo-se e apagando-se em medidas.”¹⁷⁴ O eterno retorno das chamas envolvendo o patrimônio de Paranapiacaba e o barro que a pesquisadora incorporou em sua primeira imersão no vilarejo. Depois de inalar a fumaça do incêndio, acompanhar as nuvens densas de fuligem, andar sobre as cinzas quentes e no meio das ruínas descobrir as fagulhas acesas e os rastros dos artistas, a experiência e o pensamento se dilataram de maneira abrupta e irreversível. Eu não conheceria esta tese se antes não tivesse pisado neste lugar e em tantos outros onde os meus pés se afundaram até fabricarem um trilho de memórias para subirem e descarrilharem. O encanto e a vertigem da viagem se espalharam pedindo tempo e espaço: tempo para que o corpo pudesse sentir a matéria e os seus deslocamentos, espaço para que a narrativa começasse a passar através dos poros. O barro que vi nas locomotivas modeladas pelas ceramistas em julho de 2019 ofereceria um território para a pesquisa justamente quando Tania nos deixou e uma pandemia mortificante se alastrou. Assim como os ateliês da vila repousariam nas imediações do pátio da ferrovia, as experimentações com os blocos de argila não se afastariam de um desejo de evaporação e dissolução – “absoluta inquietude e metamorfose do fogo.”¹⁷⁵ As rodas encharcadas de água já carregariam em seu horizonte a fogueira e os porões úmidos da terra. Para lá seguiriam entoando um ritual de passagem: há uma morte entranhada em toda forma de vida¹⁷⁶.

¹⁷⁴ Heráclito de Éfeso. **Pré-socráticos**. São Paulo: Nova Cultural, 1999, p. 90 e 94.

¹⁷⁵ *Ibidem*, p. 107 e 108.

¹⁷⁶ “Fixo instantes súbitos que trazem em si a própria morte e outros nascem – fixo os instantes de metamorfose e é de terrível beleza a sua sequência e concomitância” (LISPECTOR, 1990, p. 17). “Eu sempre sonho que uma coisa gera, nunca nada está morto. O que não parece vivo, aduba. O que parece estático, espera” (PRADO, 1979, p. 27).

Desvios XIX.

Nas dobras entre o dentro e o fora a potência dos desenquadramentos: as rodas retornariam às palavras para borrá-las com as suas sombras, circulariam pela cidade produzindo retratos da efemeridade, assumiriam a sua condição de abertura e porosidade ao perseguirem os descaminhos. Os corpos de barro que secavam sobre a mesa reticentes para acolherem as inscrições em sua carne viram-nas subirem as paredes do ateliê e ali constituírem morada – até a próxima reforma ou camada de tinta. Antes de afluírem para dentro do texto, elas percorreram as superfícies da terra ao concreto, forjando alianças que não pretendiam eliminar os tensionamentos, tampouco salvá-las das intempéries. Algumas palavras seguem molhadas como a argila transpirando água, outras já petrificaram, mas basta uma chuva torrencial para que se desintegrem. Há um risco nesta fragilidade, pois tudo pode ruir e desmoronar o tempo inteiro, como um castelo de areia ou as pegadas na beira da praia que as ondas invariavelmente abraçam e apagam. Os desarranjos, sob a perspectiva de um pensamento trágico, também favorecem os rearranjos: desobrar¹⁷⁷ para que a obra seja capaz de distender os seus limites, mergulhando na imensidão do plano de composição e nele descobrindo o impossível – ou o que permanecia invisível até então. As rodas em sua retomada não enquadrariam as palavras e não seriam enquadradas por elas, antes as deformariam a ponto de multiplicarem os seus sentidos. Quarenta e cinco peças penduradas ao vento sacudiriam as ideais empoeiradas e adormecidas. À noite, sob os feixes de luz amarelos, os círculos de barro deslizariam sobre a parede como um bando de pássaros voando entre letras e rabiscos no céu. A cada nova explosão de uma imagem-nuvem ou estrela respiraríamos as suas moléculas em dispersão.

¹⁷⁷ “Desobra: extravio e criação” (BLANCHOT, 2008, p. 256).

Recomeços I.

Quando as rodas enfileiradas sobre a mesa aguardavam pelos acasos e acontecimentos da rua, eis que decidi afundá-las e dissolvê-las na água¹⁷⁸. As argilas de múltiplas cores e lugares se misturaram formando uma montanha com vinte e dois quilos de barro. A implosão das formas as colocaria outra vez em movimento: os restos seriam assimilados pela matéria líquida e fluida e as mãos viajariam tateando os recomeços. Caberia ao corpo esperar durante três dias para que a lama não escapulisse mais entre os seus dedos. A massa tornar-se-ia modelável na medida em que se desgrudasse do jornal encharcado, carregando pequenos filetes de palavras para dentro de seu estômago implacável. Doze esferas se dividiriam pouco a pouco nas tiras que sustentariam os círculos em seu retorno descompassado: a umidade do ar aumentaria e junto dela o desequilíbrio das peças. Pensei que não chegaríamos ao fim – e este de fato se mostrou inalcançável. A obra, como o micélio, trans-borda, pois não é possível aplacar os seus excessos. Quando me preparava para sair com as rodas que secavam sob os raios de sol, o céu se fechou e choveu uma semana inteira sem parar. O tempo descarrilhava as urgências que pulsavam em mim. Os planos submetidos a sua própria decomposição abririam espaço aos desvios e vertigens presentes no percurso desta pesquisa. Ao me dirigir ao parque em busca dos cogumelos e das flores que lá estavam esparramados pelo chão antes da tempestade, constataria o seu desaparecimento com hesitação. Como fotografar os excrementos das árvores se os seus galhos agora estavam ressequidos? Procurei em vão os vestígios dos fungos pelo gramado. Esperar-se-ia até a chegada das próximas estações? Ou assumiríamos o desfazimento enquanto uma operação indispensável aos volteios e acrobacias de uma tese debruçada sobre memórias embaralhadas e fugidias¹⁷⁹?

¹⁷⁸ “Para que a forma não se congelasse em rigidez e frieza egípcias, de tempos em tempos a maré alta do dionisiaco torna a desfazer todos aqueles pequenos círculos da vontade apolínea” (NIETZSCHE, 2007, p. 65).

¹⁷⁹ “Tudo de hoje – cai, decai: quem ia querer segurá-lo?” (NIETZSCHE, 2011, p. 200).

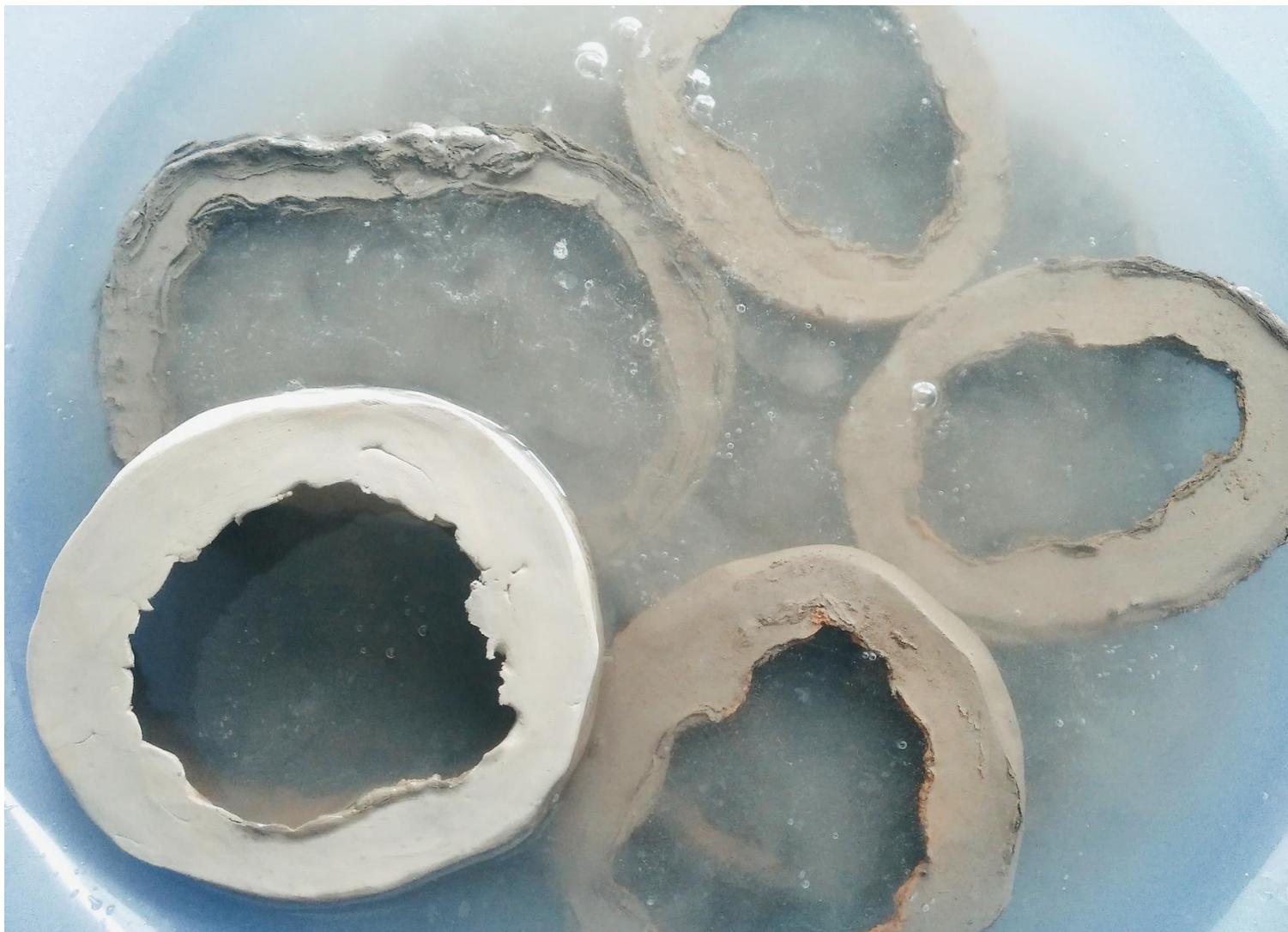


Figura 41: Decomposição II.

Notas de desembarque II

Memória-fogo IX.

O buraco já estava lá no quintal do ateliê quando chegamos para fazer a queima das quarenta e cinco rodas. Os vestígios das últimas fogueiras repousavam em meio aos excrementos da terra molhada. Em outra ocasião a chuva constrangeu o fogo e dissipou o calor do forno subterrâneo. As cinzas, os galhos e os pedaços de argila que restaram amontoados pelo chão contavam a história da chegada repentina da água e do alagamento dos corpos de barro depositados logo abaixo das chamas. Naquele sábado ensolarado só veríamos estrelas povoando um vasto céu acinzentado conforme anoitecia e a lenha estourava. O frio e o sereno exigiriam que nos aproximássemos das bordas do buraco iluminado pelo processo de combustão. Uma cortina alaranjada dançaria diante dos nossos olhos, aquecendo-nos e oferecendo-nos as suas fagulhas bailarinas. A fumaça criaria lacunas na paisagem e assim se perderia a nitidez dos contornos e das formas entregues a sua subtração temporária. Através de uma pilha de serragem e matéria orgânica em decomposição as rodas mergulhariam no desconhecido e de lá retornariam irreconhecíveis: na manhã seguinte desenterrariamos as peças sobreviventes e perscrutariamos as marcas irreversíveis deixadas pelo seu cozimento. Tratar-se-ia de um ritual para transformar a argila em cerâmica e as despedidas em recomeços: desembarcar para embarcar uma vez mais num vagão que ainda não chegou, mas que há de vir, pois está sempre a caminho.

Memória-barro XI.

Na véspera da queima enrolei cada uma das rodas em um tecido colorido daquele antigo espetáculo de dança cujas luzes se apagaram. Os figurinos abrigariam as peças impedindo-as de se quebrarem com o atrito da viagem. Os lenços bordados de lantejoulas revestiriam a caixa de papelão que consegui adentrando o depósito do supermercado. A lenha rosada de eucalipto – combustível utilizado na sustentação prolongada do fogo – encontraríamos na beira da estrada. Ao nos retirarmos do centro da cidade o silêncio gentilmente se impôs. As ruas de terra que nos levaram até o quintal do ateliê-casa estavam cercadas pela mata e sua umidade. Ao cruzarmos o portão, sem demora surgiram as crianças, os gatos e as árvores carregadas de bergamotas maduras. Enquanto desenrolava os círculos de barro escutava os ruídos sutis que pulsavam a minha volta: a paisagem devolvia uma certa lentidão ao meu corpo. Coloquei demoradamente as plantas – folhas, flores, cascas e sementes recolhidas ao longo dos últimos meses – dentro do buraco e sobre elas deitei a argila. Os restos em decomposição apanhados no chão de Porto Alegre e São Salvador agora seriam submetidos à metabolização propiciada pelas chamas e não mais pelos fungos. Interessava-me reunir todos estes elementos em uma única e grande fogueira para que coagulassem ou evaporassem dispersando as suas partículas pelos ares.

Memória-fagulha VII.

Quando a lenha se transformou em carvão e as brasas caíram sobre a pilha de serragem o fundo do buraco acendeu-se. O olhar abandonou o fulgor das chamas em detrimento das luzes frágeis e efêmeras que piscavam no ritmo do seu desaparecimento. Nos porões escuros da terra um céu estrelado se fez. Acompanhei a rápida multiplicação dos astros conforme o fogo destrinchava a madeira e derramava suas lavas como um vulcão. A camada densa de fuligens depositada nos arredores das peças se ofereceria enquanto tecido para uma dança trágica envolvendo luto e desejo, vida e morte, memória e esquecimento. Os corpos de barro reapareceriam em meio às cinzas animados pelas cores disseminadas pelo calor: a argila incandescente deixaria ver suas paredes incendiando, ora contraindo-se, ora dilatando-se. O pêndulo entre a cristalização e a implosão das formas oscilava incansavelmente, sem oferecer certezas ou garantias. Restariam apenas os cacos das rodas no amanhecer do dia seguinte? Ou elas suportariam a aventura de brincar com o fogo sem se partirem? Fechamos o buraco e ficamos com o cheiro da fumaça impregnado em nossa pele, cabelos e casacos. Subimos em direção ao sótão e somente depois de a neblina se dissipar pela manhã é que nos debruçamos sobre os escombros. Uma a uma, as rodas saíram e se espalharam pela grama – todas foram desenterradas e nenhuma se quebrou, ainda assim, o seu encanto – e a sua pulsação – residiriam não na conservação, mas na diferença incomensurável que trouxeram à tona.

Recomeços II.

Na véspera da queima sonhei com a destruição: imaginei as rodas atravessando o fogo e dele se afastando em ruínas. Os estilhaços é que viriam a ser recolhidos, peças desmontadas, círculos cindidos. Acordei e permaneci envolvida pela melodia destas imagens. O ritual de finalização do processo do doutorado produziria restos a serem narrados em outros versos e em outros espaços. Sustentaria a minha posição de que com o barro eu não esperava mumificar a vida ou o pensamento, mas colocá-los em movimento. Não supunha que o solo da experimentação se revelasse tão fértil a ponto de fazer brotar os recomeços. Com espanto e entusiasmo descobri as cores e texturas das rodas ao proceder com a escavação. Enquanto tateava suas bordas, desvencilhando-as das cinzas, os acordes do piano rompiam as fronteiras da casa e alcançavam-nos no quintal. Ouviam-se os burburinhos das crianças brincando e a chaleira apitando no fogão. Assim como a fumaça da fogueira subira e entrara pelas janelas na noite anterior, agora os ruídos transbordavam e se propagavam para além dos cômodos dilatando os nossos poros. Alegrava-me estar ali imersa nesta trama heterogênea de acontecimentos: por um lado a argila regressando da terra como cerâmica, por outro os afetos borbulhando nas paisagens sonoras que se entrelaçavam ao nosso redor.

Digestão V.

Se as rodas ressurgiram depois que o fogo se apagou, em seus vãos guardariam abertura suficiente para o por vir. O vazio que cada uma contém se emprestaria aos caminhos que ainda não trilhei. Há muito chão a ser percorrido na medida em que os corpos rolares para fora desta tese. Sinto o cheiro de ar puro chegando, fecho os olhos e vejo as imagens-memórias esvanecendo após fazerem a sua travessia. Ao adentrarem as páginas elas provocaram o rodopio das palavras que cerziram os fragmentos dedicados à incorporação, à decomposição e à evaporação do passado inscrito no presente. A escrita pretendia metabolizá-las acompanhando os seus desdobramentos e cambalhotas nos interstícios do tempo. Os trilhos afundaram no pergaminho da pesquisa agora povoado de terra, restos de matéria orgânica e redes miceliais. Os dormentes remanescentes da ferrovia receberam colônias de líquens e fungos comprometidos com as metamorfoses através do trabalho de digestão: tratar-se-ia desde o princípio de produzir as enzimas para ser capaz de narrar sobre o vivido sem sucumbir a ele. O que procuramos quando saímos pelo mundo a escutar? O que encontramos senão as linhas desenhadas pelas paisagens em nossa carne? O que transmitimos senão os rastros de um pensamento marcado pela experiência da deriva e do deslocamento?

Despedidas I.

A última vez que sonhei com Tania estávamos sentadas diante de um vasto campo de capins verdes esvoaçantes. O vento balançava seus cabelos grisalhos que haviam crescido até a altura dos ombros. Envolta em uma manta vermelha ela combatia o frio que nos arrebatava. Eu me acomodara no chão ao lado de sua cadeira, e apesar de nos olharmos inúmeras vezes não dizíamos nenhuma palavra. O céu permanecia nublado e o silêncio do reencontro não me causava vertigem, apenas uma estranha sensação de serenidade. As urgências cessaram de repente e uma trégua se impôs: nela pude finalmente descansar dos esforços empenhados na fabricação de um conhecimento erigido a partir das entranhas – do meu próprio corpo, do tempo e da terra. No horizonte avistávamos a imensidão e isto bastava para que nos demorássemos naquele instante raro de contemplação. Madrugada adentro senti a presença de Tania como um sopro empurrando o barco desta pesquisa adiante – ultrapassando os limites do texto que já foi escrito.

Referências

- ABREU, Caio Fernando. **Mel e Girassóis**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- ANDRADE, Oswald de. **Manifesto antropófago e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**. São Paulo: Unicamp, 2011.
- BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.
- BARTHES, Roland. **Diário de luto**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BASTOS, Patrícia. **Miss tempestade**. São Paulo: Zulusa, 2013.
- BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BENJAMIN, Walter. **O anjo da história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- BENJAMIN, Walter. **Imagens de pensamento. Sobre o haxixe e outras drogas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: UFMG, 2018.
- BERGSON, Henri. **Memória e vida**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BISPO, Antonio. Começo, meio e começo. **Revista Revestres**, vol. 51, 2022.
- BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- BLANCHOT, Maurice. **La conversación infinita**. Madrid: Arena Libros, 2008.

BOURGEOIS, Louise. **Destrução do pai, reconstrução do pai**: escritos e entrevistas 1923-1997. São Paulo: Cosac & Naify, 1992.

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. O mármore e a murta: sobre a inconstância da alma selvagem. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 35, p. 21-74, 1992.

CEZAR, Brida Emanoele Spohn; COSTA, Luis Artur. O luto diante da tragédia das imagens. In: FONSECA, Tania Mara Galli (et. al.). **Imagens do fora**: um arquivo da loucura. Porto Alegre: Sulina, 2018, p. 211-223.

CÍCERO, Antonio. **Guardar**: poemas escolhidos. Rio de Janeiro: Record, 1996.

CORTÁZAR, Julio. **O jogo da amarelinha**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

COSTA, Luis Artur. O corpo das nuvens: o uso da ficção na psicologia social. **Fractal: Revista de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 26, p. 551-576, 2014.

COUTO, Mia. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Sobre o teatro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs vol. 1**. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs vol. 3**. São Paulo: Editora 34, 2012a.

- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs vol. 4**. São Paulo: Editora 34, 2012b.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs vol. 5**. São Paulo: Editora 34, 2012c.
- DELIGNY, Fernand. **O aracniano e outros textos**. São Paulo: n-1 edições, 2015.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Editora 34, 1998.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **A imagem queima**. Curitiba: Medusa, 2004.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vagalumes**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. Cascas. **Revista Serrote**, São Paulo, n. 13, p. 99-133, 2012.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **A imagem sobrevivente**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Levantes**. São Paulo: Edições Sesc, 2017a.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Quando as imagens tomam posição**. Belo Horizonte: UFMG, 2017b.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Remontagens do tempo sofrido**. Belo Horizonte: UFMG, 2018.
- EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- FÉDIDA, Pierre. **L'absence**. Paris: Gallimard, 1978.
- FERRAZ, Geraldo. **Doramundo**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1975.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Sete aulas sobre linguagem, memória e história**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

GENET, Jean. **O ateliê de Giacometti**. São Paulo: Cosac & Naify, 2000.

GENETTE, Gérard. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

GIACOIA, Oswaldo. Necessidade, liberdade e repetição: sobre a potência do paradoxo. **Revista Brasileira de Psicanálise**, Rio de Janeiro, v. 46, p. 89-104, 2012.

GIACOIA, Oswaldo. **Agamben: por uma ética da vergonha e do resto**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

HERÁCLITO de Éfeso. **Pré-socráticos**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LAVANDER, Moysés; MENDES, Paulo Augusto. **SPR: memórias de uma inglesa**. São Paulo: s.n., 2005.

LE GUIN, Ursula K. A ficção como cesta: uma teoria. In: **Dancing at the Edge of the World: Thoughts on Words, Women, Places**. Tradução: Priscilla Mello. New York: Grove Press, 1989.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

LLANSOL, Maria Gabriela. **Finita: diário II**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

LLANSOL, Maria Gabriela. **Inquérito às quatro confidências: diário III**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

MAZZOCO, Maria Inez; RODRIGUES, Cecilia. **De Santos a Jundiá: nos trilhos do café com a São Paulo Railway**. São Paulo: Magma Cultural, 2005.

NASCIMENTO, Milton. **Ponta de areia**. Rio de Janeiro: Minas, 1975.

NERUDA, Pablo. **Residência na terra II**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

NIETZSCHE, Friedrich. **Segunda consideração intempestiva**: da utilidade e desvantagem da história para a vida. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, demasiado humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce homo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, demasiado humano vol. II**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017a.

NIETZSCHE, Friedrich. **Vontade de potência**. Rio de Janeiro: Vozes, 2017b.

OSHIRO, Ale. **De Paranapiacaba ao Peabiru**. Santo André/SP, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UVHVNDNzxRtA>. Acesso: 10/01/2022.

PRADO, Adélia. **Bagagem**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.

ROLNIK, Suely. Esquizoanálise e antropofagia. In: ALLIEZ, Éric (org.). **Gilles Deleuze: uma vida filosófica**. São Paulo: Editora 34, 2000, p. 451-462.

SAER, Juan José. O conceito de ficção. **Revista Sopro**, n. 15, p. 1-4, 2009.

SARAMAGO, José. **A caverna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SHELDRAKE, Merlin. **A trama da vida: como os fungos constroem o mundo**. São Paulo: Ubu / Fósforo, 2021.

SHÖPKE, Regina. **Matéria em movimento: a ilusão do tempo e o eterno retorno**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

TSING, Anna Lowenhaupt. **The mushroom at the end of the world: On the possibility of life in capitalist ruins**. Princeton: Princeton University Press, 2015.

TSING, Anna Lowenhaupt. Paisagens arruinadas (e a delicada arte de coletar cogumelos). **Cadernos do Lepaarq**, Pelotas, v. 15, n. 30, p. 366-382, 2018.

UNO, Kuniichi. **A gênese de um corpo desconhecido**. São Paulo: n-1 edições, 2012.

VELOSO, Caetano. **Fora da ordem**. Rio de Janeiro: Circuladô, 1991.

WISNIK, José Miguel. **Maquinação do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.